Orlando Cassique

TAMBOUROS E VOZES DO ITAPOCU



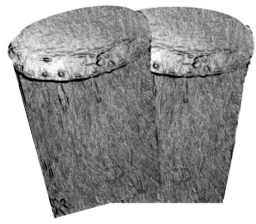
FACULDADE DE
LINGUAGEM
Língua Portuguesa
CUNTINS-UFPA

35 anos
CURSO DE
Letras
FAL/CUNTINS/UFPA



Em memória do professor Orlando Cassique.

TAMBOUROS E VOZES DO ITAPOCU



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor
Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor
Gilmar Pereira da Silva

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ

Coordenadora
Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares

Vice-Coordenador
Eraldo Souza do Carmo

FACULDADE DE LINGUAGEM LÍNGUA PORTUGUESA

Diretora
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

Vice-Diretor
Luis de Nazaré Viana Valente Sousa

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO DO CAMPUS

Benedita Celeste de Moraes Pinto, Cézar Luís Seibt, Doriedson do Socorro Rodrigues,
Edir Augusto Dias Pereira, Fabrício de Souza Farias, Gilcilene Dias da Costa,
João Batista do Carmo Silva, Jorge Domingues Lopes, Kelli Garboza da Costa

TAMBOUROS E VOZES DO ITAPOCU

Orlando Cassique

35 anos
CURSO DE Letras
FAL/CUNTINS/UFPA

Todos os textos deste livro estão sob a licença Creative Commons – Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Publicação de relatórios técnico-científicos correspondentes ao subprojeto de pesquisa "As marcas africanas do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá: um resgate sociogeográfico", vinculado ao projeto "Descrição fonético-fonológica do português falado por comunidades negras remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá (PA)", aprovado pela Resolução CONSEP/UFPA n.º 2.101/93, cuja responsabilidade é da Profa. Regina Célia Fernandes Cruz Trindade e a supervisão é da Profa. Dra. Maria Leopoldina Sousa de Araújo. Período de execução: outubro de 1994 a agosto de 1995 e setembro de 1995 a agosto de 1996.

Colaboraram para elaboração dos Relatórios originais

Transcrições	Edinaldo Pompeu Rodrigues Gilma Pinto Magalhães Janilde Medeiros Lima Maria Graildes Gaia Lima Vitória Lúcia Albuquerque Miranda
Datilografia	Manoel do Carmo Freitas Coelho
Digitação	Francisca Maria Carvalho Larissa Latif Plácido Saré Rosana Siqueira Carvalho
Revisão	Larissa Latif Plácido Saré
Apoio logístico	Lenira Andrade Lindoval Gaia
Assessoria de informática	Avelino Koenig Vladimir Augusto de Carvalho Lobo
Agradecimentos	Profa. Dra. Telma Lobo Prof. Dr. José Carlos Cunha Secretaria Municipal de Saúde de Cametá

Apresentação

O **Curso de Letras/Língua Portuguesa** foi ofertado, pela primeira vez, no Campus Universitário do Tocantins/Cametá da Universidade Federal do Pará em 1987, a partir do projeto institucional de Interiorização do ensino. Com a consolidação da oferta em Cametá e, depois, nos municípios circunvizinhos (Baião, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará), o Curso de Letras chega aos seus **35 anos**, tendo já graduado mais de 1500 profissionais para o ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas. Além dessa formação para o ensino, nosso corpo docente realiza ações extensionistas e de pesquisa, que envolvem um percentual considerável de alunos e alunas, tal como o fazia o saudoso professor Orlando Cassique, durante seus muitos anos de magistério e pesquisa dedicados ao nosso Campus de Cametá.

Assim, para marcar esta data comemorativa, a Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa tem o prazer de publicar "**Tambouros e Vozes do Itapocu**", obra que reúne dois relatórios de uma pesquisa conduzida pelo próprio professor Cassique sobre a língua portuguesa falada em comunidades quilombolas de Cametá e que, sem dúvida, contribuiu para ampliar o conhecimento linguístico e, ao mesmo tempo, incentivou discentes do curso de Letras para trilharem os caminhos da pesquisa científica.

Profa. Dra. Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa
Diretora da Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária “Salomão Larêdo”

C345t Cassique, Orlando
Tambouros e vozes do Itapocu / Orlando Cassique, Doriedson do Socorro Rodrigues ... [et al.] (colaboradores), Jorge Domingues Lopes (organizador). _Cametá: UFPA /CUNTINS/FAL, 2022.
150 p. : il.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-88140-13-0

1. Sociolinguística. 2. Geografia linguística. 3. Dialetologia - Pesquisa – Cametá (PA). 4. Língua portuguesa – Cametá (PA) - Variação. I. Cassique, Orlando. II. Título.

CDD – 23 ed. 410

Elaborado por Éder Antônio Sousa Ferreira – CRB-2/1276

Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa (FAL/Campus de Cametá-UFPA)
Trav. Pe. Antônio Franco, 2617, Bairro da Matinha, CEP 68400-000 Cametá-PA, Brasil
faculdadelinguagem@ufpa.br

Sumário

Prefácio
O português falado quilombola do baixo Tocantins e a iniciação científica em Letras **11**

TAMBOUROS DO ITAPOCU **15**

Muito prazer! **16**

Inevitável encantamento **17**
O "Já me Vu" e a "Mãe do Corpo" 17
O chamado dos quilombos 19

Ao abrigo dos açoites **20**
"(...) comme des animaux (...)" 20
Improvisos e bandurras 21
A "influência" e o "cumpanherismu" 25
Nas brenhas, a liberdade 29
O bambaê e a feira 31

Um jeitoso convívio **32**
Assuntando tudo 32
O catecismo e o questionário 33
A "seiva" colhida 34
Um pouco mais de luz 36

Quem falou das marcas **39**

Os primeiros rebentos **45**
Simplificadas marcas 45
"muitus tempu", "várias histurinha" 46
"nós fala", "nós falava", "nós falemu" 48
"tei-tei", "teité", "teteé" 54
O "qué tá" dos "parentes" 55
"Dava cinco, seis..." 59
Criatividade tateada 68
Mãos dadas sob testemunho 70

Daqui pra frente... ..... **71**

VOZES DO ITAPOCU **73**

Apresentação **74**

Introdução **75**

Projeto Itapocu **77**

As escolas 77

Diagnóstico 78

A base sociolinguística 80

Crítica do corpus 83

Resultados obtidos **86**

Marcadores gramaticais 86

Simplificação verbal: a 2ª conjugação nos falares das comunidades negras do Itapocu 86

Ideofones 96

Emprego dos clíticos **101**

Narrativas orais **103**

NARRATIVA 01: São Miguel e o enforcado 104

NARRATIVA 02: O parceiro desastrado 106

NARRATIVA 03: Um medroso maior que o outro 110

NARRATIVA 04: A briga na Tomásia 112

NARRATIVA 05: Chica, a macaca assassinada 113

NARRATIVA 06: Tocu, o cunhado camarada 114

NARRATIVA 07: O cavalo magro e o macaco papa milho 117

NARRATIVA 08: Zeca, o caça-macaco 119

NARRATIVA 09: Não é fácil tirar peixe do tronco oco 120

NARRATIVA 10: A velha, a bolsa, a toalha e os três pretinhos 122

NARRATIVA 11: A caçada 125

NARRATIVA 12: Na varrida foi encontrar com a Tia Onça 127

NARRATIVA 13: A Cobra grande e a moça 129

NARRATIVA 14: Carregar farinha pra beira não é moleza 131

NARRATIVA 15: O papa-merda 133

NARRATIVA 16: O galo e o nome do primogênito 135

NARRATIVA 17: O casamento da Guiomar 138

NARRATIVA 18: As peripécias de João e Maria 140

NARRATIVA 19: O papagaio, a coruja e o macaco 142

NARRATIVA 20: A visita dos Apóstolos de Cristo 144

Referências **147**

PREFÁCIO

O português falado quilombola do baixo Tocantins e a iniciação científica em Letras

Na década de 1980, o Campus Universitário do Tocantins/Cametá, por meio do Projeto de Interiorização da UFPA, recebeu sua primeira turma de Letras – Língua Portuguesa, formando um conjunto de homens e mulheres para atuarem com ainda mais qualidade na formação de crianças, jovens e adultos no ensino de 1.º e 2.º graus (hoje, Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente) do baixo Tocantins, estado do Pará.

Tratou-se de importante turma pioneira, a produzir conhecimentos sobre o português falado na região, considerando, por exemplo, aspectos fonético-fonológicos, semânticos, morfológicos, como também importantes discussões sobre literatura na região, no estado e no cenário brasileiro, focando ainda no ensino e aprendizagem de língua, numa região não raro com processos de preconceito e discriminação linguística, revelando relações de classe impostas por agentes do modo de produção capitalista.

A partir de então, novas turmas de Letras – Língua Portuguesa, como a de 1993 – a segunda turma de Letras –, constituíram-se por meio da oferta de vagas no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, possibilitando que mais jovens trabalhadoras e trabalhadores da região e de outros territórios do Pará pudessem ter acesso à formação superior, conhecendo e problematizando as literaturas, as línguas, os processos de ensino e de aprendizagem, a vida no Baixo Tocantins.

E é no contexto de formação dessa segunda turma de Letras que surge o Projeto de Pesquisa "Descrição fonético-fonológica do português falado por comunidades negras remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá (PA)", sob responsabilidade da Profa. Regina Célia Fernandes Cruz Trindade e a supervisão da Profa. Maria Leopoldina Sousa de Araújo, docentes do então Centro de Letras e

Artes (atualmente Instituto de Letras e Comunicação), Departamento de Língua e Literatura Vernáculas.

A partir desse projeto, constituía-se o subprojeto de pesquisa "As marcas africanas do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá: um resgate socio-geográfico", coordenado pelo saudoso Prof. Orlando Cassique Sobrinho Alves, a partir do qual resultaram os dois relatórios de pesquisa que constituem a presente publicação: *Tambouros do Itapocu e Vozes do Itapocu*.

Tratava-se de projeto de pesquisa que oportunizou os(as) primeiros(as) bolsistas do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (em um momento inicial, discentes do cursos de História; depois, discentes do curso de Letras e, em seguida, Pedagogia), numa época em que as políticas neoliberais intensificavam-se no país, causando sérios problemas para as Universidades Públicas, que buscavam na luta as condições para seu funcionamento, que permitissem o ensino, a pesquisa e a extensão, necessários para o desenvolvimento do país e para a formação humana.

Do ponto de vista político, histórico e sociolinguístico, a pesquisa possibilitou amplas considerações sobre as experiências de vida e de luta das comunidades quilombolas do Mola, Laguinho e Tomásia, assim como da Vila de Juaba, em Cametá, resultando em relatórios, monografias, documentários e intervenções junto ao poder público local para que as políticas de estado se constituíssem presentes na região, de modo a atender às necessidades dos povos e comunidades tradicionais.

Do ponto de vista formativo, a pesquisa possibilitou a formação de jovens pesquisadores e pesquisadoras comprometidos(as) com a produção científica, compreendendo a construção de metodologias, a importância do estudo de referenciais teóricos em relação com a vida que pulsa nas comunidades, a definição de objetos e problemas de investigação e, no contexto sociolinguístico, o conhecimento das relações entre língua e sociedade, do que resulta o entendimento sobre formas e conteúdos como preconceitos e discriminações se constituem numa região marcada por intensas desigualdades sociais, muito mais ainda presentes em comunidades quilombolas.

No fazer científico, a pesquisa possibilitou o envolvimento-vivência nas comunidades quilombolas, conforme expresso por Carlos Brandão (1984), em citação presente em *Tambouros do Itapocu* (CASSIQUE, 1995, p. 18):

> A partir do momento em que vou estar com o outro, quando eu não coleto fragmentos e opiniões a partir de dados de viajantes e missionários; a partir do momento em que "vou lá", o outro é diferente para mim. O outro não me aparece mais como dado, ele me aparece como vida, como relação concreta, social. afetiva e eu vejo pessoas morrendo, casando. Eu estou vivendo uma observação participante: vou plantar milho, feijão e assisto a enterros, casamentos, me comovo com as coisas que acontecem, me envolvo com as pessoas.

A partir das comunidades, compreendemos mais ainda a necessidade de o(a) pesquisador(a) experienciar a vida que acontece nos movimentos das histórias de homens e mulheres que, pelo trabalho, transformam a si mesmos e outros elementos da natureza, de modo a atender suas necessidades, constituindo a língua, seus processos de interação, suas lutas, constituições simbólicas, políticas, organizativas, sociais e culturais, colocando-nos a problematização metodológica de que tão somente entrevistas, desprovidas de relação afetiva e efetiva com as pessoas, não têm como dar conta de amplos significados para os objetos e problemas de investigação.

A pesquisa nos possibilitou também, mais ainda, a humanização, que pressupõe o envolvimento com as necessidades dos sujeitos, de seus territórios, compreendendo processos de desigualdades sociais e a necessidade de projetos de sociedade contrários à acumulação, concentração e centralização da riqueza, porque produzem a destruição das vidas em suas amplas dimensões, sendo mais que necessários projetos que promovam a socialização dos resultados do trabalho humano para homens e mulheres que constituem nossas amazônias, como os povos e comunidades do Mola, Laguinho, Tomásia e a Vila de Juaba.

Por fim, acredito que muito ainda há para se dizer sobre as pesquisas desenvolvidas na década de 1990 na microrregião de Cametá, comunidades quilombolas, focando sobre os processos de produção

do conhecimento, sobre as línguas, sobre o ser social amazônida de nossas comunidades, sobre o papel de uma Universidade pública e gratuita em nossa região, sobre as lutas de povos e comunidades tradicionais diante de um modo de produção que nos desorganiza e destrói a vida. Mas creio que a leitura da presente publicação pode cumprir o papel de ampliar esses e outros dizeres, multiplicando o conhecimento, valorizando e fortalecendo a relação com as comunidades e a luta por modos de produzir a existência contrários, por exemplo, a preconceitos e a discriminações sociais, linguísticas, culturais.

E aqui também deixo o registro do rigor e afetos construídos no fazer científico, materializados na pessoa do saudoso professor Orlando Cassique Sobrinho Alves que, na década de 1980 e 1990 – mas também em décadas seguintes –, formou um conjunto de jovens e adultos dos Cursos de Letras do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, e de outros cursos, comprometidos com as políticas que promovem a qualificação das vidas de homens e mulheres de nossa Amazônia, em oposição a toda necropolítica que se pretenda instituir sobre nós, humanos e humanas.

Gratidão à Universidade, à Interiorização, ao Campus Universitário do Tocantins/Cametá, ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, às Comunidades Quilombolas, ao baixo Tocantins.

Eis, pois, *Tambouros e Vozes do Itapocu*, sendo publicado pela primeira vez e evidenciando também a importância histórica de um Curso de Letras que, neste 2022, completa 35 anos.

Boa leitura!!!

Doriedson Rodrigues
Professor e Pesquisador
Discente da Turma de Letras/1993

TAMBOUROS DO ITAPOCU

Orlando Cassique

Com a colaboração direta de
Doriedson do Socorro Rodrigues
José Danúzio Pinto Pompeu
Marivaldo do Socorro Freitas Coelho
Sônia Maria Marques Caldas

Muito prazer!

Prestam-se contas aqui de onze meses (outubro/1994 a agosto/1995) de trabalho de pesquisa sociolinguística em quatro comunidades do distrito de Juaba, em Cametá (PA): vila de Juaba, Mola, Tomásia e Laguinho. Nossa atenção se voltou para os aspectos mórficos, levando em conta a condição de remanescentes de quilombos das pessoas que vivem nessas comunidades.

Inevitável encantamento

O “Já me Vu” e a “Mãe do Corpo”

> Era o poema da cheia
> iscando anzóis com brilhantes
> no Tocantins noite inteira
> – Vazão de marés lançantes!

O inverno trouxera, como sempre, o inchaço das águas e as vazantes mais violentas do Pará. Dessas de corroer as beiradas, deslocar as ilhas, podar a frente das cidades. Pouco vento, quase madrugada. O lanchão iluminado e prenhe de passageiros cumpria o trajeto tantas vezes repetido: Concórdia, Boca do Maiauatá, Ilha do Batuque... Tocantins. No bar, já quase vazio, o filho da terra informa:

> – Eu vi ele no mercado!

Aquele “r”... Parecia com o que se ouve no interior de São Paulo e que foi descrito por Amadeu Amaral, no seu “O Dialeto Caipira”, em 1920.

> O “r” inter e posvocálico possui um valor peculiar: é línguo-palatal e guturizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este “r” caipira assemelha-se bastante ao “r” inglês posvocálico”.

Valeria a pena uma empreitada tão séria daquelas, mesmo havendo uma turma de Letras motivada como a que ingressara em 1987 no Campus de Cametá? Por que não? **Celso Cunha**, em seu “Uma Política do Idioma” (1964) –, fazia minimizar-se a preocupação com a qualidade do resultado e realçar-se o interesse de contribuir para o conhecimento do idioma:

> Reelabora-se geralmente o pouco que já foi feito – e mal feito –, sem, ao menos, apresentá-lo melhor do ponto de vista metodológico. Zela-se com fervor a ciência alheia, murcha pelo tempo, e deixa-se de colher a seiva virgem dos aspectos linguísticos intocados.

E mais adiante, na mesma obra:

> Em todos os domínios, na fonética e na fonemática, na morfologia e na sintaxe, na semântica e na estilística, na dialetologia e na crítica de textos, os horizontes abrem-se-nos tão largos e tão vazios, que quase nos chegam a intimidar.

O "r" retroflexo, considerado por **Brian Haed** (1978), uma variante vigorosa do português do Brasil, tinha sua ocorrência referida por **Istre**, em tese de doutoramento citada pelo próprio **Brian**, em relação aos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Amazonas, Goiás e Minas Gerais. O Pará não constava da lista. O Trabalho de Conclusão de Curso, em que foram orientados 13 alunos distribuídos pelos municípios de Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará –, conquanto não tenha podido quantificar a ocorrência da variante em apreço face ao aparecimento de realizações velares no mesmo ambiente fonético (dificuldades de gravação e equipamento improvisado) acabou por afirmar:

> Não há dúvidas com relação à existência da realização sônica retroflexa do fonema /r/ na área tocantina estudada. Dúvidas também não há quanto à profunda significação que essa variante tem para caracterizar o falar local.

O trabalho significou ainda o parto de uma modesta metodologia, que pode ser aproveitada em outras ocasiões. Chama-se "Já me vu de canua – um estudo do fonema /r/ no português de Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará" (**Ferreira, e outros**, 1992).

Paralelamente, e com o mesmo interesse da parte dos alunos, outra equipe aproveitava as gravações de que se dispunha para estudar "palavras ou expressões de uso comum" (que) "assumem significação restrita no vocabulário específico de um ofício, de uma arte, de

uma profissão" e afiançava: "O vocabulário utilizado pela medicina popular cametaense registra exemplos dessa especialização de significado" (SANTOS, 1992).

É outro trabalho que apresenta, além dos resultados interessantes, metodologia aproveitável, baseada no confronto dos itens lexicais arrolados com o que existe de dicionarizado. O referencial teórico não precisou ultrapassar a obra de **Stephen Ulmann**, "Semântica – uma introdução à Ciência do Significado*"* (1977). Diga-se ainda que o elenco de palavras não-dicionarizadas arrolado pode receber a atenção das pessoas interessadas. Quem sabe não se garimpa algum brasileirismo?

O chamado dos quilombos

Uma nova turma de Letras deságua o seu interesse pelos temas da Linguística e das Letras em geral, no Campus de Cametá, a partir de 1993. Das aulas de Fonética logo resultam 33 fitas magnéticas gravadas, as quais constituem um "corpus" melhor elaborado, pois registra o falar cametaense dos adultos do sexo feminino, de 60 anos ou mais, selecionados de forma organizada pelos distritos do Município, e cujas transcrições já foram iniciadas.

Ao mesmo tempo, a Prof.ª Regina Cruz dava prosseguimento aos seus trabalhos de investigação do falar das comunidades remanescentes de quilombos de Cametá. Detinha-se, como ainda hoje se detém, principalmente nos aspectos fônicos. Dela partiu a sugestão de que um subprojeto estudasse os aspectos mórficos da língua portuguesa falada naquela área. Intitulou-se o subprojeto "As marcas africanas do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá-PA: Um resgate sócio-geográfico".

É dos trabalhos, das indagações, das reflexões levadas a efeito entre outubro de 1994 e agosto de 1995, na execução do "As marcas...", que se faz o balanço nestas linhas.

Ao abrigo dos açoites

"(...) comme des animaux (...)"[1]

Que os viventes de lá são negros em esmagadora maioria, já não era novidade. Na vila de Juaba, nas ilhas próximas (a do Caciri, a Grande, a do Tem-Tem, por exemplo), ouve-se às vezes referência aos "pretos do centro", reconhecimento da boa qualidade da farinha produzida por eles, constatação do embrenhamento das comunidades que constituíram. A pesquisa a que se refere este relatório abarca quatro comunidades por eles formadas, três das quais consideradas remanescentes de minimocambos e uma, entreposto comercial: Mola, Tomásia, Laguinho e Vila de Juaba, respectivamente.

José Carlos Castro, em seu artigo "Résistance et survivance des communautés noires de la région du Baixo-Tocantins (Amazonie Brésilienne)" (1980)**,** acredita "(...) qu'ils furent progressivement introduits dans la région durant les deux siècles qui précèdent l'abolition de l'esclavage (1888)"[2]. Mais adiante, especifica:

> (...) la plus grande partie d'entre eux fut concentrée dans la région de Belém, capitale de la province de Grão Pará, dans l'Amazonie Inférieure et dans le Baixo-Tocantins, zones dont le développement nécessitait ce type de main d'oeuvre.[3]

Castro informa que Cametá, fundada em 1635, participa da primeira vaga de urbanização da Amazônia, no século XVII, juntamente com Belém (1616) e Manaus (1669). Em seguida, ensina:

> C'est à la fin de ce siècle que commence dans la région la véritable traite des noirs. Dans les villes, ils seront employés

[1] Tradução: "(...) à maneira de animais (...)".
[2] Tradução: "(...) que foram gradualmente introduzidos na região nos dois séculos que antecederam a abolição da escravatura (1888)"
[3] Tradução: (...) a maioria deles se concentrava na região de Belém, capital da província de Grão Pará, no baixo Amazonas e no baixo Tocantins, zonas cujo desenvolvimento exigia este tipo de mão-de-obra.

> comme « petit personnel » : cuisiniers, couturiers, vendeurs de confiseries, forgerons, cordoniers, etc. (...) les esclaves, outre leur très longue journée de travail, étaient soumis à de durs châtiments, et qu'ils étaient traités comme des animaux, sans aucun droit et dans une promiscuité absolue.[4]

Castro constata que, em 1872, havia 2433 escravos em Cametá, atuando na produção de açúcar e na cultura de cacau. Ato contínuo, descreve a região da qual esse município faz parte:

> Distante de Belém d'approximativement 200 Km, toute la région est dominée par le gigantisme du fleuve qui la traverse dans le sens Sud/Nord et qui se dédouble en de nombreux bras, formant ainsi des centaines d'îles. Les rives du fleuve sont souvent constituées de grandes plages de sable qui s'étendent jusqu'à la forêt ou jusqu'aux clairières. C'est dans cette région qu'à partir du XVIII siècle s'implantèrent les premiers centres économiques, lieux de travail des esclaves.[5]

Improvisos e bandurras

Os negros que fugiam dos açoites e do trabalho pesado iam instalar-se às margens do igarapé Itapocu, localizado um pouco acima da vila de Juaba, margem esquerda do rio Tocantins. Gasta-se duas horas de viagem até a boca desse igarapé, a partir da cidade de Cametá. Da boca para dentro, e só em pequenas embarcações, as quais têm de fazer verdadeiros malabarismos para navegar na estreiteza do leito, vão-se mais de 30 minutos até a comunidade do Mola.

---

[4] Tradução: Foi no final desse século que começa na região o verdadeiro comércio de negros. Nas cidades, foram empregados como "pequenos funcionários": cozinheiros, costureiros, vendedores de confeitaria, ferreiros, sapateiros, etc. (...) os escravos, para além da sua longa jornada de trabalho, foram sujeitos a duras punições, e foram tratados como animais, sem nenhum direito e em total promiscuidade.

[5] Tradução: A cerca de 200 km de Belém, toda a região é dominada pelo gigantesco rio que corre no sentido sul/norte e que se divide em numerosos braços, formando centenas de ilhas. As margens do rio são frequentemente constituídas por grandes praias de areia que se estendem para a floresta ou para as clareiras. Foi nesta região que, a partir do século XVIII, foram implantados os primeiros centros econômicos, lugares de trabalho escravo.

Até bem recentemente os meios de transporte disponíveis no Mola eram ainda mais precários, pois, quando não se andava a pé, o carro de boi e o casco a remo eram as opções. Em caso de doença grave, procurava-se ajuda na vila de Juaba.

Os mortos eram enterrados no cemitério local, que, depois, tornou-se insuficiente e foi queimado por ordem das autoridades. Há resquícios dele no meio de um capoeiral. Diz-se que era dividido em duas partes: a dos brancos e a dos pretos.

O povoado já adotou vários santos como padroeiros. Atualmente festeja-se Nossa Senhora da Conceição, entre 28 de outubro e 08 de novembro. Os jovens não acreditam no movimento de comunidade cristã e por isso não frequentam a Igreja Católica Romana. A fé dos moradores em pais e mães de santos é velada, embora seja possível constatá-la em alguns depoimentos.

O Banguê e o Samba de Cacete, manifestações havidas como de origem africana, deslocaram-se para a vila de Juaba. A presença da música mecânica é constante, quebrando o isolamento.

A educação estagnou: a única professora do local aposentou-se; o prédio em que funcionava a escola desabou, paralisando-se o ensino primário.

Há 92 habitantes no Mola, sendo 43 homens e 49 mulheres, a maioria nascida no próprio local. Sua pobreza espelha-se no aspecto rústico das habitações.

No Mola a principal atividade é a da roça. Capina-se, coloca-se mandioca de molho, prepara-se a farinha no forno. As crianças e os jovens ajudam desde cedo nesses afazeres. Antes da roça, de manhã bem cedo, é possível tentar pegar algum peixe no igarapé, "pra bóia".

A produção de artefatos de barro pode ter existido no passado, eis que resquícios de uma olaria podem ser constatados, num platô, à beira do Itapocu.

Celeste Pinto, de quem examinamos trabalhos produzidos no exercício das suas atividades como bolsista de iniciação científica, especialmente *"Quilombo do Mola: local de ramificação e ponto de partida para uma reconstrução historiográfica"* (1995), escrito em parceria com sua orientadora, Profa. Regina Cruz, descreve também o povoado:

> (...) o povoado do Mola é servido também por pequenos barcos motorizados, uma vez que este fica às margens do Itapocu. A sobrevivência desses povoados é garantida, basicamente, pelo cultivo da mandioca, uma tradição secular que passa de geração a geração, procurando manter a originalidade, tanto nas etapas para o preparo da terra para o plantio, quanto nas etapas de preparação da farinha, apesar de já terem ocorrido algumas mudanças.

A que se deve o nome Mola? Há duas versões para a origem, às quais se refere José Carlos Castro (1980):

> Le nom de la peuplade est attribué à l'existence de nombreuses "pierres à aiguiser", servant comme ustensiles agricoles et trouvés près du fleuve. Nous n'avons pas cherché à contredire ce fait. Mais d'autres l'attribuent à la présence d'un citoyen d'origine italienne dans la localité et qui avait pour nom Mola.[6]

A razão pela qual os negros se teriam embrenhado ainda mais, formando minimocambos distanciados cada vez mais do Itapocu, teria sido a superpopulação do quilombo do Mola. Com efeito, os números falam de 300 almas escravas foragidas a habitarem o Mola no século XVIII. Celeste Pinto é participante da versão de que o excesso populacional causou esse embrenhamento: "Escravos fugitivos e posteriormente de ex-escravos com o inchamento do ex-mocambo do Mola, este certamente originado do Quilombo do Itapocu".

As raízes negras estão bem representadas no Mola através do Bambaê do Rosário. Trata-se de um resquício dos cultos afros mesclado à festividade de Nossa Senhora do Rosário. O ritual é composto pelas homenagens prestadas à santa, no mês de outubro. Do Mola, o Bambaê foi levado para a vila de Juaba pelas mãos de uma ex-escrava, já irmanado à festa católica:

> Dos Santos que festejavam podemos destacar Nossa Senhora da Conceição, Menino Jesus, Trindade dos Inocentes e Nossa Senhora do Rosário, atualmente festejada na Vila de Juaba.

[6] Tradução: O nome do povoado é atribuído à existência de numerosas "pedras de amolar", utilizadas como utensílios agrícolas e encontradas perto do rio. Não procuramos contradizer este fato. Mas outros atribuem-no à presença de um cidadão de origem italiana na localidade, cujo nome era Mola.

> Durante a festa dessa santa, aconteciam os rituais do Bambaê do Rosário, com coroação do rei, da rainha e outras cerimônias. Logo em seguida a apresentação do Bambaê do Rosário acontecia um samba que animava a festa. Esse samba contava com a participação de um grupo de Samba de Cacete ou Siriá e outro do Banguê.
>
> O Banguê era formado por um grupo de negros, que cantavam em forma de desafio, também improvisando os versos musicais, sempre conforme o cotidiano deles, em duas vozes e acompanhados pelos seguintes instrumentos: bandurra, a caixa (tambor), pandeiro, roufo (caixa menor), violão etc. Nos dias atuais ainda existe na vila de Juaba um grupo de Banguê, já em processo de desagregação, nesses moldes – o Pingo de Ouro. Pelo que se tem conhecimento, ele é originário do grupo do Banguê do Mola, assim como outros grupos que existem por todo o município de Cametá são resquícios da tradição africana. (Celeste Pinto)

O Mola foi a sede do quilombo do Itapocu. Foi também o ponto de irradiação para outros minimocambos: Tomásia, Laguinho, Boa Esperança, Frade, Porto Alegre. A condição de quilombo-sede do Mola é ponto de convergência entre os estudiosos.

> Il y a dans les registres officiels de nombreuses traces de l'existence de véritables "Quilombos", que l'on peut caractériser comme étant de rassemblements organisés d'esclaves en fuite (CASTRO, 1980).[7]
>
> Os negros a habitarem Laguinho – como outros povoados próximos –, na sua maioria, são oriundos do Quilombo do Itapocu (José Rivaldo Lisboa)[8]*
>
> Assim, as comunidades de Juaba, Tomásia e Laguinho teriam sua formação ligada ao povoado do Mola (...), e, à semelhança deste último, tidas como comunidades remanescentes de quilombo (Celeste Pinto)

[7] Tradução: Existem muitos vestígios nos registos oficiais da existência de verdadeiros "Quilombos", que podem ser caracterizados como encontros organizados de escravos fugidos

[8*] Serão referidos escritos produzidos por ele nas suas atividades de bolsista de iniciação científica, vinculado à pesquisa da Profa. Regina Cruz, especialmente o trabalho "Rompendo com o aparente".

Nas outras localidades, os próprios moradores reconhecem a importância do Mola como foco gerador. A palavra é de Raimundo Lopes, o Cristóvão, 78 anos, morador da Tomásia há 41 anos: "(...) Maria Juvita, primeru elis moravu nu Mola. Depois ela si ajuntô com esse Pelegrino (...)". Para Cristovão, Juvita fundou a Tomásia. E veio do Mola, como, de resto, a maioria dos seus pares.

A "influência" e o "cumpanherismu"

A pé ou em pequeno casco motorizado leva-se 15 minutos para chegar do Mola a Miramar. De Miramar anda-se mais uma hora e se chega a Tomásia.

Trata-se de um povoado de formato circular, com 15 casas. Ao centro, um barracão de festa. Há uma escola municipal. As casas, de um esquema arquitetônico mínimo, são cobertas de palha ou de cavaco, algumas de telha. Do lado de dentro, a única divisão é a do quarto, por paredes improvisadas. O assoalho é de tábua ou de paxiba. Para os habitantes da Tomásia, o igarapé do mesmo nome, afluente do Itapocu, é quem fornece água, exceto no verão, quando seca completamente. Nessa época, então, o poço localizado entre o barracão de festa e a casa do Cristóvão, dotado de bomba manual, serve a todos.

Não há luz elétrica. O agente de saúde fica no Miramar. A mídia ao alcance fica por conta das ondas da Rádio Tocantins, captada em alguns rádios.

Vive-se essencialmente dos derivados da mandioca. Vende-se a farinha excedente na feira de Juaba, aos domingos. Árvores frutíferas, se as há, não são facilmente vistas. Não se vêem senão negros, e, por isso, o forte é a tradição afro.

Nos meses do verão faz-se o broque, a coivara: a limpeza do terreno da roça. Mas é em janeiro que o plantio da mandioca se transforma em um dos mais ilustrativos exemplos da associação do trabalho ao divertimento, característica atribuída às comunidades negras. É o tempo em que cada dono de roça pode fazer o "cunvidadu", espécie de mutirão temperado de cachaça, de comida e de samba de cacete. Benedita Borges, a Benoca, diz que se a pessoa for sozinha plantar a sua roça, não passa das nove horas. Mas no "cunvidadu" tem a "influência", o "cumpanherismu":

> Desde os afoxê, maracatu, congadas, reisados, primitivas escolas de samba, festas de largo, o negro sempre saiu de seu pólos institucionais recriando em cima de estruturas próprias, cooptando um espaço público oficial e reintepretando esses eventos civis ou religiosos segundo suas necessidades e enfoque particular" (SANTOS, 1979).

A excelente descrição de **Regina Cruz** e **Joana Amorim** ("Cunvidado": a reconstrução simbólica do mundo no mutirão, 1995) deixa antever a prenhez de conteúdo da manifestação, a sugerir logo de saída, para além do linguístico, o semiológico:

> Sabe-se que as pessoas no momento do plantio se identificam como sendo personagens de uma grande "batalha" e são chamados e atendidos por cognome empregado de acordo com a função que desempenham. Tanto essas atribuições, como as tarefas são metaforizadas pela sua própria linguagem popular, responsável, também, por toda uma reconstrução simbólica da realidade.
>
> Porém, devido haver conhecimento de que algumas regiões escravistas colocavam à "disposição" do escravo um dia para que efetuasse o plantio da roça, supõem-se que o "cunvidado" tenha algum vínculo do sistema escravista, de acordo com a estipulação do tempo e por ser o roçado uma alternativa para manter a subsistência.
>
> O "cunvidado", além de ser um trabalho que requer um esforço físico constante, representa lazer, pois às vésperas e após sua realização é feito o Samba de Cacete.
>
> Os instrumentos musicais consistem apenas em dois "tambouros" feitos do tronco ôco de uma árvore, com mais de um metro de comprimento, sendo que um é mais grosso do que outro, enquanto uma de suas aberturas fica livre e a outra abertura é revestida por couro de animais, os cacetes são dois pedaços de madeira em forma cilíndrica com aproximadamente 40 centímetros.
>
> Caceteiros e tamborineiros, assim denominados os que sabem "bater" samba, sustentam o ritmo sob os fortes goles de "cachaça" que são servidos a todo momento, mesmo "golado" (bêbado) lhe é atribuído uma grande responsabilidade: "puxar" (iniciar) o samba e não deixar "cair" (parar).

> Percebe-se, no canto, que em determinadas músicas há um tom de tristeza. O baque do tambor parece chorar e as pessoas também. Certamente que há momentos eufóricos e o samba é incrementado por um estilo carnavalesco delirante:
>
> "Eu tenho uma barquinha/
> Uma barquinha pra voar
> Barquinha é boa para voar/
> Em cima do mar.(bis)."
>
> Acredita-se que o "cunvidado" tenha surgido em Tomásia juntamente com o Samba de Cacete, pois segundo informações "só se fazia antigamente um ruçado bem grande, e com essa influência, o ruçado terminava cedo".[9]
>
> Às oito horas a corneta é soprada novamente, daí em diante as pessoas não são chamadas pelo nome e sim pela personagem que representam: a "capitua" (responsável pelo desenvolvimento das plantadeiras) e o dono do roçado empunham as bandeiras e caminham para o roçado. As "pastoras" (plantadeiras) preparam-se para a "batalha", amarram bem suas saias e envolvem sob a cabeça um pano idêntico ao turbante usado pelas negras escravas.
>
> Para completar a aflição de todos o Sr. Cristovão, líder e dono do roçado, ordena que o "comandante" organize a fila de seus "soldados" e o general das flores que ajude as pastoras semeando maniva, para não faltar em nenhum momento.Chama a atenção do "sangueiro" (cavador do eito) responsável pela cabeça do "eito" que comece, em "passe de boi", que seria jogar a enxada compassadamente para a esquerda e para a direita.

Com efeito, tomando por referência o que advoga **Roland Barthes** (1990), parece haver três tipos de mensagens envolvidas no "cunvidadu": a linguística, a não-linguística denotada e a não-linguística conotada.

A mensagem linguística refere as personagens e suas ações e funções. Assim, cada um tem o seu cognome. A "capitua" é a responsável pelo trabalho das plantadeiras. As "pastoras", de turbante, são as plantadeiras. De outro lado, o "cumandanti" e os "soldados" cumprem tarefas equivalentes. O "general das flores" sai na frente ajudando as

[9] Marcionila Rodrigues, ex-moradora do povoado de Tomásia, 63 anos.

"pastoras" no semeio da maniva. O "sangueiro", cavador, responsável pela "cabeça do eito", começa o trabalho "em passe de boi".

A mensagem não-linguística denotada implica a visualização de homens e mulheres no plantio. Crianças carregando paneirinhos com pedaços de maniva. Idosos repassando, para ver se o plantio foi bem feito. De longe, a visão panorâmica é a do movimento integrado das forças para garantir a rápida execução de uma das fases das tarefas da roça.

A mensagem não-linguística conotada, pela qual tudo se transfunde em figurações, garante o lúdico, o brinquedo estimulador da produção. É uma disputa, um jogo, uma batalha em que a "capitua", líder do exército das mulheres, enfrenta, em pé de igualdade, com suas "pastoras", o "comandante" e seus "soldados". Aquele que semeia, ajudando as "pastoras", tem qualificativo sublime, a expressar a delicadeza das mulheres às quais serve: "das flores". É o "general das flores". O "sangueiro" é o que vai na frente preparando o terreno da batalha. Implícito em tudo o sentido da disputa prazeirosa, "lazeirosa", como se fossem crianças envolvidas num jogo.

As significações da linguagem não são senão ideológicas, na medida em que cada signo envolvido tem a sua configuração significativa decorrente de um mergulho na relação social concreta, para falar com **Mikhail Bakhtin** (1979). Como isso se dá, extrai-se do "cunvidadu", acima de tudo, a conotação do companheirismo, do existir repartido, socializado; extrai-se a hegemonia disciplinadora dos mais velhos, sua respeitabilidade, pois são eles os juízes, vigilantes das regras, a experiência respeitada (como no verso de Gonçalves Dias, a sugerir a respeitabilidade do mais velho da tribo, contando histórias que os curumins tinham dificuldade de acreditar: "– Meninos, eu vi!"

E há a mais a igualdade entre homens e mulheres. É comum estas últimas saírem vitoriosas do "cunvidadu". Essa conotação de paridade parece ser de fato característica da Tomásia. A jornada dupla, por exemplo, existe, como na sociedade machista, mas com a diferença de que ela é não só da mulher, mas também do homem. A mulher volta da roça e cuida dos afazeres domésticos. O homem volta da roça e vai pescar ou caçar. Essa igualdade está também no discurso do Cristóvão, parco das vistas, mas líder espiritual e moral:

> (...) ambos se governam. (...) recebe ela como mulher da gente (refere-se ao casamento) não como uma rapariga e nem como uma empregada (...) Tudo por acordo é bonito.

E se pode lembrar, então, as palavras de **Albeniza de Carvalho e Chaves**, em sua "Contribuição da Semiologia para a Análise Ideológica do Texto Literário": "A moderna Semiologia parte do pressuposto de que todos os fenômenos de cultura são sistemas de signos e fenômenos de comunicação".

Nas brenhas, a liberdade

Mais embrenhada que todas as outras é a comunidade do Laguinho. Localiza-se na região central do distrito de Juaba, numa espécie de ilha cercada por um extenso campo da natureza a que chamam de o campo do Laguinho. A maior dificuldade é sem dúvida a que decorre do excessivo embrenhamento. Rivaldo Lisboa, que reconhece com acuidade elogiável as limitações dos relatos orais como fontes para o historiador, refere-se aos problemas de acesso:

> O acesso a Laguinho pode ser feito ou pela vila de Juaba ou pelo povoado de Porto Alegre" (...). "cruzando o "campo de natureza" e se caminha cerca de 15 a 20 quilômetros (três horas de caminhada) sobre uma grossa camada de areia solta. Isso no verão, por que no inverno as dificuldades são ainda maiores" (...). A água da chuva que desaba na região transforma o campo em uma grande lagoa, quando a água chega a atingir um metro de altura, com isso a presença de cobras, como também outros animais venenosos.

Duas marcas interessantes e identificadoras do Laguinho – duas árvores enormes de angelim e o lago, que deu nome ao povoado – saltam aos olhos. Dispostos em semicírculo, os casebres, por sua rusticidade, logo denunciam o quadro de extrema carência. Chão batido, paredes mínimas de palha de inajá e madeira. Não há campo de futebol e só recentemente um professor foi contratado pelo Município. Não há luz elétrica e o abastecimento d'água é precário:

> A água ofertada por esses poços é de má qualidade, é barrenta e às vezes apresenta pequenos insetos, como "cabeça de prego". Esses insetos ficam o tempo todo no interior do poço" (...)

> "não lhe é feito nenhum tratamento" (...) "assim é depositada no "pote", apenas tomando-se o cuidado para não deixar cair nenhum dos "bichinhos".

E José Rivaldo continua a sua descrição do Laguinho:

> Na região central da "ilha", encontra-se o "Arraial da Virgem Maria" (...). Numa das extremidades do "Arraial" encontra-se o barracão comunitário que difere das demais construções por ser todo de madeira, inclusive seu assoalho, e ser coberto com telhas de barro. Entre outras utilidades, este é usado como pista de dança em período festivo. Na parte inferior deste foi construído um pequeno altar, em substituição à antiga capela destruída com o tempo, para abrigar as imagens santas da devoção dos comunitários, principalmente a imagem da Virgem Maria, padroeira do povoado." (...) "Mas o povoado não compreende somente as habitações existentes no "Arraial", há várias casas espalhadas pelo interior da "ilha".

No Laguinho, como no Mola e na Tomásia, a principal atividade econômica é a monocultura da mandioca. O resultado de uma semana de trabalho na roça são dois alqueires de farinha, comercializados na vila de Juaba, para que se possa comprar os outros suprimentos:

> A caça e a pesca só são significativas no inverno (período de muita chuva na região, entre os meses de janeiro e junho), quando o rio Cupijó transborda e permite uma boa coleta de pescado, e quando também aumenta o número de caças como tatu, viado, cutia, etc. nos matos de Laguinho (José Rivaldo Lisboa).

As dificuldades de morar no Laguinho estão levando os moradores a procurar outro local para viver. **José Carlos Castro** computou 59 negros no Laguinho, em 1980. **Rivaldo Lisboa** fez levantamento demográfico em 1993 e registrou 30 pessoas entre homens, mulheres e crianças, sendo 17 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Desses 30, há 27 negros, dois mestiços e um branco. 26 nasceram no Laguinho e 4 imigraram para o povoado:

> Desde a implantação do povoado de Laguinho seus moradores procuram viver de forma a imitar a vida nos quilombos.

> O mutirão para os "cunvidados" era algo marcante em meio à comunidade (Rivaldo Lisboa).

O bambaê e a feira

A vila de Juaba não pode ser caracterizada como sede de quilombo, nem mesmo como minimocambo. Seu posicionamento geográfico, às margens do Tocantins, com sua fachada exposta para o rio, logo denuncia o fato de que ela não serviria de ponto de embrenhamento para quem estivesse fugindo do chicote. Sua conformação é a de entreposto comercial, com o que concordou o escritor, poeta, compositor e cartorário cametaense Alberto Mocbel, em conversa informal. Mola, Tomásia e Laguinho – além das outras comunidades negras – derramam sua produção de farinha na tradicional feira armada nessa vila, aos domingos. É quando marreteiros ávidos de bons negócios ali encontram pousada para esse intento, o que conseguem com apenas duas horas de viagem de barco, a partir de Cametá.

A presença negra na vila de Juaba resulta, portanto, da confluência dos interesses comerciais das comunidades negras ligadas historicamente ao quilombo do Itapocu. Nela residem pessoas oriundas das comunidades negras da área. Apesar das dificuldades, possui escolas (uma municipal e uma estadual), usina dieselétrica (que funciona parcialmente durante o dia e à noite), mercearias, posto de saúde (FNS), sistema de abastecimento domiciliar de água (que funciona parte do dia), posto telefônico e cartório.

A Professora **Regina Cruz** (1994), em relatório técnico-científico, descreveu assim a vila:

> Juaba é a localidade de maior porte geográfico dentre as estudadas. Segundo Censo de 1991, a população urbana é de 1.035 habitantes; constituem a população rural 13.213 habitantes. Na vila há uma Escola Estadual e uma Escola Municipal, ministrando as oito séries do 1. Grau. Nem todos os professores possuem a habilitação necessária correspondente à série lecionada. Semelhante a outras áreas do território brasileiro, a localidade encontra-se afastada dos centros urbanos e enfrenta problemas como: falta de hospital, carência educacional, desemprego e um precário sistema de telecomunicações.

Um jeitoso convívio

Assuntando tudo

Os primeiros contatos iniciaram-se em novembro/dezembro de 1994 através dos três bolsistas do subprojeto e de um aluno voluntário, orientados pela Professora Regina Trindade, que também se fez acompanhar de bolsistas vinculados ao seu projeto. Era natural que nessa fase se assumisse o que **Keneth Pike** chamou de ponto de vista ético, pelo qual o estudioso observa o comportamento de determinado agrupamento humano do lado de fora do sistema. Cumpria de fato observar a realidade, fazer os primeiros registros, procurar integrar-se. Foram feitas reuniões nas 04 comunidades, feijoadas foram oferecidas, estimulou-se um torneio de futebol na Tomásia e ofertou-se um troféu para torneio similar no Mola. Buscava-se, em termos malinovskianos, o exercício da observação participante:

> A partir do momento em que vou estar com o outro, quando eu não coleto fragmentos e opiniões a partir de dados de viajantes e missionários; a partir do momento em que "vou lá", o outro é diferente para mim. O outro não me aparece mais como dado, ele me aparece como vida, como relação concreta, social, afetiva e Eu vejo pessoas morrendo, casando. Eu estou vivendo uma observação participante: vou plantar milho, feijão e assisto a enterros, casamentos, me comovo com as coisas que acontecem, me envolvo com as pessoas. (BRANDÃO, 1984, p. 17).

Em janeiro de 95, e logo a seguir, em fevereiro, a participação no dia-a-dia da comunidade foi aprofundada. O acompanhamento do "cunvidadu", com o samba de cacete; e o envolvimento nos festejos da véspera do dia de São Braz oportunizaram esse aprofundamento. Não se podia perder de vista que, em Sociolinguística, há necessidade de "participar diretamente da interação", conforme **Tarallo**, no livro "A Pesquisa Sociolinguística" (1985). Segundo ele, "a participação direta na interação com os membros da comunidade é" (...) uma necessidade imposta pela própria orientação teórica".

Esse cuidado de interação cumpriu, dentre outros, o objetivo de evitar que "a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação" (...) "de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados" (...) "tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade" (...) "o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz – interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades" (...) " A palavra "língua" deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar" (...) "o informante está tão envolvido emocionalmente com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*", ainda segundo Tarallo.

O catecismo e o questionário

Na conformidade do acima exposto, não caberia, nas entrevistas, a utilização de questionários. A atitude tinha de ser a de conversar com as pessoas e a de permitir o diálogo sem peias. Foi outra vez **Carlos Brandão** (1984, p. 17) quem alimentou esse procedimento:

> De repente eu não posso aplicar questionário porque ele é absurdo para mim, não por razões teóricas, mas por razões concretas, constitutivas (...) Quero fazer aqui inclusive uma comparação entre o catequista do passado e o pesquisador empiricista de hoje, através de um paralelo entre o catecismo e o questionário: um contém todas as respostas e o outro contém todas as perguntas, quer dizer, o questionário não é nada mais, nada menos que um instrumento de absoluto controle do outro. Ele tem todas as perguntas, e a lógica, ou seja, ele só pode pensar da maneira como eu constituo as respostas dele através das minhas perguntas.

Não é por isso que não se pode insistir às vezes numa pergunta. **Willian Labov** (1976), usou, na pesquisa que efetuou em três lojas de Nova Yorque, e dentro do inquérito breve e anônimo, a repetição da mesma pergunta, a fim de surpreender melhor as características da execução do fonema "r" do inglês. Do mesmo modo, a Prof.ª Regina Cruz, estudando a "batalha" entre as variáveis "hum hum" e "hem

hem", observou que também precisava de repetir a pergunta para que elas pudessem ocorrer.

A "seiva" colhida

O material linguístico colhido em fitas magnéticas, 36 ao todo, e segundo o procedimento acima especificado, passa neste momento por degravação ortográfica cuidadosa. Além dessas gravações de 1994/1995, feitas, portanto, já na vigência do "As marcas...", dispõe-se ainda das fitas pertencentes ao projeto da Prof.ª Regina Cruz. As implicações fonológicas que possam incidir sobre a estrutura mórfica (foco de atenção do subprojeto) poderão implicar a transcrição fonética de detalhes respectivos.

Registrar a língua falada é de especial importância nas investigações levadas a efeito sob a ótica dos modelos não-imanentistas desta segunda metade do século XX. Nestes, o objeto, representado pelo material recolhido, é que vai sugerindo aos poucos, e às vezes até impondo, o ponto de vista da abordagem, de acordo com a conclusão de **Tarallo**, em obra já citada:

> O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, dentro do modelo de análise proposto neste volume, o objeto – o fato linguístico – é o ponto de partida e, uma vez mais um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise. A natureza do objeto de estudo sempre precederá o levantamento de hipóteses de trabalho e, consequentemente, a construção de um modelo teórico.

A Linguística de base naturalista do século XIX, sobretudo em sua inflexão fisicalista, a dos neogramáticos, não poderia inferir tal importância do "objeto bruto", do "objeto não-polido", "não-aromatizado". Detendo-se exclusivamente na história interna da língua, a afirmar o caráter de princípios constantes das leis fonéticas, as quais eles pretendiam atópicas e acrônicas –, perdiam necessariamente a dimensão dos fatores condicionadores exteriores daquilo sobre o que se debruçavam.

Essa mesma impossibilidade se pode afirmar em relação às vertentes influenciadas diretamente pela obra de **Ferdinand de Saussure**. É suficientemente clara no "Curso de Linguística Geral" (1987), a circunstância de que a língua só se formaliza como sistema – condição mesma de sua existência, para o modelo – mediante o seu descolamento do curso da história, em virtude da abstração necessária do fator tempo no eixo das simultaneidades (sincronia). Quando se refere a perspectiva histórica na obra em apreço, é como estudo de fatos sucessivos que não formam sistema entre si. O chamado descritivismo norte-americano bebeu dessa água.

A ótica transformacional de Noam Chomsky andou na mesma esteira. O estudo da natureza, da performance e da aquisição da possibilidade de gerar frases infinitas a partir de um número finito de regras (a competência linguística) dirige-se a um falante-ouvinte que não pode ser encontrado na realidade:

> A teoria linguística tem antes de mais como objecto um falante ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogénea, que conhece sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efectiva, não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distracções, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos). (CHOMSKY, 1975).

Eis por que, para o professor Sílvio Elia (1987),

> A socioliguística não constitui uma revolução na Linguística, nem se apresenta como visão nova da babelização do falar humano. Ocupou simplesmente um largo espaço deixado vazio pelo imanentismo estruturalista. Já encontrou aqui e ali acampamentos plantados pelos pesquisadores da fase historicista, mas procurou e procura integrá-los num todo metodológico mais homogêneo e sistemático.

Invertida está, pois, a afirmação saussuriana de que em Linguística o ponto de vista precede o objeto. Agora, o objeto determina o ponto de vista.

Um pouco mais de luz

O trabalho que se leva a efeito nas comunidades de Juaba, Mola, Tomásia e Laguinho considera – em atenção aos ensinamentos da obra do **Prof. Sílvio Elia**-, acima mencionada, que

> Os fatores psicológicos, sociológicos e antropológicos não se situam apenas do lado de fora da língua, atuando sobre a língua entendida como um todo auto-regulador – o que tem levado a considerá-los "extralinguísticos", mas estão presentes dentro dela, em seu léxico, nas suas diferenciações socioletais, na padronização de seus esquemas frasais.

Estudam-se, desse modo, as variações incidentes sobre a estrutura linguística relacionadas ao social. E se não se perdem de vista as manifestações culturais, toca-se, de algum modo, na Etnolinguística. Do mesmo modo, não se pode negar a incorporação duma dimensão pragmática na tarefa do subprojeto, vez que, segundo ainda o **Prof. Sílvio Elia**

> O estudo da pragmática, das pressuposições, do léxico, dos universais não pode prescindir de um sempre melhor conhecimento das relações entre estruturas e uso da língua de um lado e estruturas sócio-culturais do outro (...).

Cabe ainda discutir e definir se para o trabalho que se desenvolve não é mais adequado considerar a distinção de **Bernstein** (1986) entre código restrito e código elaborado. O primeiro apresentaria as características da pobreza gramatical da frase, do pequeno emprego de conjunções, da raridade das subordinadas, do parco emprego de adjetivos e advérbios, dos desvios de assunto, etc. O segundo implicaria procedimento linguístico adequado ao padrão, à chamada língua bem cuidada, norma culta, ideal normativo. Então, as diferenças linguísticas resultantes das diferentes oportunidades de que dispõem as classes subalternas de um lado, e as classes média e alta, de outro, resultariam num *déficit* para as primeiras.

Para o "As marcas...", a implicação mais imediata seria a de que o exame do confronto entre variantes linguísticas dar-se-ia não só entre as componentes do falar das comunidades em estudo, mas também entre as pertencentes a esse mesmo falar – na posição clara de

código restrito – e as integrantes do português *standard* – na situação evidente de código elaborado.

A outra possibilidade seria a de considerar somente o sistema usado pelos informantes da pesquisa, a ser estudado como uma variedade que tem a sua própria lógica. Essa é a posição de Labov. Aliás, chegou-se a considerar racista a afirmação de que os meninos negros – cuja fala foi estudada por ele, na pesquisa intitulada "Um estudo do inglês não *standard* da fala do negro e do porto-riquenho na cidade de Nova Yorque" – apresentassem um *déficit* cultural e utilizassem, assim, um código restrito. O falar objetivado por essa pesquisa não seria uma versão subdesenvolvida do inglês padrão, senão uma variedade diferente, argumentava-se.

É claro que a posição de Bernstein não é revolucionária. O reconhecimento do *déficit* linguístico das classes subalternas, ao sugerir uma educação compensatória que oportunize o nivelamento, não vai além da possibilidade de reforma. Entretanto, aponta para uma interferência concreta do pesquisador em Sociolinguística no sentido de contribuir para que as dificuldades de escolarização e de ação didático-pedagógica relativas ao ensino da língua materna, muitas vezes detectadas, tenham um enfrentamento pelo menos minimizador.

O problema é que a discussão travada incidiu sobre uma área em que as paixões muitas vezes não podem deixar entrever postulações sérias, sob pena de criar solo fértil para investidas menos isentas, tais como as do preconceito racial. Efetivamente, estudava-se um falar negro, nos Estados Unidos da América!

Bernstein, é claro, não quis dizer que modalidades não-**standard** faladas por informantes como os de **Labov** são códigos restritos porque esses informantes são negros ou imigrantes, por exemplo; muito menos que códigos restritos são prerrogativa de minorias marginalizadas. Tal conceito parece aplicar-se, isto sim, a todo e qualquer falar pertencente a comunidades linguísticas que, por não terem acesso à modalidade padrão, carecem de assegurar esse direito elementar.

Consciência dos riscos estabelecida para quem trabalha com falantes remanescentes de quilombos, afigura-se mais interessante optar pela posição de **Bernstein**. Isso quer dizer que, para as análises a serem efetivadas, o falar dos negros do Mola, vila de Juaba, Tomásia e Laguinho será considerado código restrito e suas variantes serão

confrontadas com as do português **standard** – código elaborado. Ressalve-se que, para evitar mal entendidos, serão usadas preferencialmente as expressões "falar não-padrão", "falar não-formal", "falar das comunidades estudadas", para referir o primeiro; e "português padrão", "português formal", "ideal normativo", para o segundo.

Impõe-se a partir daí à pesquisa em execução uma inflexão pedagógica, motivo pelo qual objetivos extensionistas serão incorporados aos trabalhos.

Necessário se torna, no entanto, explicar que a análise do material coletado será norteada pela "teoria da variação linguística", de **Labov**, também explicitada por **Tarallo** em obra já citada. Serão examinadas as variantes linguísticas de natureza mórfica, entendido o conceito de variante linguística como "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade", conforme **Tarallo**. O conjunto dessas variantes foi chamado de "variável linguística":

> Para assinalar a variável, usaremos parênteses angulares, os quais, segundo a convenção do modelo, indicam do item linguístico analisado. Para as variantes serão usados colchetes (Fernando Tarallo, obra citada).

As variantes são consideradas pelo modelo como participantes de uma "batalha". Aqui serão levantadas hipóteses sobre quais fatores controlam o processo das variáveis; primeiras apreciações das variáveis, como o esquema de variação em um aspecto específico se encaixa na fala e como parece se encaixar no sistema social da comunidade de falantes.

Ainda não será abarcada "a variação sociolinguística pelos próprios falantes da comunidade", nem a "noção de estereótipos, marcadores e indicadores sociolinguísticos; a questão sobre variação e normalização linguística; o papel desempenhado pela língua e pelos meios de comunicação de massa na estandardização linguística; os parâmetros extralinguísticos: classe social, faixa etária, sexo, etnia, estilo.", ainda com as palavras de **Tarallo**. A relação entre variação e mudança linguística ficou também para as próximas etapas de análise.

Quem falou das marcas

A contribuição africana para o português do Brasil constitui um dos temas a respeito dos quais se detectam mais especulações, dúvidas, reparos, que propriamente afirmações comprovadas e de exatidão suficiente. Não é, com certeza, por falta de interesse, muito menos por falta de rigor da parte dos estudiosos. Há que reconhecer que a importação negreira, o tráfico de escravos para o Brasil, não escolheu procedência e, muito ao contrário de expressar um cuidadoso respeito pelas características dos grupos que acorrentava, procurou, isto sim, evitar o contato entre grupos cultural e linguisticamente assemelhados para, sobre eles, exercer mais facilmente o controle.

O Ministério da Fazenda incumbiu-se, por outro lado, pela circular no. 29, de 13 de maio de 1891, de mandar queimar os documentos históricos ou arquivos da escravidão, destruindo as estatísticas aduaneiras, o que faz da história do tráfico e das estatísticas avulsas a documentação mais segura de que se dispõe para iluminar os estudos nesse particular, segundo informa **Renato Mendonça**, no livro "A Influência Africana no Português do Brasil" (Rio, Civilização Brasileira, 1972).

De um polo a outro, há afirmações como a de **Serafim da Silva Neto**, citado por **Sílvio Elia**, na obra "A Unidade Linguística do Brasil – condicionamentos geo-econômicos" (1989) –, para quem "no português brasileiro não há, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias". Silva Neto acredita que índios, negros, mestiços e brancos decaídos constituíram, nos tempos da escravidão, um falar crioulo, "linguajar de emergência, em que o branco figurava como professor involuntário e desinteressado". Em citação de **Yeda Castro**, nos "Os Falares Africanos na Interação Social dos Primeiros Séculos" (1990), esse mesmo notável filólogo brasileiro deixa antever pequena concessão:

> Não somos daqueles que vêem interferências linguísticas a todo preço e a todo risco, mas em ambientes linguísticos e sociais como no Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII é preciso não perder de vista essa possibilidade, ao menos para exame, como hipótese de trabalho.

O **Prof. Sílvio Elia**, em trabalho há pouco citado, é de opinião intermediária:

> Independentemente de uma base genética portuguesa (que me parece bastante provável), a qual, todavia, melhor se manifesta no campo lexical, o que temos propriamente de estrutura gramatical dos crioulos (pelo menos o "secundário", isto é, ainda não convertido numa língua mista). se deve a uma simplificação morfossintática própria dos falares ditos de emergência. E esse, a nosso ver, foi o caso do português do Brasil.

Antes dessa afirmação, o mesmo **Sílvio Elia** (1987) reconhece com **Silva Neto** que, "(...) no Brasil, só tivemos o crioulo secundário ou semi-crioulo (...) entre nós não se chegou a formar uma nova língua de substrato africano (...)". E ensina:

> Os caracteres desse crioulo secundário ou semi-crioulo são os mesmos em toda parte. No léxico há mistura intervocabular, sendo as palavras gramaticais originárias da língua culturalmente superior e as palavras culturais distribuídas conforme as condições sócio-históricas; isto é, os nomes referentes à fauna e à flora locais, assim como os topônimos, pertencem à língua dos nativos, e os nomes de objetos e fenômenos institucionais quase sempre derivam da língua dos senhores. Contudo, consoante o grau de interpenetração das culturas, certos termos ligados à religião, às artes, à culinária podem provir da língua da gente submetida, como se deu com os africanos no Brasil. *Quanto à morfologia, a regra é a chamada "simplificação", ou seja, perda das flexões, o que é normal no contato entre duas línguas, uma das quais não é do tipo reflexivo*. (grifo nosso)

Um português crioulo – essa é também a posição de **Mattoso Camara** Júnior, em "História e Estrutura da Língua Portuguesa" (1985):

> Parece que, desde muito cedo, a sua integração na sociedade branca, com estreitas relações com ela na qualidade de escravos ligados a todas as suas principais atividades, propiciou o desenvolvimento de um português crioulo, que uniu entre si os negros das mais diversas proveniências.

Para **Antônio Houaiss**, "Do ponto de vista lingüístico, é – ou parecia ser – de fato o terceiro, em grau de importância, no aperfeiçoamento da variedade brasileira de lusofonia", em virtude do fato de que "A política sistemática seguida no Brasil para com os negros foi, desde o século XVI, glotocida – isto é, matadora das línguas", motivo pelo qual "É aparentemente estranho, assim, que no plano linguageiro as línguas africanas presentes no Brasil desde o século XIX tenham deixado tão poucas marcas certas" (1985).

Apenas o sotaque do português padrão se deve a influência africana, segundo **Antenor Nascentes** (1964), mas, em relação à língua popular, o mesmo autor afiança:

> Muitas deturpações que ela apresenta encontram-se no dialeto crioulo caboverdiano, no da Guiné, no das ilhas S. Tomé, Príncipe e Ano-Bom, no de Angola e no da costa oriental da África e a eles podem ser atribuídas.

Em "A Língua Nacional" (1979), **João Ribeiro** considera sempre possível na dialetação da linguagem culta do Brasil a confusão de vocábulos africanos e indígenas, oriundos uns e outros das raças submetidas pela conquista e pela escravidão.

Yeda Castro refere a importância dos empréstimos lexicais africanos ao português do Brasil, inclusive como "evidências linguísticas para suprir a deficiência da informação histórica". Segundo ela, *"nas senzalas, a necessidade de comunicação entre povos linguisticamente diferenciados deve ter provocado a emergência de uma espécie de língua franca ou dialeto das senzalas,"* que pode ter sido em parte facilitado pelas tendências internas das línguas africanas imigrantes, em especial as bantu, cujos dialetos foram os mais numerosos e extensos no Brasil. A par da importância dos empréstimos lexicais, "geralmente bantu", **Yeda Castro** menciona influências estruturais modificadoras sobre a estrutura mórfica e fônica das palavras africanas e da estrutura silábica das línguas africanas sobre as palavras portuguesas. Insiste ela, também, na "redução das distinções relativas ao número, ao grau e à concordância" (obra citada).

Tratando como "deformações" as influências negras no português popular do Brasil, **Gladstone Chaves de Melo**, em "A Língua do Brasil" (1975), as visualiza de modo significativo, na medida em

que, para ele a influência da língua foi paralela à miscigenação racial e à importante inserção social do negro na formação histórica do Brasil. O negro, para esse estudioso, atingiu mais facilmente do que o índio a fonética e a morfologia do idioma brasílico, deixando para o silvícola a maior influência no vocabulário: "(...) eu diria que a influência tupi foi mais horizontal, ao passo que a africana foi mais vertical".

Gladstone acredita na formação de dois dialetos crioulos, um yorubá e outro bantu, na boca dos africanos natos: "(...) algumas deformações iniciais persistiram e constituem, no meu entender, o mais importante fundo dialetal da nossa fala popular".

Ainda com **Gladstone**, aprende-se que a população escrava brasileira originou duas línguas gerais: o nagô ou yorubá na Bahia e o quimbundo nas outras regiões. Esta última de maior importância linguística e, obviamente, geográfica. Ato contínuo, relaciona influências estruturais, dentre as quais as morfológicas são as seguintes:

> (...) simplificação e redução das flexões. (...) rareiam as desinências no plural (...) "tendência a pluralizar o determinante – e só ele (...) O verbo também sofre bastante as conseqüências. (...) "muita vez só há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas. Dignos de nota são os fenômenos de deglutinação e aglutinação de fonemas, como acontece com o s do determinante, que se incorpora à vogal da palavra seguinte, produzindo nova forma autônoma e fecundante. Assim, zarreio (resultado de os-arreio) donde "zarréia" o animá; zóio (consequência de os óio), donde "zóia" a prucissão passá; zome (nascido de os-home), que aparece em frases como uma sala cheia de "zome" (...)". O mesmo se dá com o pronome oblíquo da expressão "ir-se embora", que é interpretada como ir simbora" (...) "deixar no singular um verbo referido a sujeito plural que se lhe pospõe "chegou três pessoas" (...).

Em "A influência africana no português do Brasil" (1972), **Renato Mendonça** afirma que se salientaram duas línguas que foram faladas pelos negros do Brasil, como línguas gerais: o nagô ou yorubá, na Bahia e o quimbundo do Norte e no Sul, decorrendo desta última maior influência sobre o português. Para esse estudioso, o traço mais original das línguas africanas, especialmente as bantu, é a

divisão do vocabulário em um número determinado de classes, que se distinguem entre si por afixos próprios a cada uma, de modo que a sistematização das palavras por grupo lembra as declinações das línguas clássicas. “Na constituição da classe, observam-se não só os prefixos (elemento material), mas também o sentido da palavra (elemento visual)”. (...) “Há uma classe constituída pelos seres humanos, outra pelo nome de plantas,” (...) “pelos nomes abstratos,” (...) “nome de líquidos, e sucessivamente.”

> O afixo classificador de cada termo tem uma importância tão grande que se repete no correr da frase em todas as palavras que com ele se relacionam.

O quimbundo, para **Renato Mendonça**, só tem prefixo. Ele ensina que duas espécies de prefixos são conhecidas no quimbundo: os nominais e os concordantes. Cada espécie possui dez prefixos. Os nominais indicam a classe da palavra e o número dos substantivos

1ª Classe	seres animados	mu	a
2ª Classe	seres inanimados	mu	mi
3ª Classe	instrumentos	ki	ma
4ª Classe	objetos de grandeza	ri	i
5ª Classe	termos abstratos	u	mau
6ª Classe	objetos de extensão	lu	malu ji
7ª Classe	termos abstratos	tu	matu
8ª Classe	termos verbais	ku	maku
9ª Classe	animais	-	ji
10ª Classe	diminutivos	ka	tu

Os prefixos nominais indicam, portanto, a classe e o número dos substantivos. Esses prefixos nominais, segundo **Mendonça**, acompanham as palavras quimbundas na passagem para o português.

Na morfologia, o mesmo estudioso aponta os seguintes "vestígios" em relação ao português do Brasil:

a) Supressão do marcador do plural no determinado;

b) Extensão do "vestígio" consignado na letra a, acima, ao adjunto predicativo (as criança tavum quetu);

c) Aglutinação de um *s* prostético, resultante da ligação na frase (zóio, simbora)

d) Invariabilidade de gênero e número do pessoal *ele*, com posposição ao artigo definido *os* para indicar plural (osêle, eles elas);

e) Transformação da terminação *am*, da terceira pessoa do indicativo perfeito em ô átono (disséro)

f) Síncope do *d* na desinência de gerúndio (andano)

Observe-se que **Renato Mendonça** não chegou, na obra em apreço, a extrair todos os detalhes fônicos dos vestígios apontados, a exemplo das regras "c" e "e".

Os primeiros rebentos

Simplificadas marcas

Os dados da fala das 4 comunidades negras abarcadas pelo subprojeto, referidos aqui, dizem respeito às primeiras 20 fitas transcritas ortograficamente. Esse material foi gravado por ocasião dos trabalhos de campo executados em 1994/1995, conforme já se disse. Apesar da ainda relativamente pequena coleção de fatos, significativas demonstrações relacionadas às hipóteses levantadas já podem ser visualizadas.

Tome-se inicialmente por marca qualquer particularidade da língua, com significado ou não, que sirva para opor – pela sua presença em face da presença de outra, ou pela sua presença em face da sua ausência, paradigmática ou sintagmaticamente –, palavras da língua. Por esse conceito, o traço "sonoro" incidente no fonema "*g*", que distingue *paca* e *paga,* por exemplo, é uma marca; em *cantava* e *cantara, "-va"* e "*-ra"* são duas marcas; em *preto* e *preto tuíra, "tuíra"* é uma marca. Pode-se chamar também **marcadores** para particularidades desse tipo. Ao traço "sonoro" do fonema "*g*", no caso acima, não se pode chamar senão marcador fonológico; para *"-va",* "*-ra"* e *"tuíra"* é justo que se chame **marcadores gramaticais**.

Se essa conceituação serve, então as primeiras reflexões desta parte do relatório devem se voltar para a simplificação flexional, abundante nos dados já transcritos. Essa simplificação atinge especialmente os marcadores gramaticais de número, nos nomes, e de número-pessoa, nos verbos.

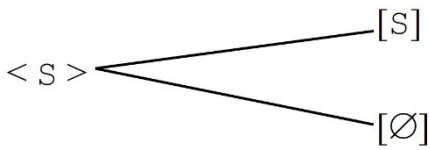
Para alguns estudiosos, como vimos, a simplificação é fenômeno universal das falas populares resultantes de influência de outras línguas. Não se pode deixar de reconhecer, por outro lado, que esse mesmo fenômeno pode ser – com respaldo de outros estudiosos, como também se viu – resultado da influência africana no português do Brasil.

De qualquer modo a simplificação existe na fala das quatro comunidades remanescentes de quilombos estudadas. E nessas comunidades os falantes são negros em maioria esmagadora.

"muitus tempu", "várias histurinha"

Relativamente à supressão do marcador de número dos nomes, cumpre dizer, conforme **Mattoso Camara Jr**. (1972) que se trata, fonologicamente, de um arquifonema resultante da neutralização, em margem decrescente de sílaba (posição posvocálica), das quatro constritivas não-labiais do Português, representado assim /S/[10*]. Semanticamente, esse marcador indica "mais de um indivíduo" e contrasta com um zero (Ø), indicador de "apenas um indivíduo".

A supressão em referência implica o que em Sociolinguística variacional se convencionou chamar "batalha" entre duas variantes que recobrem a mesma significação. O esquema é o seguinte:



Marcação de singular à parte, a análise se detém em uma variante "S", pertencente à língua padrão –, e em outra variante Ø, integrante do falar das comunidades remanescentes de quilombos de Cametá.

O outro passo deve ser o do exame de como se dá essa batalha entre as duas variantes no sintagma.

Considera-se aqui sintagma "a combinação de duas formas linguísticas" (...) "em que o elemento determinante cria um elo de subordinação com outro elemento, que é o determinado", de acordo com **Leodegário de Azevedo Filho** (1971). Por esse mesmo referencial as duas variantes em estudo devem ser surpreendidas num sintagma intraoracional chamado sintagma nominal. Considere-se nesse particular que o fenômeno de ajuste entre determinante e determinado,

[10*] Aqui não se usarão as barras.

chamado concordância, será afetado pela supressão. Esta ocorre, nos dados disponíveis, da seguinte maneira:

1. Para o caso determinante + determinado:

1.a) artigo + nome – "us velhu", "as criança";

1.b) pronome + nome – "meus filhu", "essas cunversa", "quelas minina", "aquelis zome";

1.c) numeral + nome – "dôs mês", "duas semana";

1.d) intensificador + nome – "muitus tempu", "várias histurinha";

1.e) intensificador + adjetivo- "u mais pretu" (no contexto de uma fase como "eram os mais pretos".

Os dados não permitiram, até o momento, observar o sintagma do tipo adjetivo + nome, talvez em virtude da preferência pela ordem nome + adjetivo.

2. Para a ordem determinado + determinante registrou-se apenas um caso

2.a) substantivo+adjetivo...."casas grandi"...

3. Para o esquema determinante + determinado + determinante observou-se a articulação abaixo.

3.a) Artigo+substantivo+adjetivo:..."umazigreja disprezada..."

A rarefação do determinante adjetivo manteve-se também nestes dois últimos casos. Já não se pode mais afirmar que se trata de preferência por uma ordem diversa. Agora é preciso indagar por que ela existe (a rarefação do adjetivo), sobretudo se observadas as relativamente frequentes ocorrências de artigo, pronome, numeral e intensificador seguidos de nome no sintagma nominal. Não é descabido supor que se trata de um exemplo de interferência da estrutura social na estrutura linguística, pois se sabe que é uma das características do *déficit* dos códigos restritos, no sentido atribuído por Bernstein ao conceito, a tênue utilização de adjetivos. A continuidade da observação dos fatos poderá aclarar mais essa interpretação.

Nos exemplos arrolados acima, observa-se a tendência para suprimir o marcador de plural naquelas palavras que, na sequência li-

near do sintagma nominal ocupam a posição não-inicial. Qualquer que seja a função, de determinante ou de determinado, o arquifonema "S", representando o marcador de plural (e até mesmo quando ele não desempenha esse papel) mantém-se na primeira palavra do sintagma e apaga-se nas seguintes. A interferência do dado "posição" parece ser importante nesse caso, pois, se a explicação para o apagamento do marcador de plural nesses contextos está na repulsa ao caráter redundante da concordância no português formal, o falante parece marcar o significado "mais de um indivíduo" na primeira palavra do sintagma e deixar que essa marcação recubra as seguintes. A atitude então seria a de economizar na quantidade de marcadores usada, deixando que a marcação fique subentendida nas outras palavras.

Outro problema é o de se saber se o apagamento em exame se opera somente em relação ao "S" marcador de plural ou se ele ocorre também com aquelas palavras em que esse mesmo arquifonema se apresenta, na língua culta, em margem decrescente da sílaba final, sem que seja marcador de plural, tais como **simples, pires, lápis, menos**. Quanto a esta última, não parece ser o caso de analisar neste momento, pois, como vimos acima, os dados de que dispomos até agora só permitem verificar a supressão em substantivos e adjetivos.

Quanto às três primeiras palavras, diga-se que não parece previsível o apagamento do "S". Parece, finalmente, que, se esse apagamento ocorrer, ele será menos importante que aquele que se dá nos casos anteriormente examinados, em que se suprime não somente uma unidade fonológica, mas também uma unidade significativa. Mas é preciso também dizer que os contornos da realidade, expressos pela pintura impressionista através da diferença de matizes, necessitam das linhas mais firmemente traçadas dos fatos em ciência. Do que, nesta análise, ainda não foi possível dispor.

"nós fala", "nós falava", "nós falemu"

O outro caso é o da supressão dos marcadores flexionais verbais.

A redução de flexões verbais foi examinada em relação aos verbos regulares de 1a. conjugação, até este momento, e apenas nas formas do indicativo. Observou-se que essas comunidades operam com o presente, com o pretérito imperfeito, e com o pretérito perfeito. Os

outros tempos do indicativo não aparecem nos dados (sabe-se que a direção do diálogo na entrevista pode interferir neste particular).

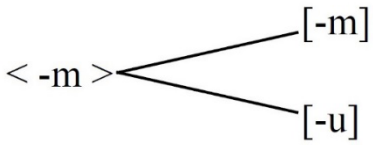
Tomou-se como referência aquilo que **Mattoso Camara**, no "Estrutura", considera como estrutura dos verbos regulares em português: raiz + vogal temática + sufixo modo temporal + sufixo número pessoal. Abreviadamente fica assim: V=R+VT+SMT+SNP.

Os dados mostram que o presente do indicativo caracteriza-se, no falar observado, pela supressão do sufixo número pessoal na 2a. pessoa do singular e na 1a. pessoa do plural (a 3a pessoa do singular já é não-marcada). Considerando-se que modo e tempo apresentam um marcador Ø nesse mesmo presente do indicativo, o quadro se apresenta assim:

eu, eles	casu.
tu, ele, ela, nós	casa

Note-se que o marcador "-u" se repete na 3a. pessoa do plural, deixando de ser exclusivo da 1a. pessoa do singular do presente do indicativo, o que constitui um caso de neutralização. Há também na 3a. pessoa do plural a supressão da vogal temática.

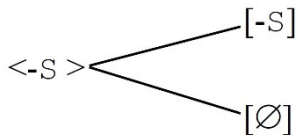
A primeira batalha se dá então entre o marcador "-m", fonologicamente "uN", do português padrão-, e o marcador "-u", do falar em exame, na 3a. pessoa do plural:



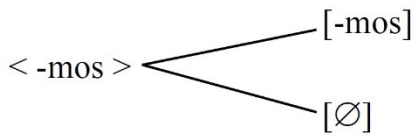
Dentro do linguajar da área de atuação da pesquisa também se dá a coexistência dessas mesmas variantes "-u" e "-uN". O contexto sintagmático, no entanto, é diferente daquele em que se dá o aparecimento de "-uN" na língua culta, pois, se se utiliza o marcador padrão, mantém-se a supressão da vogal temática. A mudança de registro caracterizada pela presença de um interlocutor forasteiro munido de gravador pode explicar o aparecimento da variável "-uN", como policiamento, nas falas do Itapocu.

Os outros pares de variantes em confronto são:

a) na 2a. pessoa do singular, -S para o ideal normativo e Ø para o dizer negro do Mola, Tomásia, Laguinho e vila de Juaba:



b) na 1a. pessoa do plural, -mos para o código formal e Ø para o não-formal em estudo:

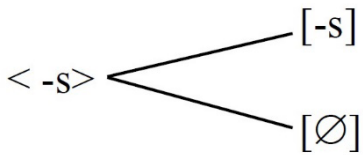


Em seguida, o caso do pretérito imperfeito. O quadro de conjugação fica ainda mais simples, pois o que se tem é a supressão sumária dos marcadores número-pessoais, exceto na 3a pessoa do plural:

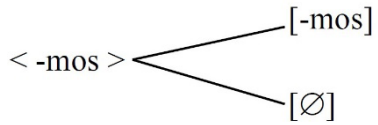
eu, tu, ele, ela, nós	dançava
eles	dançavu

Examinadas as relações entre língua padrão e modalidade não-padrão das quatro comunidades negras em exame, resultam os confrontos

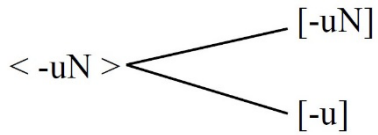
a) para a 2a pessoa do singular:



b) para a 1a. pessoa do plural:



c) para a 3a. pessoa do plural:



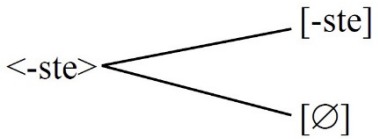
Dentro do falar não-padronizado é possível o mesmo confronto entre "-uN" e "-u", observado na 3a pessoa do plural do presente do indicativo. Aplica-se a mesma explicação dada àquele caso.

Já para o pretérito perfeito, o quadro conjugacional apresenta-se da seguinte maneira:

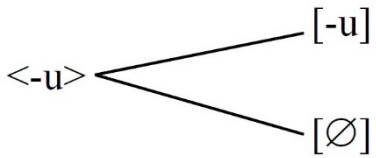
eu	falei
tu, ele, ela	falô
nós	falemu
eles	falaru

A análise inferiu nos dados disponíveis a neutralização entre 2a. e 3a. pessoas do singular, em favor da 3a., com a supressão do marcador número-pessoal "-u", considerando "-ô" como alomorfe da vogal temática "-a-". Daí resultam os gráficos para os dois primeiros confrontos, a saber

a) para a 2a pessoa do singular



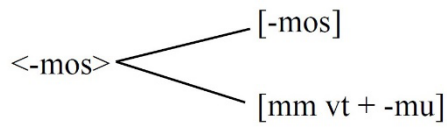
b) para a 3a pessoa do singular



O interessante é que era de se esperar a forma "falú" em vez de "falô", pois a neutralização entre "-ô" e "-u" é tradicional em posição tônica no dialeto do "canua cheia de cúcu de pupa a prua" dos paraenses. Mas os dados mostram *a esmagadora ocorrência da média fechada*. Poder-se-ia atribuir isso a influência africana no português do Brasil, em atenção às articulações negras do tipo "sinhô", "feitô", "quidô". Não parece possível, entretanto. A convivência com realizações do tipo "falú", apesar de estas serem mínimas, sugere que "falô" é resultado de deriva por interferência de fatores extra-linguísticos. Provalvemente aí se dê a emergência do bombardeio do gênero musical conhecido como brega, muito apreciado até pelas crianças, que possuem, desde cedo, abundante repertório dessas músicas, em cujas letras a utilização do passado concluso é frequente: "você me dexô", "você não me ligô", "quase me matô", "comigo não sonhô", "nada me restô".

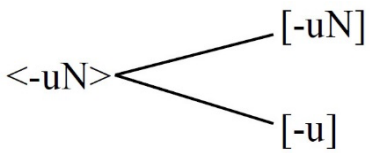
Influência da televisão, nem pensar. Da escola, seria improvável. Da Rádio Tocantins? Claro. É ela que, na condição de emissora AM, veicula basicamente músicas de apelo popular.

Na 1ª. pessoa do plural, o marcador número-pessoal realiza-se pela variante "-mu" associada ao mediamento (transformação em média) da vogal da sílaba tônica ("a" passa para "e", por neutralização entre vogal temática de 1a. e vogal temática de 2a. conjugação). Assim:



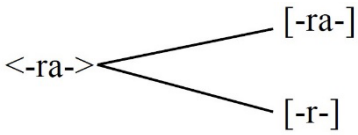
A Prof.ª Risolêta Julião (UFPA/CLA/DLLV) manifestou, verbalmente, a esse propósito, opinião diversa. Reflexões posteriores resultaram na emergência de argumentos que levam a crer no caráter substancial do ponto de vista da ´notável estudiosa da língua anambé.

c) para a 3a. pessoa do plural, tem-se



Também no caso acima, a ocorrência de "-uN"e "-u" dentro do falar do Itapocu se dá nas mesmas condições do presente do indicativo e a ela se atribui a mesma interpretação.

É bom lembrar que, dentre todas as pessoas do pretérito perfeito, a 3a do plural é a única em que se verifica marcador modo-temporal. Trata-se, na língua padrão, do sufixo "-ra-", também verificado no pretérito mais-que-perfeito, motivo pelo qual se dá, nessa mesma 3a pessoa do plural, neutralização entre este último tempo e aquele primeiro. Na área abarcada pelo subprojeto, entretanto, o marcador modo-temporal respectivo é "-r-". Assim, o gráfico para os dois marcadores modo-temporais, em relação a um código e outro, na 3a pessoa do plural, fica:



De modo geral, então, a supressão do marcador número pessoal é a regra entre as formas do indicativo detectadas, outra vez pela repulsa aos processos redundantes de concordância, característica dos falares populares para alguns autores e da influência africana, para outros.

Considere-se finalmente que tanto para os nomes quanto para os verbos essa repulsa à marcação redundante talvez possa se de-

ver à chamada "lei do menor esforço", tão ao gosto dos filólogos e historiadores do idioma, especialmente no que respeita às mudanças fonéticas:

> Atribuiu-se grande importância a lei de menor esforço, também chamada da economia fisiológica. Tal lei explica sem dúvida muitas evoluções fonéticas, do mesmo modo que explica a invenção do elevador, a construção dos automóveis sem pedal de embreagem (hidramáticos), as máquinas de calcular, grandes e portáteis, aceitação passiva das modas intelectuais e mil outras coisas. (MELO, 1981).

Os porquês em linguagem são, no entanto, fugidios. **Labov**, por exemplo, atribui a articulação "ei" para o ditongo "ai" e "ou" para o ditongo "au" entre os falantes de Martha's Vineyard a uma encarniçada resistência dos habitantes da ilha às incursões dos veranistas, falantes do inglês padrão. Sem que isso signifique desrespeito a tão consumado linguista, pode-se perguntar se esse alteamento da vogal do ditongo não se deve, intralinguisticamente, à influência das semivogais "i" e "u". A deriva do português é especialmente ilustrativa a esse respeito, pois, até mesmo quando essas semivogais pertenciam a sílaba diferente da da vogal modificada, não deixavam de operar influência alteadora (faitu > feitu; paucu > pouco; tagênia > tainha).

"tei-tei", "teité", "teteé"

A questão daqueles marcadores conhecidos como ideofones foi também examinada, apesar dos poucos exemplos recolhidos. Não se pôde ainda avançar na direção de saber se consubstanciam um indício de registro linguístico conservador, se são de origem onomatopaica, ou se implicam influência de superstrato africano no português. A análise levada a efeito limitou-se a descrever alguns casos e a continuar produzindo indagações.

É preciso mencionar aqui que **Hildo Couto** (1993) chamou para esses marcadores "partículas exclusivas", denominação com certeza mais adequada, em virtude da forma como atuam:

> Com efeito, (...) eles ocorrem exclusivamente com adjetivos ou com verbos. E mais, com raras exceções, a PE X só ocorre

> com o adjetivo Y, com exclusão de todos os outros adjetivos, ou então, só com o verbo Z, com exclusão de todos os outros verbos. Fora do contexto verbal e adjetival, não tem nenhuma função ou significado lexical próprio, simplesmente intensifica a qualidade expressa no adjetivo ou a ação expressa pelo verbo.

Na microrregião Cametá, há alguns exemplos interessantes. É o caso de "fifíti" e "tuíra", aplicados somente aos substantivos mapará e açaí respectivamente. O primeiro refere "a intensa pequenês" do peixe; o segundo indica a maturidade (representada por intensa negritude do fruto). Assim, o mapará fifíti é aquele que chega a varar pelos orifícios do paneiro, de tão pequeno; o açaí que está "tuíra" é aquele maduro, bem preto.

A utilização "conotativa" de "tuíra" pode associá-lo ao substantivo preto, donde decorrem construções do tipo: – Eu vi um preto tuíra lá na praça!

Para "fifíti" há o caso de se poder utilizá-lo sozinho, mas, ainda assim, para referir o sintagma todo (mapará fifíti): – Comprei uns fifíti pra boia!

Há também os casos dos reduplicativos. Assim: "tei-tei" (muito cheio de comida: – Ele está tei-tei!); "taí-taí" (apimentado leve: – O peixe está taí-taí!) –, formas registradas nas áreas estudas, ainda em exame.

Examinam-se, também, neste momento, as formas "teité" (coitado) e "teteé", presentes no falar cametaense, especialmente o primeiro.

O "qué tá" dos "parentes"

Outra temática prevista no texto do anteprojeto foi a que se refere ao emprego dos clíticos na fala dessas comunidades. **Renato Mendonça** refere como influência africana um "alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada", de onde se infere uma semi-tonicidade como herança do contato do português com as línguas africanas. Em relatório de pesquisa de 1994, a Professora Regina Cruz atribui à fala das comunidades negras da microrregião Cametá a não ocorrência da neutralização entre "ê" e "i", em favor do "i" – ob-

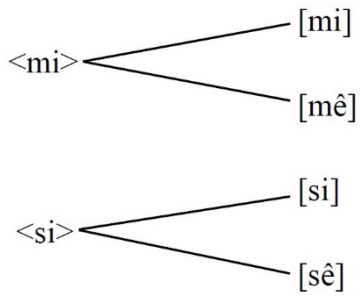
servável em sílaba átona final do português padrão – quando se trata das partículas clíticas. Postulava-se, ainda, no texto do subprojeto, o condicionamento morfofonológico dessa variação.

É importante também mencionar a informação de **Antenor Nascentes** (1964), de que "Cândido de Figueiredo, contestado pelo nosso patrício Paulino de Brito, também atribui à influência africana a nossa colocação de pronomes diversa da de Portugal. Gonçalves Viana igualmente".

Acrescente-se ainda que o problema incide em vocábulos que, dentre outros, **Mattoso Camara**, no "Estrutura", considera formas dependentes: as palavras "que" e "de"; as partículas "me" e "se". A condição de forma dependente de "que" e "de" consubstancia-se no fato de admitirem a intercalação de outros vocábulos entre eles e aquela palavra à qual se ligam mais imediatamente (foi ele que disse/ foi ele que infelizmente disse/foi que ele que infeliz e desafortunadamente disse; ele veio de casa/ele veio de sua casa/ ele veio de sua bela e aconchegante casa). O caso dos oblíquos átonos não é o da possibilidade de disjunção, mas o da prerrogativa de mudança de posição em relação ao verbo (falou-me/me falou).

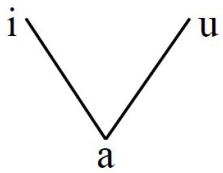
Considerem-se estes últimos.

No caso específico das comunidades negras remanescentes de quilombos de Cametá, usuárias de um código não-padrão face ao português formal, estabelece-se em posição proclítica a batalha entre as variantes "mê" e "sê", de um lado; e "mi" e "si", de outro, respectivamente. Os gráficos, em Sociolinguística variacional, são os seguintes:



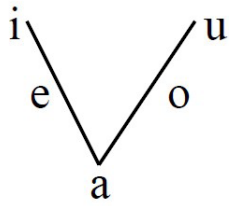
Alguns exemplos: sê formô / si formou, mê lembrei/ mi lembrei, sê mexendu/ si mexendu, mê cuntava/ mi contava.

A primeira observação a ser feita é a de que o quadro das vogais átonas finais do português culto formal não se altera, apesar da ocorrência da vogal média fechada "e", nos oblíquos átonos, na fala dessas comunidades. Permanece o expresso por **Mattoso Camara,** no "Estrutura" (com neutralização das médias em favor das altas), uma vez que não há contraste, não há oposição fonológica, o que implica um fenômeno pertencente apenas à fala e não à língua. Eis o quadro:



Continua se dando a neutralização entre médias aberta e fechada anteriores, em favor da alta anterior O sistema de posteriores continua igual ao do português padrão (neutralização das médias aberta e fechada em favor da alta correspondente).

Não há referir transgressividade nessa utilização dos pronomes clíticos com força subtônica, vez que o quadro de pretônicas do português padrão não implica a neutralização da média fechada anterior em favor da alta anterior, conforme **Mattoso Camara** no "Estrutura":

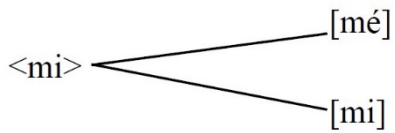


A consequência mais importante para o subprojeto é que tais diferenças criam dois alomorfes entre um código e outro (o do Itapocu e o padrão) e apontam seriamente para a possibilidade de constituírem de fato uma das marcas africanas do português do Brasil, fato que, como já se antecipou, foi afiançado por **Renato Mendonça**.

O que leva a crer nisso é o fato de a "batalha" entre ***mê e sê*** / ***mi e si-*** correspondentes**,** respectivamente, à fala daquelas comunidades e ao ideal normativo –, não favorecer de forma satisfatória a demonstração de causalidade estrutural intra-linguística do fenômeno, considerando que a configuração sintagmática de ocorrência das duas é a mesma.

Essa dificuldade não se apresentaria se fosse considerado o confronto entre os pares de variantes unicamente dentro do código daquelas comunidades, desconsiderando-se a relação deste com o código padrão. Aí sim, emergiria claramente a sua natureza de variantes mórficas fonologicamente condicionadas, vez que, "mê" e "sê" seriam exclusivas da posição pretônica, quando ocorressem de forma proclítica, e "mi" e "si" seriam específicas do contexto átono final, posto que ocorrentes em posição enclítica. Só que, em relação a esta última possibilidade, só se pode contar com aquilo que é provável ocorrer, que é previsível. Os dados mostraram que *as comunidades negras remanescentes dos quilombos da microrregião de Cametá não empregam os pronomes oblíquos átonos "mê" e "sê" em posição enclítica.* Seria justo supor que essa tendência para a proclitização se relaciona com a característica do quimbundo, referida por **Renato Mendonça**, pela qual esse falar só apresenta afixos do tipo prefixo?

Há também a ocorrência de "mé", em vez de "mê", na fala dos negros estudados, em posição proclítica. Relativamente ao português formal, o esquema do confronto seria o seguinte:



É mínima essa ocorrência, e se tem procurado, no subprojeto, responder se isso não se deve à ocorrência dessas partículas com

formas verbais monosilábicas que apresentam a vogal *a*. O exemplo recolhido até agora foi "mé dá". Mas, como se ouve, em Cametá, "– Qué tá, parente?!". A atração exercida pelo fonema "*a*" dar-se-ia no sentido de chamar para perto de si o timbre da vogal média anterior (metafonia).

Cumpre informar que a análise neste momento considera para "***quê***" e "***dê***" a mesma explicação dada para "***mê***" e "***sê***" quando se confrontam código não-formal e código padrão.

Finalmente, observa-se o caráter vigoroso das ocorrências de "***mê***", "***sê***", "***quê***" e "***dê***" nas áreas estudadas e até, como quer a **Professora Regina Cruz**, em toda a microrregião Cametá. Essas variantes se mantêm inclusive contra o estigma sociolinguístico, facilmente verificado (quando se quer referir a caboclice de alguém, às vezes se pergunta prejorativamente: – Tu vieste ***dê*** Cametá passar o Círio?). Mas reconheça-se, por outro lado, que essas formas servem de referência carinhosamente identificadora das gentes daquelas plagas, como na música "Nêga", de Antônio Carlos Maranhão e Alfredo Reis:

> Será que comer muçuã, nêga, faz suar?
> A nêga tinha um sotaque em francês soçaite,
> mas, vez por outra, falava:
> – Eu su é dê Cametá!

"Dava cinco, seis..."

Observe-se agora os primeiros textos orais transcritos ortograficamente no período a que se refere este relatório. Considerou-se conveniente proceder a sua descrição de modo a confrontá-la com a estrutura de narrativa exposta por **Fernando Tarallo** em obra já citada anteriormente. Para ele a "mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura" está na narrativa. Dar-se-ia da parte do informante um desvencilhamento de preocupação com a forma. Brotaria, então, a estrutura narrativa, subdividida por Labov em: orientação, complicação da ação, resolução, avaliação e coda. **Tarallo** explica cada um desses itens:

resumo – introduz as linhas gerais da ação;

orientação – consiste na introdução das personagens do local e do tempo de ação;

complicação da ação – pode ser o acréscimo de fatores adicionais à trama;

resolução – pode ser entendida como seu desfecho;

avaliação – é a tentativa do narrador motivar o ouvinte a valorizar o fato narrado;

coda – marca no final o tempo da narrativa.

Note-se ainda que na complicação e na resolução a ordem das orações não pode ser alterada.

Para servir de demonstração neste relato foram selecionadas seis narrativas. As cinco primeiras são de teor humorístico. Foi necessária a reformulação dos objetivos do sub-projeto neste ponto. Em vez de se considerar logo os textos dos rituais religiosos, foi conveniente partir da piada, passar pela narrativa de "causos", até chegar nos religiosos. Tudo isso com o fim de descontrair os informantes. Os textos foram distribuidos pela equipe num diagrama[11] que ainda está em fase de testes. É, na verdade, um pré-diagrama.

Examinam-se neste momento os textos humorísticos. Foram selecionados cinco deles para efeito de demonstração neste relatório, que se fazem acompanhar de mais um, não-humorístico, para efeito de contraste.

Os textos humorísticos mostram a característica do zeramento dos dois extremos (o resumo e a coda), bem como um enxugamento do número de palavras. Quanto à esta última circustância, parece se dever ao fato de que as piadas são narrativas pré-fabricadas e portáteis que passam de boca em boca sofrendo apenas as pequenas alterações referentes às diferenças de desempenho de cada contador, o traquejo de cada narrador, sua vocação para piadista. São pequenos textos criados de fato para circular.

A supressão do resumo pareceu, de início, causada pela necessidade de preservar o chamado "elemento surpresa", sem o qual a piada certamente não alcançaria o efeito desejado: o riso, a gargalhada.

[11] Nesta publicação, o diagrama original foi apresentado na forma de texto simples.

Assim, pouco ou quase nada se antecipa no início, para não comprometer o final – mas a sua supressão nas narrativas não humorísticas parece remeter à explicação de que o resumo implica a elaboração de um discurso de alcance, uma vez que referencia todo o conteúdo da narrativa, no início desta. Isso parece ser esforço bem maior para falantes de códigos restritos. (Na piada, a essa razão soma-se a de preservação de elemento surpresa.)

Há ainda para comentar a característica da brevidade da orientação. Nas narrativas examinadas, seja no caso da piada, seja no caso da não piada, além dessa brevidade, registra-se o corte da indicação do tempo, tanto como datação quanto como quantidade de tempo gasto. Suprime-se também a indicação de lugar. A explicação para o corte do tempo e do lugar parece estar no fato de que nessas nas comunidades remotas da Amazônia é vaga e lassa a necessidade de perceber o tempo e de referi-lo. A indicação do tempo é sempre do tipo "tordia", "travez", "mavez", "um tempu dessi". Os versos de Paes Loureiro, em sua "A História Luminosa e Triste do Cobra Norato", poema sobre a vida na Amazônia, exemplificam bem essa característica:

> No leito do furo grande
> Lá no rio Tucumanduba
> O cobra norato mora
> no fundo de escuro poço
> onde o tempo é sempre outrora.

No caso da piada, há ainda a circunstância de que se trata de uma narrativa inventada, motivo pelo qual padece do artificialismo desses textos. Artificialismo estruturalmente representado pela omissão daqueles elementos básicos do que **Teun A. Van Djik** considera elementos do contexto: "quem" pode ou deve falar sobre "o que", "para quem", "como", "quando", "onde" (*apud* SARÉ, 1994). Isso é muito parecido com a situação ideologicamente carregada do discurso oficial elaborado com segundas intenções, tal como escrever num oficio: "ainda segundo informes verbais, o senhor fulano de tal fez tal coisa" (só se diz o como e o que, mas se nega, por omissão, quem, quando, onde, por que). A supressão da indicação do lugar parece corresponder a causas pararelas e similares.

São rápidas as avaliações, quando aparecem. Geralmente tentam esclarecer aquilo de engraçado se quis transmitir, para evitar que o ouvinte deixe de entender a piada e, portanto, não ria.

A rarefação da coda parece se dever ao fato de que esse elemento da estrutura é raro é não tão necessário. Para a piada, seria até descabida, pois o excesso, no final da piada parece ser indicador de mau piadista. Com efeito o bom piadista é aquele que pega o ouvinte de surpresa em conclusões (resoluções) concisas, secas, rápidas, sem prejuízo do conteúdo

A seguir as narrativas escolhidas como exemplo:

NARRATIVA 001

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

U cara, u cara chegu... u cara chegu nu portu da cidadi, sabi.
Aí num cunhecia ninguém na cidade. Aí ele subiu, né. Ele subiu.
Chegu lá tinha um duidu, sabi, qui incontru cum eli.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Essi doidu inxergu u cara lá. E eli saiu na frenti deli, andandu.
Aí, eli andu ligeru. Eli andu também.
Aí pegu correu, atrás... U cara correu du... u duidu correu atrás du cara bom, sabi.
Aí, u cara pulu n'água eli... U duidu tchou! atrás.

RESOLUÇÃO

Quandu eli buiú, eli falu: – É tu a pira!

AVALIAÇÃO

Eli num quiria fazê nadinha pra eli.
Disqui tavum brincandu dê pira, já, us dos!

CODA

Ø

NARRATIVA 002

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

Era um sinhô, qui eli dependia de arguma coisa. Era mentirosu, não.

Eli cunvidô um camarada lá prá servi de cumentá u qui eli falava, sabi.

I aí eli foi passiá na casa da namurada.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

I aí eli chegô lá, eli dissi (ia passandu um barãu), dissi: – Purra! mas aqueli barcu é iguá u meu.

I u cara qui fui cum eli dissi:

– É! U seu é muitu maió du que aqueli um.

Nem fali!

Aí a velha pegava na filha dela:

– Casa (...) cum eli,casa cum eli!.

Aí eli olhô pu otru ladu, tinha uma fazenda bunita. Muitu gadu. Dissi:

– Mazaquela fazenda é iguá a minha!

– Si a sua nem é cumparada!

I a velha:

– Casa cum eli!

RESOLUÇÃO

Aí ficô lá cunversandu prali, praculá, i deu uma tossi neli. I dissi:

– Mazuma tussinha!

– A tussinha?! Já um trezanu!

– Num casa mas cum eli!

AVALIAÇÃO

– Pronto!

CODA

Ø

NARRATIVA 003

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

Mas sim, olha, tem aquela du ajadu, né, i os dos cumpadri du braçu. Um num tinha nenhum braçu. Um tinha um braçu. Aí eli foru na festa:

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí quandu eli ulhô u cumpadri deli tava assim num isteiu se mexendu.

Num tinha nenhum braçu. Aí u ladu du braçu mas tava ali triste, né. Eli falu:

– Mas porra! Mas cumé qui aqueli meu cumpadri num tem nenhum braçu i tá dançandu? Tava se mexendu. Eli fui lá i bateu assim nu ombru.

– Mas cumpadri, u sinhô num tem nenhum braçu i vucê tá se mexendu.

RESOLUÇÃO

Eli falu:

– Não, cumpadri, minha costa tá cuçandu i num tenhu jeitu de me arranhã.

AVALIAÇÃO

Ø

CODA

Ø

NARRATIVA 004

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

Uma vez era dôs velhinhu, não. I tinhu só uma filha. Aí passu tempu u velhu murreu.

Aí a velha falô pra filha:-Mas filha, teu pai morreu i nós num rezamu nenhuma ladainha pra eli. Ela falô: – É, mãe velha, é só a gente rezá. I a velha falu: – É minha filha, antão tu pega lá na frente que eu respondu aqui pra trás.

RESOLUÇÃO

– Tira lá, minha filha.

Ela cantô: – U papai murreu, cum u pudê da aurora.

Aí, a velha respondeu lá pra trás:

– Dava cinco, seis, sem tirá pra fora.

AVALIAÇÃO

Ø

CODA

Ø

NARRATIVA 005

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

Eu ovi uma história dessi.... dessi.... Abondi...

Abondi era um nêgu forti, né... Hovi uma festa aí.

COMPLICAÇÃO

I u cara puxô lá uma encrenca e foi querê incumudá u cara e eli muito brabu.

Elipegô meteu eli assim debaxu du braçu.

Debaxu du braçu e ficu andandu.

Eli ficu andandu por lá e u cara lá debaxu du braçu dele aperriadu. Depôs eli dissi:

– Mestri, mestri, me sorti.

Eli olhô:

– Quem fala? – É ieu! Me sorti!

Eli dissi: – Quem é quê táqui?

– É ieu, fulanu di tar.

RESOLUÇÃO

–Ah! rapaz, eu dizia que era u meu cachimbu quê tava debaxu du braçu.

NARRATIVA 006

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO

U Duca falu assim: – Olha, nós vamu saí pá pescá!

COMPLICAÇÃO

– Bora!

Nós ia passandu ali que ia atravessandu um caminhu. Eli falu, tava lá impé, u Duca. Eli falô ansim: – É! Ces já vãu pescá é? Num vãu puxá nenhum.

Aí nós fumu imbora pescá.

Eu puxei uma e eli não puxô nenhuma.

Nós vinha nu cascu. Aí eli falu: – Pá ocê vê cumé u negóciu. Que gente vem purcurá um modu de cumê, i um digraçadu daqueli fala que eu num ia puxá. I ieu num puxei mermu.

Eu falo, eu tinha uma tia que ansim cumu o otru falava prá ela num i mariscá i ieu ainda tenhu.

RESOLUÇÃO

Eli puxô, eli puxô dôs que deu certinhu na artura do canecu. Dessi tamanhu.

Eli falu, eli falu pá você que ocê num ia puxá.

Cadê, olha... Você Puxô?

AVALIAÇÃO

É a boca deli qui num presta. Hoji ieu perdi o caniçu nu pau. Fui!

Eli pegô um. Eli tornu a falá. Quandu serviu que eli faz ansim cum u dedu!

CODA

Ø

Criatividade tateada

A produtividade da criação de palavras segundo o processo de composição pareceu, em atenção a postulado da Professora Regina Cruz, em Relatório técnico-científico, de 1994, "a grande pista" para a identificação do dialeto africano falado pelas comunidades a serem estudadas. Alimentou essa afirmação, no texto do subprojeto, a circunstância de que a língua bantu, segundo informações da mesma professora, é tipologicamente aglutinante. A "pista" serviria também para ajudar na confirmação de se esses negros falariam um dialeto bantu quando chegaram ao Brasil.

O exame do problema é lento, está em fase inicial, pois se trata de aspecto delicado nas consequências que se pretendem extrair, o que recomenda, mais do que em relação aos outros aspectos, um caminhar comedido e rigoroso. De qualquer modo, algumas observações já podem ser antecipadas neste relatório, não como respostas, mas como fruto de uma convivência com as hipóteses respectivas e suas implicações.

Toma-se como referencial neste momento a distinção proposta por **Mattoso Camara Jr**., no "Estrutura", pela qual a composição por justaposição implica a existência de dois vocábulos fonológicos correspondentes a um único vocábulo formal (guarda-chuva, quebra-queixo); enquanto que a composição por aglutinação resulta da correspondência entre um vocábulo fonológico e um único vocábulo formal (um dos componentes perde a sua identidade acentual e assume a do outro: girassol, pernalta). O caso da derivação está sendo entendido como o daquele processo que resulta da afixação do vocábulo formal, basicamente.

Não importa, por outro lado, relativamente à justaposição, que os vocábulos associados pertençam a uma origem não-africana. Podem os justapostos serem tupi mais tupi, tupi mais português, português mais tupi, afro mais afro, afro mais tupi, tupi mais afro, afro mais português, português mais afro –, que o étimo dos componentes tanto faz. O que se acredita é que esse falar negro é produtivo em relação ao processo, é criador de compostos justapostos.

Os dados já permitem observar timidamente exemplares dessa criatividade:

> comi-qui-é (“(...) essa árvuri é de comi-qui-é, uma fruta anssim.”) come-que-é, nome de fruta.
>
> custavê (“(...) custavê é um lugá”; “(...) tenhu um filhu que mora praí pu custavê”) custa-a-ver, nome de lugar.
>
> cara-branca (“(...) tordia deu um cara-branca neli”) cara-branca, sinônimo de vertigem.
>
> taí-taí (“(...) essi pexi tá taí-taí “) taí-taí, levemente apimentado

Observe-se em “custavê” que a elisão entre a vogal *a* final da palavra custa e o *a* preposição não consegue descaracterizar a justaposição. Observe-se também que as formas reduplicadas (*taí-taí*) estão sendo consideradas casos de justaposição, pelo menos até o momento.

Os casos de criação derivada também acontecem, e aqui são registrados apesar de implicarem criatividade apenas no sentido de que são articulações curiosas de morfemas gramaticais já existentes no português com radicais pouco utilizados ou desconhecidos:

> varrida (“(...) aí u Ricu atiru matu dos capadãu aí nos fizemu varrida lá (...) aí nos fumu pra lá.) varrida, picada ou trilha por onde o caçador fica andando durante a caçada e que lhe permite não fazer barulho para espantar as presas.
>
> testanti (“(...) ele tinha que ter um testanti”) atestante, aquele que confirma, que atesta.
>
> maranheza (“(...) naquela maranheza dela quando ela acordava já tava tudo pronto”.) maranheza, qualidade de quem está lerdo.
>
> vidêru (“(...) nós andava na caça deli mas elis foru vidêru). videiro, diligente.
>
> transamentu (“(...) a fulana, tordia, um tempu dessi aí, fiz um transamentu. Daí se ajuntaru”). transamento, relacionamento sexual.

A análise prosseguirá na direção de outros casos de compostos e das condições em que essas composições se efetuam, inclusive quanto à origem das palavras componentes.

Mãos dadas sob testemunho

A relação entre a língua e as estruturas sociais parece tênue. Certos setores dela, no entanto, registram com maior facilidade o universo falante, sua concepção de mundo, sua cosmovisão. É o caso do vocabulário. Se o falante opera com o vocabulário básico da língua, comum a todos, – as palavras fundamentais, o fundo comum de **Gladstone** – há também:

> As palavras culturais" que "são as que designam objetos e idéias que estão sujeitos mais frequentemente a contatos interpovos e, portanto, interlinguísticos. Dizem respeito ao progresso científico e tecnológico, à criatividade artística, à moda, ao intercâmbio comercial, à variedade da flora e da fauna. E também às mudanças sociais. Nelas, portanto, é que pode incidir a interação com as estruturas sociais ou das ideologias. (Sílvio Elia – *Sociolinguística*).

Consideradas uma subdivisão do gênero palavras culturais, destacam-se as palavras testumunhas, as quais refletem uma estrutura de civilização, pois revelam o espírito de uma dada contemporaneidade no âmbito do *fazer social* humano.Seu testemunho é o de uma forma específica de ver e pensar o mundo, bem como das soluções de sobrevivência encontradas pelo homem.

Pois bem, no Mola, no Laguinho, na Tomásia, no Juaba, parece neste momento haver uma palavra testemunha a nortear a característica maior de suas vidas: a carência absoluta. Essa palavra testemunha é "cumpanherismo" – refelxo da necessidade de solidariedade, sem a qual a sobrevivência não seria possível.

Daqui pra frente...

Nada de definitivo se pretendeu contivesse este relatório. Aliás, se assim fosse, estariam irrecuperavelmente comprometidos os esforços de investigação sobre os aspectos mórficos da fala das comunidades remanescentes dos quilombos da microrregião de Cametá. Se dele resultou pelo menos a possibilidade da formulação mais adequada das indagações e se se foi expresso esse feito, então favoreceu-se o aclaramento das representações que se fez da realidade estudada.

Fala-se em representações porque de fato a consciência do que se fez nesses onze meses é a de que se operou apenas uma aproximação da realidade e, como toda aproximação sempre é, preferiu-se de fato priorizar uma visão de conjunto dos fatos. Dessa maneira, acredita-se ter chegado muito mais na detecção dos fenômenos que propriamente na sua análise. As próximas etapas, em número de quatro, previstas para os próximos quatro anos: 1995/1996, 1996/1997, 1997/1998, 1998/1999 –, têm de verticalizar mais as ações, atendo-se, cada uma, em um aspecto específico.

Resultam também claras algumas tarefas imediatas. A crítica dos dados coletados parece ser a primeira. É preciso ver até que ponto o material de que dispomos permite, por exemplo, ilações a propósito de variáveis sociolinguísticas, especialmente faixa etária, escolaridade e tema. Rever as transcrições ortográficas e, aproveitando-as como norte, infletir diretamente na transcrição fonética é outro aspecto dessa crítica. A esse respeito cumpre tomar uma posição sobre o código a ser utilizado: se o de **Pike**, se o alfabeto fonético Internacional. A primeira opção serviria plenamente para os objetivos de uma pesquisa que se preocupa com os aspectos mórficos; a segunda poderia representar a possibilidade maior de socialização do material, consubstanciada no seu aproveitamento por um número maior de estudiosos.

Impõe-se ainda um assenhoreamento maior em relação ao modelo sociolinguístico de **Bernstein**, vez que se nos parece no momento mais adequado, especialmente para que a possibilidade de extensão dos nossos esforços, no sentido de compensar as comunidades alvo, seja favorecida. Há necessidade também de se conviver mais detida-

mente com a obra de **Calvet** e **Störig** para as narrativas orais e para o processo de formação de palavras, respectivamente.

De qualquer modo, há um procedimento de análise inicial que já representa um ponto de partida significativo. Um envolvimento salutar dos alunos. Um sem número de aspectos não previstos a considerar.

Já se verá.

VOZES DO ITAPOCU

Orlando Cassique

Com a colaboração direta de
Ana Cristina Silva Chagas
Doriedson do Socorro Rodrigues
José Danúzio Pinto Pompeu
Marivaldo do Socorro Freitas Coelho

Apresentação

O presente relatório destina-se a descrever as atividades de pesquisa desenvolvidas de setembro de 1995 a agosto de 1996. Durante esse período deu-se prosseguimento à pesquisa de cunho sociolinguístico junto a quatro comunidades remanescentes de quilombos da microrregião de Cametá, a saber: Mola, Tomásia, Laguinho e Juaba. Esse trabalho diz respeito ao subprojeto "As marcas africanas do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da microrregião Cametá: um resgate sócio-geográfico", que investiga os aspectos morfológicos do português falado pelos moradores dessas comunidades. O subprojeto integra o projeto "Descrição fonético-fonológica da fala de comunidades remanescentes de quilombos do nordeste paraense" cuja coordenação é da professora Regina Cruz.

Introdução

Desde os primeiros contatos levados a efeito em 1994, praticou-se a "observação participante", entendida esta no sentido que lhe foi atribuído por Carlos Brandão (1984, p. 17):

> A partir do momento em que vou estar com o outro, quando eu não coleto fragmentos e opiniões a partir de dados de viajantes e missionários; a partir do momento em que "vou lá", o outro é diferente para mim. O outro não me aparece mais como dado, ele me aparece como vida, como relação concreta, social, afetiva e eu vejo pessoas morrendo, casando. Eu estou vivendo uma observação participante: vou plantar milho, feijão e assisto a enterros, casamentos, me comovo com as coisas que acontecem, me envolvo com as pessoas.

A coleta de dados nas comunidades remanescentes de quilombos do Itapocu, abarcadas pelo subprojeto, desde aquele momento, teve essa conformação: esteve-se lá, conviveu-se com as pessoas.

Esse procedimento impõe-se à pesquisa sociolinguística, no sentido das proposições da Teoria Variacionista de Labov, explicitadas por Tarallo, em *"A Pesquisa Sociolingüística"* (1986). Segundo este último, as investigações nessa área devem considerar a necessidade de se participar diretamente da interação com os membros da comunidade, procurando-se evitar inclusive que a presença do pesquisador, munido de gravador, interfira na naturalidade da situação de comunicação. Nas conversações a palavra "língua" foi evitada, de modo que o informante não prestasse atenção na sua própria maneira de falar. Representou-se, enfim, o papel de "aprendiz-interessado" na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades.

No período a que se refere o plano de trabalho que motiva este relatório, refletiu-se especialmente sobre a possibilidade de aliar-se à "observação participante" aquele aspecto que, segundo Carlos Brandão (1984), constitui o outro lado da pesquisa participante: "a participação da pesquisa". E "participação da pesquisa" implica a busca de devolver para a comunidade os resultados obtidos.

No sentido do imediatamente acima exposto foi que se elaborou o Projeto ITAPOCU (Treinamento e Assessoramento às Escolas das Comunidades Remanescentes de Quilombos da microrregião Cametá-PA), aprovado pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV). Nele se destaca a importância do conhecimento sistemático da variedade linguística do português falado por essas comunidades, como também o levantamento de sua estrutura socioeconômica e cultural para se fazer um planejamento eficiente do ensino fundamental, especificamente no que tange ao exercitamento escolar do português padrão. Nessa conformidade, dentre os objetivos do projeto de extensão contemplava-se a reciclagem, do ponto de vista pedagógico e de conteúdo, dos professores da zona rural de Cametá. Visava-se, assim, a contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da zona rural daquele Município.

Em "Tambouros do Itapocu" (CASSIQUE, 1995), indicava-se já essa perspectiva do aproveitamento dos resultados do projeto coordenado pela Profa Regina Cruz e do subprojeto coordenado pelo Prof. Orlando Cassique, a partir das considerações sobre o ponto de vista sociolinguístico de Bernstein. Atentava-se para a circunstância de que se se trabalhar de forma isenta com a diferença entre código elaborado e código restrito, acabar-se-á por aproveitar as razões do referido autor para sugerir o trabalho de suplência nas comunidades em que esses códigos se apresentam. Suplência no sentido de oportunizar às classes subalternas o acesso ao código padrão.

Projeto Itapocu

A proposta educacional manifesta no "Projeto Itapocu" partiu da constatação da carência do nível de instrução escolar das localidades estudadas pela pesquisa de cunho sociolinguístico, cujo objetivo é formular uma representação de como se dá a variação linguística nessa parte da Amazônia.

Concomitantemente, já se fizera um trabalho de documentação não só linguística, mas também socioeconômica, antropológica, histórica e cultural. Isso foi possível porque o projeto de pesquisa contou, no período de agosto de 1993 a outubro de 1995, com a colaboração de quatro alunos do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História do Campus Universitário de Cametá, na condição de bolsistas de Iniciação Científica, hoje graduados.

As escolas

A vila de Juaba possui uma escola estadual, onde funciona do 1º. ao 2º. grau, e uma escola municipal que atende de 1ª a 4ª série. Só possui sistema multisseriado, por isso não será considerado inicialmente alvo deste projeto.

O povoado do Mola possui uma escola municipal, com clientela de 1ª. a 3ª. série do 1º. grau. O sistema multisseriado funciona só pelo turno da manhã, atendendo alunos não só do povoado, mas também de localidades próximas, como Itabatinga e Miramar. Informe-se que, entre outubro de 1994 e março de 1995, quando contava com cerca de vinte e três alunos, as atividades da escola estiveram interrompidas em virtude da aposentadoria da professora Benedita Campelo.

O povoado de Tomásia possui uma escola estadual que funciona no sistema multisseriado. Nela convivem crianças de todos as séries, desde as que estão em fase de alfabetização até as que cursam a terceira série do primeiro grau. Seu horário de funcionamento é pela manhã, das 7h às 11h. Denomina-se Escola Estadual de Tomásia – Cametá.

A escola do povoado de Laguinho, que outrora pertenceu à rede estadual, passou à responsabilidade do Município e segue os mesmos padrões da escola de Tomásia. Ficou sem funcionar por mais de cinco anos, em virtude da falta de professor. Foi reativada em março de 1995, graças à intervenção da equipe do projeto de pesquisa junto à Prefeitura Municipal de Cametá, a partir de solicitação dos moradores.

Indicou-se para a função de professor o Sr. João Batista Borges, morador do povoado de Porto Alegre e detentor do 2º. Grau, magistério, cursado no Projeto Gavião. Assim, a escola reiniciou suas atividades com 22 alunos oriundos de localidades vizinhas, tais como Bertoldo, Nova Alegria, Arraial de Santa Luzia, Sitio Bom Jesus e Nazaré, além das crianças da própria comunidade de Laguinho, atendendo dezenove alunos na alfabetização e três na 1ª. série.

Diagnóstico

Houve necessidade de se lidar com um diagnóstico da estrutura escolar das localidades. Em grande parte, já se dispunha de um quadro analítico (CRUZ; VANZELER, 1995), que serviu de suporte para a proposta.

A realidade dessas escolas assemelha-se à descrita por Davis e Gatti (1993) para as escolas rurais do nordeste. A presença dos órgãos competentes não é ainda satisfatória. Há problemas de atendimento aos professores, especialmente no que diz respeito a treinamento, material de ensino, apoio pedagógico. O único material de que dispõem os professores é um planejamento anual, cuja formalização denuncia as dificuldades do ensino realizado na área. O material didático oferecido, o currículo seguido pelos professores e o conteúdo programático das disciplinas não atendem às especificidades da comunidade rural.

Os professores limitam-se a decodificar os textos que são apresentados para atividade de leitura. Com muita dificuldade atingem o nível de interpretação, quando não se dá o fracasso total. As aulas de alfabetização se resumem aos trabalhos de caligrafia, atividades de coordenação motora – mecânica, que tomam por base a escrita dos números e das letras.

Esse quadro analítico constatou que apesar das escolas que funcionam no sistema multisseriado possuírem uma realidade específica, não existem métodos e técnicas adequados a sua realidade. Dessa forma, utilizam-se, por exemplo, para o desenvolvimento das aulas, os mesmos livros didáticos produzidos no sul do Brasil. O conhecimento veiculado nesses livros é tomado como absoluto e em nenhum momento o professor trabalha a realidade local nas suas aulas.

É comum o professor dividir o quadro de escrever ao meio. De um lado ele coloca os conteúdos para os alunos de 4ª. série; do outro, o conteúdo para os alunos da 3ª. série. Passa também atividades de cobrir, desenhar, copiar, para o pré-escolar e para a 1ª. Série; e cobra leitura individual dos alunos de 2ª. série.

Ainda há casos de o professor dispensar algumas séries para atender as outras, principalmente no período de avaliação.

Num primeiro momento, pensou-se que quase a totalidade dos professores do sistema multisseriado não tivessem uma formação para exercício do magistério. Hoje comprova-se que apenas 10% não possuem formação. As entrevistados confirmaram que esse quadro foi alcançado depois da implantação do Projeto Gavião, que formou sua primeira turma no ano de 1995. Registre-se, ainda, que 2% dos professores possuem cursos adicionais.

O número de alunos que conseguem atingir a 4ª. série é bastante reduzido (cerca de 4 ou 5). Isso demonstra que não há um bom rendimento escolar. Além disso, as escolas isoladas só ensinam até a 4ª. série do 1º. Grau, e os alunos que desejam continuar seus estudos são obrigados a se deslocar para as vilas ou para a sede do município, o que contribui para o êxodo rural.

Há disparidade de faixa etária entre os alunos, pois numa mesma turma encontram-se alunos de idade que variam entre 6 e 19 anos. É de se esperar que esses alunos apresentem graus diferenciados de aprendizagem, o que interfere diretamente no rendimento escolar. Além disso, a metodologia aplicada no ensino multisseriado é a mesma tradicional, que não considera a convivência de alunos com graus diferenciados em nível de aprendizagem.

Não há qualquer assessoramento técnico-pedagógico sistemático para os professores que trabalham no sistema multisseriado. Todo

início de ano letivo, os professores se reúnem no município sede (Cametá) para copiar o conteúdo programático. Esse "planejamento" anual das atividades não compreende acompanhamento técnico posterior, apesar da evidente necessidade que as escolas apresentam.

As Secretarias de Educação parecem apresentar dificuldades para atender melhor as escolas – que, nesses povoados, são de vinculação tanto estadual quanto municipal –, porque, até o presente momento, seu papel tem se restringido a visitas esporádicas às localidades de acesso mais fácil.

O único material pedagógico de que dispõem os professores – o planejamento anual – apresenta erros gravíssimos de escrita, típicos de quem não conseguiu vencer algumas barreiras da alfabetização e consequentemente de quem não domina a norma culta. Se os professores ainda apresentam esse tipo de lacuna, como poderão permitir com eficiência o exercitamento da variante padrão do idioma aos alunos, por exemplo? As estratégias propostas no planejamento apresentam o mesmo grau de gravidade, prova marcante de que se trata de mera cópia, pois muitas delas são inviáveis ao meio rural. Pode-se muito bem tomar como exemplo o fato de no planejamento de 1990 só haver as listagens de conteúdo programático, além de, apenas, um único destaque interessante: as plantas da região.

As escolas não possuem qualquer documento autêntico para facilitar o contato das crianças com a escrita, tais como jornais, revistas, livros, etc.

Os próprios professores têm plena consciência de que seu trabalho não é tão eficiente e de que devem existir métodos capazes de tornar o ensino na zona rural mais agradável para os alunos e mais gratificante para o professor. Só não sabem como fazê-lo.

Essas escolas estão em total abandono, o ensino nelas ministrado é de péssima qualidade, sua estrutura é mais um elemento a forçar o êxodo rural, pois quem quer estudar tem que sair de lá.

A base sociolinguística

As escolas do Itapocu abarcadas pelo subprojeto necessitam de um atendimento que leve em consideração sua situação sociolinguística, sua realidade regional. A Universidade Federal do Pará possui

um projeto de Educação Indígena juntamente com a Secretaria de Educação do Estado do Pará. Assim como as comunidades indígenas, as comunidades caboclas rurais merecem um tratamento específico no que diz respeito ao ensino escolar.

A indicação aleatória do material didático a ser utilizado pelos professores implica a necessidade imediata de a UFPA. assessorar um planejamento escolar mais adequado à realidade da zona rural, uma vez que o tipo de escola presente na zona rural cametaense segue o mesmo modelo de educação formal realizado nos grandes centros urbanos.

Entende-se que um programa de educação para a zona rural deve ser acompanhado, desde a fase de elaboração, de pesquisa sociolingüística sobre o português falado nas comunidades alvo, requisito com o qual se pode repensar juntamente com os professores e demais segmentos locais o tipo de escola que pode servir aos propósitos da comunidade. Desse modo, necessário também se faz o aproveitamento das experiências do *"As marcas africanas do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da microrregião Cametá: um resgate sócio-geográfico"*.

Os problemas de expressão escrita demonstrados pelos professores impõem a atuação imediata em atitude supletiva. Ainda não se constata interesse da parte desses docentes pela variedade do português falado nessas comunidades. Não sabemos de qualquer caso, entre os que conhecemos através de conversas particulares com docentes da área, de apoio em um estudo linguístico local para orientar os professores no ensino da língua padrão ou para, pelo menos, abrir-lhes os olhos no sentido da observação de sua própria realidade. talvez pelo fato de não haver assessoramento linguístico nos programas de educação implantados.

A partir das experiências vividas durante as pesquisas de campo nos povoados de populações remanescentes de quilombos da zona rural de Cametá, a proposta do projeto destaca a importância do conhecimento sistemático da variedade linguística do português falado nessas comunidades, como também da familiarização com sua estrutura socioeconômica e cultural, para se fazer um planejamento eficiente do ensino fundamental, principalmente no que tange ao ensino do português-padrão. Em seguida, impõe-se reciclar os profes-

sores do ponto de vista pedagógico e de conteúdo. Nessa perspectiva, emerge a necessidade de treinamento do corpo discente envolvido, planejamento dos trabalhos, elaboração de planos de trabalho, levantamento e seleção do material bibliográfico, levantamento *in loco* da situação escolar para os anos letivos seguintes, minicursos, assessoramento aos professores, oficinas, campanhas de livros, avaliação e replanejamento de atividades.

Apesar da grande função da escola consistir em familiarizar os alunos com a modalidade escrita, as escolas atendidas pelo Projeto não dispõem de documentos autênticos, o que dificulta bastante o contato das crianças com a escrita. Nesse sentido, programa-se a formação de bibliotecas nas escolas. Para tal está destinada ao corpo discente a responsabilidade de viabilizar uma campanha de livros, jornais, revistas que possam ser doados por instituições ou particulares às escolas das comunidades.

Como o fracasso do programa de educação para a zona rural deve-se também ao fato de não ser acompanhado, desde a fase de elaboração, de pesquisa sociolinguística sobre o português falado nas comunidades rurais, a proposta esboçada tem como vantagem sobre qualquer outra proposta de escola para a zona rural o fato de dispor de um estudo da variante do português falado na área. Um outro aspecto positivo é o engajamento de alunos de graduação em Letras, na execução do mesmo. Os graduandos em Letras dispõem de conhecimentos linguísticos básicos e necessários à implementação de uma proposta dessa natureza, que visa também a um trabalho de ensino de língua materna sem o caráter normativo comum nas escolas. Pois, trabalhando com uma realidade distante e diferente da deles, espera-se que esse contato leve-os a se comprometerem com um ensino de qualidade, assim como a formarem uma nova visão de professor de língua materna. Tal mudança de visão e postura profissionais são esperadas também dos alunos de Pedagogia engajados no projeto, uma vez que sua grande contribuição será repensar com os professores locais o tipo de escola que possa servir aos propósitos da comunidade. Para tal, o Projeto dispõe como já se falou de uma etnografia completa e detalhada das comunidades estudadas, assim como de um resgate historiográfico das mesmas.

Portanto, o atendimento aos professores locais pelo corpo discente deve levar em consideração a situação sociolinguística das comunidades, assim como sua realidade.

Transformando o ensino dessas escolas em um ensino de qualidade, acredita-se que se resolverá um duplo problema causado por uma estrutura escolar "capenga":

1. O êxodo rural, que provoca a extinção dos povoados, pois as crianças que pretendem continuar os estudos têm que residir nos centros urbanos maiores;
2. A evasão escolar das crianças, que amam sua localidade e não querem sair de lá.

Crítica do corpus

Em "Tambouros do Itapocu" manifestava-se que "resultam também claras algumas tarefas imediatas. A crítica dos dados coletados parece ser a primeira". É preciso ver até que ponto o material de que dispomos (36 fitas) precisa enquadrar-se ainda mais nas características relativas àquilo que a sociolinguística variacionista propõe como esquema de seleção de informantes para as entrevistas:

> Nos estudos de comunidade estabeleça parâmetros rígidos para a seleção de informantes, como, por exemplo: somente serão entrevistados aqueles indivíduos que ou tenham nascido na comunidade em questão ou a ela tenham chegado até os 5 anos de idade. Com isso você evitará que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolingüística do grupo estudado.
>
> O tamanho da amostra dependerá da natureza lingüística da variável a ser estudada. Uma variável fonológica, por exemplo, é bastante recorrente na fala; já uma variável sintática ocorre com menos freqüência, exigindo, portanto, uma amostragem maior, bem como estratégias especiais para fazê-la ocorrer. (TARALLO, 1986)

O resultado das discussões culminou na elaboração de um questionário socioeconômico que considerava nome do informante, sexo, idade, trabalho, remuneração, escolaridade. Indagava-se ainda sobre

as condições em que o informante ouve música, já com o objetivo de colher subsídios para a investigação da influência do brega no falar daquela área. O questionário foi o seguinte:

1- Nome do informante: _____

2- Sexo: ____ M _____ F

3- Idade: _____

4- Trabalha? ____ Sim ____ Não

5- Tem remuneração? ____ Sim ____ Não

6- Valor da remuneração (média/ mensal): _____

7- Frequenta ou já frequentou escola? ____ Sim ___ Não

7.1 Qual a série? _____ 7.2 Até que série? _____

8- Local de nascimento: _____

9- Data: _____

10- Ouve música?

___Rádio

___Festa na comunidade

___Festa fora da comunidade

___Samba de cacete

___Gravador

11- Entrevistador: _____

Foram discutidos ainda os critérios que poderiam servir de pressuposto para a caracterização da área em estudo (Mola, Laguinho, Juaba e Tomásia) como remanescente de quilombo. Nesse sentido, salientou-se a necessidade de avançar-se no exame das reflexões antropológicas sobre o negro, verificando-se inclusive trabalhos publicados no âmbito da UFPA, como os de Edna Castro. Por outro lado, destacou-se a necessidade de o Projeto continuar com o levantamento das marcas de concordância, já salientadas em "Tambouros do Itapocu" (CASSIQUE, 1995). Indagou-se ainda o porquê da existência de rarefação de adjetivos no dialeto das comunidades em estudo. Diante disso, destacou-se a possibilidade de haver algum elemento, na estrutura do falar daqueles povoados, que esteja sendo usado em substituição aos adjetivos; em consequência, enfatizou-se a necessidade de se estudar o adjetivo no período composto.

Na referida reunião, tratou-se sobre o fato de que o futuro verbal não se manifestava nos dados colhidos até aquele momento. Cogitava-se a possibilidade de o tempo presente ser usado com sentido de futuro, bem como a de não se utilizar o futuro simples nessas localidades. Finalmente orientou-se para a necessidade de os trabalhos de campo serem seguidos de anotações e de se usar temas capazes de surpreender o falante em termos de utilização de formas verbais do futuro.

Resultados obtidos

Marcadores gramaticais

Simplificação verbal: a 2ª conjugação nos falares das comunidades negras do Itapocu

No período a que se refere este relatório deu-se prosseguimento à análise estrutural da simplificação verbal ocorrente nos falares estudados. Ao exame desse fato nos verbos de 1ª conjugação levado a efeito em "Tambouros do Itapocu" (CASSIQUE, 1995), acrescenta-se agora o relativo aos verbos de 2ª conjugação.

Também como em "Tambouros do Itapocu", considerou-se marcadores gramaticais

> (...) qualquer particularidade da língua com significado ou não que sirva para opor – pela sua presença em face da presença de outra ou pela sua presença em face da sua ausência, paradigmática ou sintagmaticamente – palavras da língua. (CASSIQUE, 1995)

Camara Jr. (1972), no "Estrutura da Língua Portuguesa" sistematiza uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal em português:

$$T\ (R + VT) + SF\ (SMT + SNP)$$

Para ele,

> (...) no padrão geral dos verbos portugueses o radical é uma parte invariável. Constituído de um morfema lexical, acrescido, ou não, de um ou mais morfemas derivacionais, ele nos dá a significação lexical, permanente do verbo. A indicação das noções gramaticais (1 – modo e tempo, 2 – número e pessoas) cabe ao sufixo flexional com seus dois constituintes aglutinados.

Com relação à simplificação e redução das flexões, o professor Gladstone Chaves de Melo (1981) atribui a rarefação das desinências, no plural, à tendência de só haver *"oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas"* e à de *"deixar no singular um verbo referido a sujeito plural que se lhe pospõe"*. Tais fatos constituem, para esse estudioso, características estruturais, no verbo, da influência negra no Brasil.

Essas reflexões norteiam a descrição das formas linguísticas dos verbos da 2ª conjugação nos falares das comunidades negras do Itapocu: Mola, Tomásia, Laguinho e Juaba.

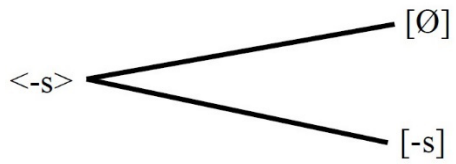
Inicialmente, os dados mostram a esmagadora ocorrência do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo, nos falares das comunidades em estudo, em detrimento das formas de futuro. Não se registraram ocorrências do pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Com relação ao modo subjuntivo, observou-se pequena ocorrência de verbos no presente, pretérito imperfeito e futuro. Em conseqüência do aparecimento do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, observaram-se contextos em que se deu o aparecimento do modo imperativo. O gerúndio apareceu com o sentido de presente. Nos dados, tais formas geralmente vêm precedidas por verbos auxiliares (*estar*, em sua maioria).

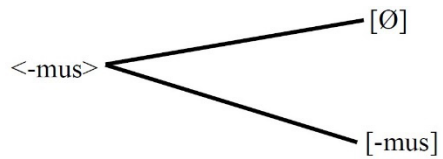
No momento, trabalhamos com verbos regulares.

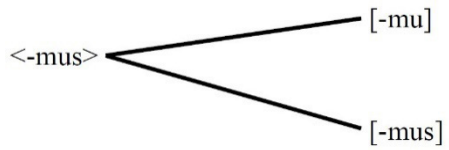
Nos dados disponíveis observa-se que o presente do indicativo caracteriza-se, nos falares do Itapocu, pela supressão do sufixo número- pessoal na 2ª pessoa do singular e 1ª e 3ª pessoa do plural. A 3ª pessoa do singular, como se sabe, já é não-marcada no código padrão.

A "batalha", ou confronto de variáveis, na 2a pessoa do singular fica o seguinte:



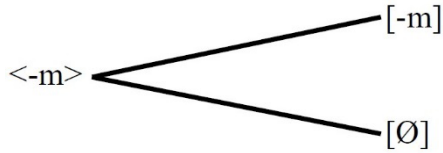
Na 1ª pessoa do plural, observa-se uma batalha entre a supressão de marcador número- pessoal [Ø] e a presença de marcador de número pessoa do código padrão [-mus]; ou ainda [-mu], para o código do Itapocu, em face de [-mus] para a norma culta. Dá-se também a ocorrência de [-mus], acompanhado de abaixamento do /u/ para /o/, nessa forma arrizotônica, à maneira do código padrão em situação formal. Isso talvez se deva a um fator de hipercorreção, explicável pela presença de um investigador munido de gravador. Resulta de qualquer modo um caso de alomorfia livre, já que o uso desses sufixos face a [Ø] parece não obedecer a qualquer condicionamento estrutural. Assim:





Com relação à 5ª ou 2ª pessoa do plural, tomemos como embasamento o que Mattoso Camara no "Estrutura da Língua Portuguesa" comenta: (...) é de um rendimento mínimo, pois está ciscunscrita a certos registros especiais da língua escrita." Com efeito, os dados não mostraram ocorrência de tal pessoa gramatical.

Na 6ª pessoa ou 3ª pessoa do plural, a variação entre código elaborado e código não-padrão do Itapocu dá-se da seguinte forma:



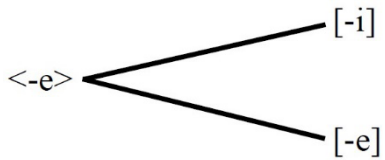
Considerando-se que modo e tempo apresentam um marcador [Ø] nesse mesmo presente do indicativo o quadro relativo ao falar das áreas em estudo se apresenta assim:

eu	comu
tu, ele, ela, eles, elas	comi
nós	comi / cumemu / /comemus/

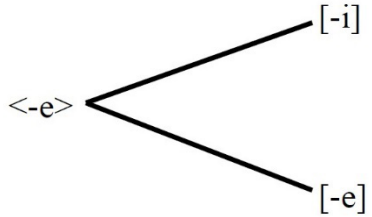
Note-se que nos falares em estudo a oposição de vogal temática de 2ª conjugação /e/ e 3ª conjugação /i/ desaparece na 1ª e 3ª pessoa do plural em favor da vogal temática de 3ª conjugação /i/ – há, no plano fonológico, uma neutralização. Para a 1ª pessoa do plural essa observação só é válida nas ocorrências em que se dá a supressão do marcador de número-pessoa. Nas variantes do tipo [cumemu] ou [comemus] há, nos falares em estudo, o aparecimento da vogal temática de 2ª conjugação observada no código padrão. Relativamente à 1ª e 2ª pessoa do singular, a neutralização já acontece no código padrão, em favor da 3ª conjugação.

Graficamente, as observações sobre vogal temática ficam assim:

a) Na 1ª pessoa do plural, – e para o código padrão e -i para o código em exame (variante nós comi):



b) Na 3ª pessoa do plural, -e para o código padrão e -i para o código em exame:



Relativamente à variação de vogal temática na 1ª pessoa do plural (variante "nós comi") e na 3ª pessoa do plural do código em exame, observe-se que talvez se deva a um condicionamento fonológico, uma vez que nessas pessoas, no código padrão, há a ocorrência de -e antes de fonema consonântico nasal /m/ (nós comemus / elis comem), ao passo que, no código em exame, esse elemento nasal não ocorre (nós, eles comi). Dá-se, então, um alteamento da vogal média anterior fechada para alta anterior.

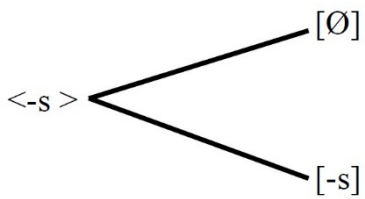
Com relação ao pretérito imperfeito do indicativo, os dados apontam, no código não-padrão estudado, uma supressão do sufixo número-pessoal, mesmo naqueles casos que apresentam marcação, no código elaborado, com a pequena ressalva de que na 3ª pessoa do plural aparecem alguns casos marcados, em termos de número-pessoa, pelo sufixo "-m". Acrescente-se que tal sufixo vem precedido da desinência modo temporal "-ia" ou "-iu". Acredita-se mais uma vez que a ocorrência do sufixo modo temporal "-m", observada nos dados, pode se dever à hipercorreção, decorrente da presença do pesquisador munido de gravador.

O quadro do pretérito imperfeito do indicativo fica, então, da seguinte maneira:

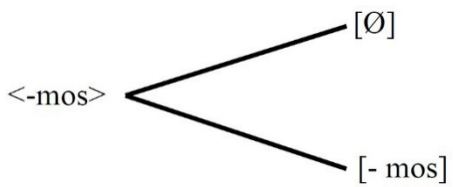
Eu, tu, ele, ela, nós –	cumia
Eles	cumiu / cumia / cumiam /

Examinadas as relações entre língua padrão e modalidade não-padrão das quatro comunidades negras em exame, resultam os confrontos.

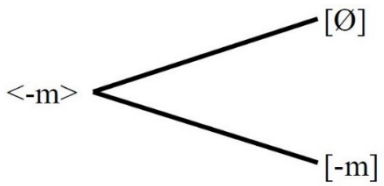
a) Na 2ª pessoa do singular, -s para o ideal normativo e Ø para o dizer negro do Mola, Tomasia, Laguinho e Juaba:



b) Na 1ª pessoa do plural, "-mos" para o ideal normativo e Ø para a modalidade não-padrão em exame:

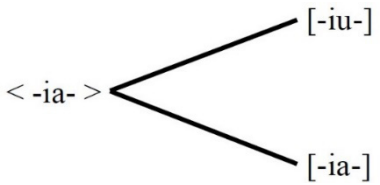


c) Na 3ª pessoa do plural, ocorre tanto a modalidade padrão "-m'' fonologicamente "-UN", como Ø para a modalidade não-padrão em exame:

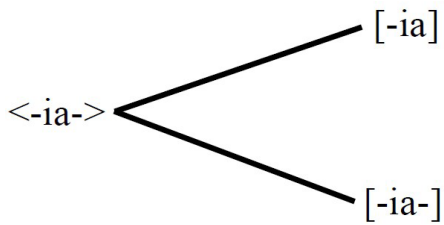


Com relação ao sufixo modo-temporal, o quadro, nas comunidades em estudo se apresenta assim:

a) Sufixo modo temporal "-iu" – (fonologicamente "-uN'') – para o código não padronizado em exame e "-ia" – tendo posteriormente o sufixo número pessoa "-m" (fonologicamente "-uN") – para o código padrão:



b) Sufixo modo temporal "-ia"-), para o código não padronizado em exame e "-ia", tendo posteriormente o sufixo número pessoa "-m", fonologicamente "-uN", para o código padrão:



Note-se que os sufixos modo temporais "-ia" e "iu" ocorrem tanto em presença como em ausência do sufixo número pessoa "-m". Acredita-se que aí se dê um caso de alomorfia. Por outro lado, também parece haver uma batalha lingüística entre o sufixo flexional (SF (SMT + SNP)) padrão e o sufixo flexional não padrão com queda, em alguns casos, do arquifonema nasal /N/ tanto para o sufixo modo temporal "-ia" como para "-iu".

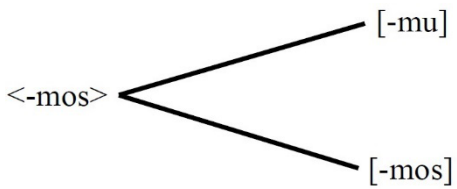
Com relação ao pretérito imperfeito, Cassique (CASSIQUE, 1995), assim o resume : "(...) o que se tem é a supressão sumária dos marcadores número-pessoais, exceto na 3ª pessoa do plural", tratando dos verbos da 1ª conjugação. Para os verbos regulares da 2ª conjugação, o quadro apresenta-se da seguinte maneira:

Eu	cumi
Ele	cumeu
Nós	cumemu
Eles	cumeru

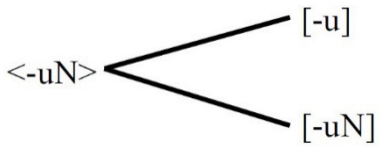
Os dados não apontaram o uso de formas na 2ª pessoa do singular. Houve um predomínio de formas na 3ª pessoa do singular.

As batalhas que se verificam são as seguintes:

a) Na 1ª pessoa do plural, "-mos" para o código padrão e "-mu" para o código não-padrão em exame:

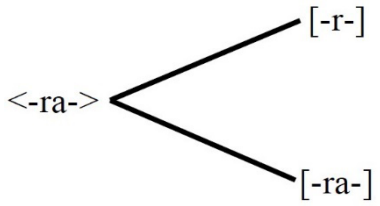


b) Na 3ª pessoa do plural, "-m", fonologicamente "-uN", para o código padrão e "-u" para o código não-padrão em exame:



Com relação ao sufixo modo-temporal no pretérito perfeito, assim comenta Cassique (1995):

> É bom lembrar que, dentre todas as pessoas do pretérito perfeito, a 3ª pessoa do plural é a única em que se verifica marcador modo-temporal. Trata-se, na língua padrão, do sufixo "-ra", também verificado no pretérito mais-que-perfeito, motivo pelo qual se dá nessa mesma 3ª pessoa do plural, neutralização entre este último tempo e aquele primeiro. Na área abarcada pelo sub-projeto, entretanto, o marcador modo-temporal respectivo é "-r". Assim, o gráfico para os dois marcadores modo-temporais, em relação a um código e outro, na 3ª pessoa do plural, fica:

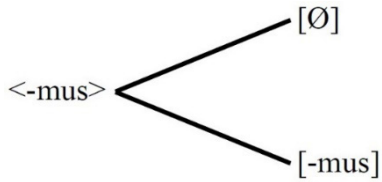


Embora tenham ocorrido formas no futuro do presente do indicativo, essas não foram descritas, uma vez que no momento trabalha-se com verbos regulares. A mesma observação se faz para presente e pretérito imperfeito do subjuntivo.

Com relação ao futuro do pretérito, notou-se uma ocorrência mínima de verbos na 1ª e 3ª pessoa do plural.

Ele	Cumeria
Nós	Cumeria

Observa-se nesse caso a supressão do marcador de 4ª pessoa, ou 1ª pessoa do plural, mas a escassez de amostragem, nesse tempo, não permite ainda a inferência de maiores detalhes estruturais. O que foi possível observar até agora, resume-se na seguinte "batalha":

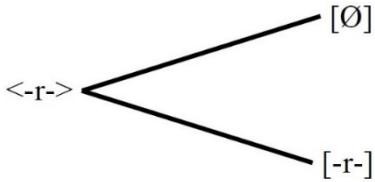


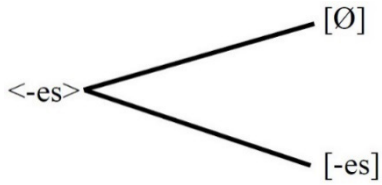
No futuro do subjuntivo, os dados mostram ocorrências na 2ª pessoa do singular e na 1ª e 3ª pessoas do plural, com permanência da vogal temática e desaparecimento, em regra, dos sufixos gramaticais que se pospõem ao tema verbal, regularmente, no português padrão. O quadro é o seguinte:

Tu	Cumê
Nós	Cumê
Elis	Cumeri

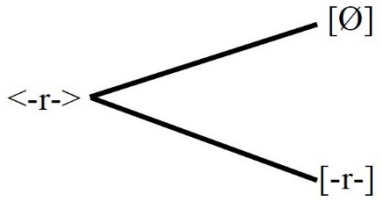
Embora a escassez de dados nesse tempo verbal não possibilite, no momento, um exame mais apurado, observe-se desde já os seguintes confrontos entre variáveis:

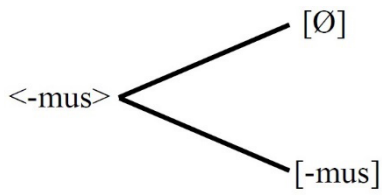
a) Na 2ª pessoa do singular, suprimem-se os marcadores modo-temporal e número-pessoal, em relação ao código normatizado:



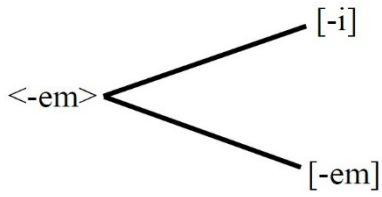


b) Na 1ª pessoa do plural, ou 4ª pessoa, desaparecem, no português do Itapocu, também, os marcadores de modo e tempo e de número e pessoa.





c) A 3ª pessoa do plural, ou 6ª pessoa, mantém, no falar não padrão estudado, os marcadores de modo-tempo e de número-pessoa, mas, em relação a este último opera-se alteamento e desnasalação da vogal:



Então, conforme as conclusões de “Tambouros do Itapocu” (CASSIQUE, 1995), relativamente aos verbos de 1ª conjugação, po-

de-se dizer também para os da 2ª conjugação que "a supressão dos marcadores gramaticais número-pessoal é a regra entre as formas detectadas, outra vez pela repulsa aos processos redundantes de concordância, característica dos falares populares para alguns autores e da influência africana, para outros.

Ideofones

Em "Tambouros do Itapocu" (CASSIQUE, 1995), a análise dos marcadores conhecidos como ideofones descreveu alguns casos e continuou produzindo indagações. Naquele momento ainda não se havia avançado "na direção de saber se consubstanciam um indício de registro linguístico conservador, se são de origem onomatopaica ou se implicam influência de superstrato africano no português." Por outro lado, as primeiras reflexões consideravam os ideofones como "partículas exclusivas", conforme Couto (1993), expondo o caso de 'fifiti' e 'tuíra', aplicado somente aos substantivos mapará e açaí, respectivamente. Considerava-se que o primeiro se refere à intensa pequenês do peixe; o segundo indica a maturidade (representada por intensa negritude) do fruto. Foram referidos também os casos de reduplicativos: 'tei-tei' (muito cheio) – Ele está tei-tei de comida!); 'taí-taí' (apimentado leve): – O peixe está taí-taí!). Examinaram-se, também, as formas 'teité' (coitado) e 'teteé' (à toa). Por causa dessa intensificação os ideofones recebem, também, a denominação de "intensificadores" (SCANTAMBURLO, 1981).

A partir do período a que se refere este relatório, incorporou-se à análise, além do conceito de "partículas exclusivas" de Couto (1993), a aplicação do termo ideofone conforme tem sido feita pela maioria dos africanistas tradicionais como Wilson (1962) e Mbodj (1979).

O passo seguinte foi o de avançar na análise sobre os aspectos morfológicos e sintáticos dos ideofones falados nas comunidades remanescentes de quilombos em exame. Verificaram-se a estrutura fonológica, as modificações combinatórias e se as mutações fônicas desempenham um papel morfológico nos grupos de ideofones usados na área de atuação do subprojeto. A partir dos dados obtidos na pesquisa de campo, foram formuladas hipóteses divididas quanto aos aspectos estrutural e não-estrutural, investigando-se se os fatores ét-

nicos influenciam para a concorrência dos ideofones. Tentou-se ver a possibilidade de ocorrência de ideofones no português popular e se esses mesmos ideofones podem executar outras funções além da de intensificação. Indagou-se sobre os fatores condicionadores do fato de os ideofones exercerem a função de intensificadores de apenas verbos ou adjetivos. Avançou-se, ainda, na direção de se saber se há; outras classes de ideofones no português falado pelas comunidades negras da microrregião de Cametá (PA), além das partículas exclusivas. Tenta-se, também, determinar em que ambiente os ideofones aparecem na fala das comunidades em estudo.

Além das partículas exclusivas, há a ocorrência de outra série de ideofones que estão mais relacionados com os "cenemas"[12] do que com o pleremas, conforme se observa nos termos grifados abaixo:

> Falando sobre o carrinho do nenên.
> Dora: A roda da frente não gira.
> RC: essa aqui, tu estás falando?
> Dora: [*hem hem*]
>
> Neiva: eu e a mamãe vimos no rio uma cobra morta.
> Celesta: morta?
> Neiva: [*hum hum*]
>
> Neiva: E como é o nome dela?
> RT.: da minha avó?
> Neiva: [*hem hem*]
> RT.: Candida.
>
> Toió: setenta e seis
> R.T. : setenta e seis?
> Toió: [*hum hum*]

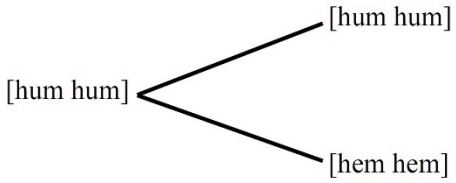
[12] O termo cenema, quer dizer "unidade vazia", isto é, vazia de sentido, é empregado a fonema por L. HJELMSLEV e pelos linguístas de Copenhague para designar, no plano da expressão as unidades distintivas mínimas fazendo abstração da natureza fônica da linguagem, considerada como acessória, acidental. O cenema é uma figura de expressão que se opõe ao plerema, figura de conteúdo.

Miriam: sai saiu sessenta e dois?
Toió: sessenta e dois?
Miriam: [*hem hem*]
Toió: ainda não.

Neiva: oitenta e quatro, Mara?
Mara: [*hem hem*], oitenta e quatro

Os vocábulos 'hum hum' e 'hem hem' são duas formas que os negros em Cametá utilizam para expressar a afirmação nos seus textos orais conversacionais, consubstanciando-se em duas variantes, por apresentarem a primeira exigência da Sociolinguística, que é a de possuirem o mesmo significado (Cruz, 1994)

A variável < hum hum > é do tipo binária, pois possui duas variantes, como se demonstra abaixo:



Neste momento, a análise das variantes acima foi realizada levando em consideração a relação feita por George Trager (1955) dos ideofones com outros aspectos da língua, representados na matriz abaixo:

microlanguage
prelanguage metalinguage
paralanguage

As variantes [hum hum] e [hem hem] estão inseridas no domínio da microlíngua, empregada no mesmo sentido de Trager:

> (...) é a língua no sentido estreito, caracterizada por um inventário limitado de unidades distintivas, seqüencialmente combinadas para formar uma sequência de morfemas e um número indefinido de combinações de morfemas.

O domínio da microlíngua é dividido em subdomínios, um dos quais é dos Palinfones, onde podemos encontrar palavras palindrômicas, que são composições de sons repetidos e frases de sons repetidos. É nesse subdomínio dos palinfones que se encontram dois traços mais relevantes da estrutura fonológica dos ideofones: a disfonia e a palinfonia. Disfonia é a ocorrência das formas que são fonostaticamente desviantes das normas microlinguísticas; palinfonia é a repetição de som, sendo que sua forma mais compacta é a palindromia ou a seriação de sons da fala, de modo a formar uma sequência que não muda fonemicamente quando revertida, conforme Wescott (1973).

Utilizando a alternativa de fonemização usada por Morris Swadesh (In: WESCOTT, 1973) e Kenneth Pike (In: WESCOTT, 1973), podemos considerar as variantes 'hum hum' e 'hem hem', como palindromes. Neste caso, esses expletivos seriam transcritos como [?u?u] e [?e?e]. Dessa forma, nota-se que revertendo essa seqüência de sons não há qualquer alteração fonêmica.

Nos exemplos abaixo, verificam-se duas outras formas de expressão que assemelham-se com os morfemas isolantes das línguas crioulas da Guiné Bissau, presentes nos enunciados e trechos conversacionais abaixo:

– Vê se eles gostem que a gente tire o deles. Ela ainda ri 'teité'

– Ele bateu meu foto 'teité' aí na máquina.

– mas é nessa que vai?

veja só, eles vão largando a roupa deles de trabalho 'teteé' por aí.

F. C.: O padre não vem?

C: ele tem que vir junto, ele não sabe o caminho.

F.C.: deixe ele andar Teteé

R.T.: naquela festa, teve duas que desapareceram, ela e a Dona Helena.

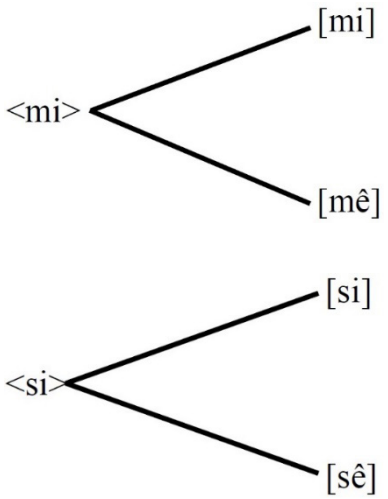
Helena: mas sim, 'teité' e dona Regina.

Semanticamente os vocábulos ‘teité’ e ‘teteé’, apresentam características negativas para os falantes, significando respectivamente, ‘coitado’ e ‘à toa’. Por falta de uma amostragem maior, ainda não se pôde realizar uma análise mais concisa dos vocábulos acima.

Para alcançar os resultados parciais sobre a ocorrência dos ideofones no português popular baseamo-nos em trabalhos desenvolvidos por estudiosos africanistas, especificamente das línguas crioulas, que serviram para a formação dos pressupostos teóricos deste estudo.

Emprego dos clíticos

Em Tambouros do Itapocu (CASSIQUE, 1995) afirmou-se que "no caso específico das comunidades negras remanescentes de quilombos de Cametá, usuários de um código não-padrão face ao português formal, estabelece-se em posição proclítica a batalha entre as variantes "mê" e "sê", de um lado; e "mi" e "si", de outro, respectivamente. Os gráficos, em Sociolingüística Variacional são os seguintes:



Alguns exemplos: sê formô/ si formou, mê lembrei /mi lembrei; sê mexendu/ si mexendu; mê contava / mi contava"

Essas diferenças criam dois alomorfes entre o código do Itapocu e o Padrão e parecem constituir uma das marcas africanas do português do Brasil, mormente porque não há possibilidade de demonstração de causalidade estrutural intralinguística do fenômeno, considerando que a configuração sintagmática da ocorrência das duas é a mesma. Essa conclusão é reforçada pelo fato de que não se pode demonstrar alomorfia fonologicamente condicionada entre "mê", em posição pretônica (proclítica) e "mi", em posição átona final (enclítica); bem como entre "sê", em posição pretônica (proclítica), e "si",

em posição átona final (enclítica), uma vez que as comunidades alvo do projeto não empregam os pronomes oblíquos átonos “mê” e “sê”, em posição enclítica.

Por outro lado, as ocorrências de “mé” em vez de “mê”, e de “qué”, em vez de “quê” foram interpretadas como aberturas metafônicas referentes ao emprego dessas partículas com forma verbais monossilábicas que apresentam a vogal “a”.

O avanço o exame dos dados não mostrou qualquer alteração de que em relação a análise em apreço. Permanece a constatação da não ocorrência de ênclise. Não foram também observados contextos em que “mé” e “qué” ocorram com formas verbais diferentes das monossilábicas que apresentam a vogal “a”.

Narrativas orais

Durante o período a que se refere este relatório procedeu-se à transcrição ortográfica de um maior número de narrativas. O exame acurado de algumas delas mostrou a necessidade de transcrição fonética dos trechos que interessavam. Foram registradas diversas situações de discurso, tais como: narrativas, entrevistas, reuniões.

Além das seis narrativas analisadas no período anterior e constantes do relatório "Tambouros do Itapocu" (CASSIQUE, 1995), foram transcritas trinta e nove narrativas, das quais vinte estão expostas neste trabalho, devidamente destrinçadas do ponto de vista estrutural, e arrumadas as suas partes constitutivas em diagrama gestado pelo subprojeto. A análise dessas narrativas será incluída em artigo no período seguinte da pesquisa.

NARRATIVA 01:
São Miguel e o enforcado

RESUMO

...e o qual esse filho trouxe a sorte de ser morto inforcado, sabe.

ORIENTAÇÃO

E aí esse meu fio *(filho)* foi estudanti e depus ele se formô, sabe. Tuda vez que ele chegava da aula, a mãe dele cumeçava a chorar. E aí ele perguntava por quê? Ela num contú. É que ele ficu também triste. Aí quando foi um belo dia, ela cuntu sabe... que ele... trouxe a sorte que era parele murrê inforcado.

Não por isso não. Me dei os meus, a minha herança que eu vou sair, arrume um criado pra mim.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

– Tá. Aí ele apruntô, ele... saiu. Saiu i... chegô numa cidade que tava disprezada. Pessuá que tinha se môdado pra utro lado. I tinha umas isgrejas disprezada, sabi. I aí uu... Coisa deles u criado dele disse: – Mestre umbora mandar construir essa igreja?

– Se é, umbora.

Aí ele mandu pintar a igreja. Aí ele olhô di longe e disse: – Tá bunita a isgreja. Aí tava u Son Miguel não. Pisando num Satanás...

Mestre se o Senhor mandasse encarnar u Son Miguel ficava bunito.

Ele dissi: -É.

Aí eli mandu encarnar u Son Miguel.

Aí olho de lá de fora e disse: – Ah! Mais tá.

Agora tá bunito mais u Sinhô manda pintá u Satanás.

Ele disse: -Tá.

I aí ele... ele mandô pintá u Satanás. Sê agora tá certo. Eles sairu. Sairu currendo terra... Chegu numa cidadi. Qual naquele dia tinha uma missa. Elis deixaru tudo o bagulho dele lá, i terminu a missa elis vortaru. Imbarcaru tuda a bagage deles... A velha deu u alarme queles iu roubandu u oro dela, sabe. Disse que não por que se ela tivesse uro não, ela num murava na... numa casa daquela que... quando a chuva vinha ali já tava caindo.

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO

Ela deu u alarme à pulícia.

A pulícia veio disse: – Olha você vai morrê amanhã duas horas da tarde.

– Tá.

Aí... aí ele disse: – Olhe u Satanás.

Disse olhe Son Miguel aquele cara que mandu construi.

(essa narrativa é continuada em outra fita e em outra transcrição, eis a continuação)

Nossa igreja vai murrê hoje duas hora; u Sinhô num dá jeito? – Ah! Rapaz eu num du jeito...

– É u destino dele!

– É mas u Sinhô sorta ele, ele num vai lá.

– Intão tá.

Aí ele sortú... Quando se aproximu duas horas tinha gente arredó lá pra vê ele murrê, sabe. I aí... olhe...

Dona faça três juramento seu... esse oru era seu.

Disse: – Olhe pela benção de Deus.

Disse: – Não, pode jurá otra vez.

Disse: – Olhe por tudo quanto é santo. Sim sinhora, nun tá certo não. A sinhora quer que o Diabo carregue ele.

Aí ele pegu pelo... pelo cabelo dela e levu ela

CODA

E acabu-se a história.

NARRATIVA 02:
O parceiro desastrado

RESUMO

Uma vez... olha. Bora escutá... é silêncio aí... Que isso aí num é muita graça.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Uma vez era um... cara que tinha namorada, longe, sabe. Aí foi convidá u colega dele, sabe. Só que ele comia muito, sabe. Aí... tinha que chegá... comi muito. Aí, ele chegou lá... colega bora, bora lá na casa da namorada...

Ele falô ansim: – É rapaz eu vô...

Elis pegaru um cascu e remaru. Era longe. Elis chegeru umas cincu hora na casa da namorada dele.

Aí ele falu ansi: É na viagem... ele falu ansim: – Olhe quando nós se for sentá na mesa, quandu tu tiver cumendo muito, eu vou trisca a minha perna na tua, pra ti parar de comer, tu num fazê vergonha lá pra mim.

Ele falu: – Tá.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí ele chegu... chegaru lá... começa a conversa com a namorada deli, que vigiar, esperar ele... ficou lá.

Aí ele. Aí a mãe da menina arrumou a mesa, só que a menina tinha avó e u avú. Aí arrumaru a mesa, sete hora arrumaru a mesa, sentaru pra comê. Só que na casa da menina tinha um gato, que gostava de ficá debaixu da mesa. Aí sentaru pra comê, um perto du outro. Aí u cara que tinha namorada. I aí na hora que ele fez lá u negócio du pratu dele, que eli ia metendo a primera culherada na boca dele.

gatu veiu i passu u rabu na perna dele. Aí ele paru i cruzu u braço i num cumeu.

Aí u... – Comi.

–Não tu satisfeito já.

Aí a menina... a mãe da menina falu assim: – Coma qui é... sê têm... está cum vergonha.

Não tu satisfeito.

Aí u cara já tinha colocado farinha nu... nu açaí dele, cumeçu a tufá. Aí tava passando já du beço da tigela... aí... aí muitu cum fomi.

AVALIAÇÃO

Aí u cara tinha feito uma proposta pra ele num cumê muito, fazê vergonha a ele.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí... – Que fui que aconteceu cum ele que num tá comendo.

Não tu satisfeito, num tô afim, já cumi.

Aí levantaru. Aí u minino lavou a mão, aí fori lá pra sala. U meninu foi pra lá cum a namorada dele. Ele ficô lá. *(o parceiro)* Aí quandu deu uma dez hora da noiti, a mãe da a.

Não tu satisfeito.

Aí u cara já tinha colocado farinha nu... nu açaí dele, cumeçu a tufá. Aí tava passando já du beço da tigela... aí... aí muitu cum fomi.

AVALIAÇÃO

Aí u cara tinha feito uma proposta pra ele num cumê muito, fazê vergonha a ele.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí... aí muitu cum fomi: rapá tu demais cum fomi.

Ele falu ansim: – Ê rapaz como vai sê?

– Eu vu lá na cozinha, vu dá um jeitu de cumê.

Aí... saiu lá pra cuzinha, subiu... nu fugão, pegô... u tuicinhu cumeu o tuicinho. Meteu a mão na panela cum maniçoba que si inlambuzú tudinho lá u... Cumeu, cumeu qui ele pudia i... Eli veio de lá da cuzinha. Barriga bem cheia, ele sabe eli... incheu a mão dele...

Falô: – Eu vu levá pru meu parceiro, sabe. Se ele não tá cum fome. Aí ele veio. Errô o quartu delis, que elis tavu... Intru nu quartu da velha, da vó da menina. Aí a velha tava durmindo, tava bufando, i ele táva cum cui que tá friu. Aí a velha suprando – "Fu... fu... *(risadas)*.

– Comi, tá friu rapar, comi que tá frio.

Nada dele se... quandu ele ulhu bem mermo: – Oh! Num é eli, é a velha qui tá aqui. Si aturduô e, foi, achô o quarto du parceiro dele.

– Rapaz, toma aqui.

– Falei i rapaz eu num quere sê don...

– Não toma.

– Não eu num quero.

– I agora pra lavá minha mão?

I tava se aproximando cinco hora já, amanheceu. Só que u avô dela sabe tinha custume de fazer cocô nu trapiche, sabe. Sentava... aí...

Aí ele... – Rapar, como vai ser prá lavá a minha mão.

– Sê vai no corredô e mete... a mão dentro do pote e lava.

Aí u cara azuado pra querê vorta pra rede, i chegô lá i... meteu as duas mão lá pra dentro, i prendeu. I ele saiu arrastando o pote de lá... ficô andando pum lado e pum lado, chegô dentro do quartu: – Rapar i agora minha mão prendeu como vai ser?

Falou ansim: – Rapar tu vai me acabar cum a vida agora num vai ter jeito... – Vai nu trapiche e quebra.

Aí u velhu tinha saido lá pro trapiche, sentado lá de perto de um tôcu que fica. Aí ele saiu tumbando pra lá i arribu e arrastu na cabeça do velho. – Pá! Chão! *(uso de sons para reproduzir os fatos)*

Aí, na hora que ele deu era u velho. Ele... vortu pra ele: – rapaz eu matei u velho.

E falu: – Prontu agora tu nos acabu com a vida.

– I comu vai ser.

Falu: – é num tem jeito... como nós vamu fazer idéia pra nós se sair?

Falu ansim: – Ólha, diz que eu vu dá idéia, quando elis levantari elis vão percurar, vão achar demora dele, aí quando... ele demore i for percurar, a gente vai, a gente vai fala que ele veio(no sentido de foi) encher a água du pote, aí escapuliu caiu u poti em cima dele, ele morreu.

Aí falú ansim: – Ah! Tão é, então é isso mesmu, nós vamu fazê. Aí eles, ficaru dormindo lá dentro do quarto, ficaru dormino.

Aí... a menina se acordô procurando u avô dela... ***{me esqueci um pedaço}*** *(o narrador não se lembra de uma parte da narrativa)*

Aí quandu foi de madrugada sabe, a velha cumeçu, cumeçu a gritar sabe, pra lá, dentro do quarto. Aí a mãe da menina: – Olha fulano vai vê o tuicinho du porcu.

U cara já tinha ido cum um pote rulando lá prá dentro du quarto... já tinha cumido u tuicinho qua faziu *(faziam)* u remédio pra velha.

E falu ansim: – Rapar, eu cumi u tuicinho que, que faz u remédio pra velha.

Ela falô ansim: Rapar, tu é doido, já tinha cumido... aí ele foi pru trapiche e quebrô u pote na cabeça du velho.

RESOLUÇÃO

Quandu fui de manhã procuraru por ele i lá, nada...

– Bora, bora percura u meu avô que, que ele... sumiu daqui.

Ele falu ansim: – É bora percurá.

Ele sairu pra lá pru trapiche. Aí u cara que matu... deu um jeito por lá i fui ulhando... u velho tava de bubuiua lá na beira.

Falu ansi: – Olha onde ele tá, ispii *(espie)*

Aí ele falu ansim: – Hi!... morreu afugadu, que será qui acunteceu pra ele. Aí ele falaru ansim: -aí a menina não sabia que tinha acontecido. – Será qui ele num veio enchê u poti i eli foi subi na escada i num caiu, i escapuliu daqui.

Aí a mãe dela falu ansim: – Ah! Deve ser isso mermu. Num churu.

Daí ele falu ansim: – Olha quando for mais tarde a gente vem aqui acompanhar vocês, a genti... leva ele, pra interrá *(sepultar)*.

– Tá, mais num demori, viu... pra vocês virim *(virem)* acompanhar nós aqui...

Tá.

Aí imbarcaru num casco, i quando chegu lá na viagem, ele falu ansim: – Rapaz, pra nunca mais te trazer junto comigo, num quero nem sabê de ti, só pra dá prejuízo.

CODA

Só isso.

NARRATIVA 03:
Um medroso maior que o outro

RESUMO

Meu caso du mintir... du medrusu.

ORIENTAÇÃO

Eles eru três, parceiro, ele furo pru matu tirá leite di massaranduba. Chegu lá adoeceu um parceiru deles, um dos corajusos, eru dois, um era medruso.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí, ficou na rede os dois, u medroso e o curajoso foram trabalhar. Chegaru na casa u cara passado... eles ficaru lá. Vira i mexe... dá nove hora, dez hora. Quando deu uma três hora ele morreu, um dos corajoso.

Daí ficu um medruso e um curajoso, aí u curajoso disse: – Olha, vai lá, na casa du fulano.

Disse u nomi, só que eu num sei né, avisa que eu... u nosso parceiro morreu.

Ele disse: – Não, eu não vou, tenhu medu.

– Então fica aqui vigiando u nosso amigo que eu vô.

Ele falô: – Não, eu num fico.

Disse: – Como nós vamu fazê? É a noite se aproximando né!

Ele disse: – É rapar aqui num tem jeito... bora nós dois, mas nós num pode deixar só u cadáver. Bora carregar?!

– Eu num carrego, que eu tenho medu.

Aí chegu a noite. Aí deu umas oito hora... Ele falô: – Mas quê... cumo eu posso fazê pra nós levá esse cadáver?

Aí ele durmiu, u medruso. Ele pegu levantu devaga, pegu u parceiro que morreu.

Ele disse: – Não vô, tenho medo.

– Então fica aqui vigiando u nosso amigo que eu vou.

Ele falô: não, eu num fico.

Disse: – Como antão nós vamu fazê? É a noite se aproximando né! – Ele disse: é rapar aqui num tem jeito... bora nós dois, mas nós num pode deixar só u cadáver. – Bora carregar?! – Eu num carrego, que eu tenho medu. Aí chegu a noite. Aí deu umas oito hora...

Ele falô: – Mas quê?... *cumo eu posso como u Porca gosta né (referência a um dos ouvintes da narrativa)*.

RESOLUÇÃO

Aí, um toma um gulinho, toma outro pra lí, se esqueceru du defunto lá. Tem um mais chumbado que elis, vai e deita lá nu casco, no lado do defunto. Tinha essis tupé, que é cuberto não... deitu nu ladu, ele pensava que num era defunto que tava lá...

Aí se alembraru *(lembrar)* defunto. – Ah! Vumbora que nós tem que levá u fulanu até interrá.

– Vumbora.

Aí embarcaru nu cascu i sairu *(sairam)* da festa, era umas quatro hora da madrugada, remaru quandu chegaru nu meiu do riu, esse que tava porri nu ladu du defuntu levantô e disse ansim: – Mas pra onde vocês vão me levar?

I esses dois parcero se jugáru n'agua... quin. I se jugô atrás, u... porri né, deixô só u defunto, i buiava: – Me esperi... i se acabaru. Pra lá i pra cá num suberu pra onde fui u defunto... pegaru matu... tavu correndu di medu du porri.

CODA

Era só isso que eu sabia.

NARRATIVA 04:
A briga na Tomásia

RESUMO
Ø

ORIENTAÇÃO
Era uma vez... eu fui numa festa na Tomásia, aí... eu cheguei lá... aí rapaz, eu tava afim de uma fêmea lá...

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO
Afim de uma fêmea. Aí rapaz... Aí era eu cum u Fabica. Aí rapaz... i aí... rapaz... já era tarde rapaz, tarde mermu. Aí me arrumei uma briga... Era... cum Fabica... Eu fui lá me meter nessa bronca, cheguei lá pra perto... mais me dexu na mão, eu corri rapaz, quasi que um me pegava... i eu rapaz, i eu entrei prum caminho, i um cara... ele ia me pegá... Ele ia... i dubrei ansim, corri puraqui mermu... cheguei...

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO
Chegô perto do Miramá... pulei n'água... aí eu travessei, corri pra cá, mas num pegô... quase que ele pega... Era u Gongo cum cacete dele.

CODA
Ø

NARRATIVA 05:
Chica, a macaca assassinada

RESUMO

Era uma vez esse cara tinha uma macaca.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

O Gatu tinha, i aí tava caçandu um pessual aí. I aí a Chica tava lá debaixu da mesa... era mesa. I aí sabi... tinha a vansilinha *(vasilha pequena)* dela... negócio da boia...

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Ø

AVALIAÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

– Chica... Chica comê goiaba...

I aí rapaz... u cachorro lá... e e Bena arriba essa cachorra. essa macaca o cachorro matu, ela ficu pulando, teité.

A Chica morreu, comeu golaba, ajuru, alaçá, manga, era tudo quantu era cuisa... não pegu a macaca... agora tá no valô de dez reais (*risada*).

CODA

Ø

NARRATIVA 06:
Tocu, o cunhado camarada

RESUMO

Uma vez tinha, tinha um homi, cuma mulhé i um bucadu de filhu elis tinhu, i us Tocu ia trabalhá cum elis, aí Dori. *(relacionando-se com o interlocutor)*

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Um Tocu. U nomi dela era Tocu. Delá eli ia trabalhá pra lá, ênton o homi dava dinheru pra eli.

Eli falô: – Não, num queru.

Trabalhava, trabalhava i trabalhava, quandu foi já delá eli acabu. Delá era um campu, delá eli acabu i fui simbora pra casa deli.

Lá, eli falô: – No lugá de eu campiná, eu queru uma filha du sinhô.

Daí eli falô: – Podi pegá.

Aí eli tinha três filha. Eli tinha era três filhu, também. Aí dela eli pegu, pegu a filha, a mulhé deli e fui simbora. Aí eli viu aquela, eli fiz uma casa lá dentru du matu, eli fiz aí dela eli ia simbora.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí dela um Zinhu Maió, eli falu: – Ei, mamãe, eu vô atrás da, da mana, e vai aí e foi nessa.

– Será que a genti lá traga ela, só veri...

Tinha uma mulhé lavandu ropa. – Só que tu ispremê essa ropa até butá sangui.

Ispremeu, ispremeu, num butu

– Intão sinhu num trazê ela.

Delá eli fui lá na frente... daí eli falô: –... nossa será quenti (*que a gente)* vai lá traga ela...

– Só vai se tu cumê um boi inteirinhu.

– Mandi matá.

Matu, peparu e deu pra eli. Eli só cumeu dois pedaçu e foi simbora.

– Podi u Nhô i *(ir)* que cê num traz ela.

Eli foi simbora, viu aquela fumacinha lá dentru i fui simbora pra lá, chegú lá. Aí a irmã deli falô ansim: – Tocu, Tocu já *(corrigindo o personangem)*. – Juãozinho que tu vem fazê, tu só vem, pru teu coisa te matá.

– Nãu me iscondi debaxu dum pinicu.

Aí qui é, pegô isconderu imbaxu dum penicu, chegô lá,... num demora lá vem u Tocu bandulhandu pau na frente deli, quandu acaba era bichu, quandu acaba era genti, ei ia bandulhandu pau, chegu lá na frenti, chegô na casa deli

– Um tá fedendu sangria aqui.

A mulhé deli falô ansim: – Quandu, quandu *(ouriço)* que eu matei pra nós cumê.

Aí ela pegu arrumu a bóia e assentu lá.

– Ei Tocu se chegassi uma gente aqui, que tu ia fazê?

– Eu ia cunvidá pra cumê i deitá na redi.

Delá: – Tenhu um irmãu aí!

–Vai buscá, eli falô. Foi buscá i sentaru pra cumê, delá, cumeru furu deitá na redi, delá, aí u Zinhu foi durmi, delá eli só passou a ispada aqui. *(faz referência a degola)* Aí u Zinhu morreu.

Daí eli foi simbora pru selviçu deli.

Delá u Zinhu, morreu, aí delá a irmã deli foi interrá, interru lá, pertu da casa, delá, interru, num demora aqueli otru irmãu deli, passu dôs dia, aqueli otro veiu, eli falô: – Mamãi que morrê uma, essa pupunhera aqui, que morreu já morri.

Aí delá, eli pegô, eli pegô amulu bem a espadinha deli, eli era tinha uns dozi anu puraí *(por aí)*, delá eli pegô aqueli bem i foi simbora. Aí eli foru, eli foru: – Nossa será que eu vô lá pegá ela?

– Só vai que *(usado no lugar do se)* tu ispremê essa ropa até butá sangue.

Delá eli ispremeu, ispremeu butu sangui.

– Ponha aí que eu vu buscá ela.

Delá eli foi lá, chegô lá na frenti.

– Norra será que a genti (nós) vai lá traga ela.

– Só vai se tu cumê um boi dessi inteirunhu.

Delá eli pegu, pegu u aqueli (...) mandu matá u boi i pegô, i mandu prepará, prepararu bem i levaru pra eli, eli pegu cumeu tudinhu u boi, pediu meiu frascu de farinha pra cumê chibé. *(pirão de farinha com água)*

Aí delá eli pegô: – Podi ir que eu trago ela.

Quando eli viu aquela fumacinha lá dentru, fui simbora, aí num demora *(demorou)* eli chegô lá.

– Manu que tu vem fazê, qui o Juãozinhu já morreu, qui u Tocu matô.

Mintira me iscondi debaxu duma bacia.

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO

Siscundeu debaxu duma bacia, num demora lá vem u Tocu bandalhandu aquili, issu... Bandalhandu pau na frenti deli.

Chegô lá: – Hum, tá fedendu sangria aqui!

–É quandú que eu matei pra nós cumê, ela falu.

Aí delá, arrumu, arrumu uma bóia pra nós *(eles)* cumê, arrumô tudinhu lá, colocô.

Elis istavu cumendu, ela falô ansim: – Tocu, Tocu que *(se)* parassi uma genti aqui u que tu ia fazê, tu ia tu ia, tu ia cunvidá pra cumê?

– Eu ia.

– Eu tenhu um irmãu aí, vou buscá.

Cumeru, foi deitá na redi na hora que u Zinhu ia durmi, eli já ia passá, aí delá u Zinhu pegô a ispada deli i ficô pronta, já ansim, delá e ispiô u Tocu só passô também aqui *(refere a degola com gestos)*.

CODA

Aí, aí *(era)* bichu pra tudu ladu, metadi deli era bichu, genti, era bichu aqui passava, delá, si arruma pegu tudu u teu *(seu)* bagulhu, u que eli queria oro pegô, u oru, daí eli si arrumaru: – I umbora simbora.

Aí pegô tudinhu, matu, dexu eli lá, i delá vieru simbora.

NARRATIVA 07:
O cavalo magro e o macaco papa milho

RESUMO

Uma vez tinha u (...) Uma vez tinha um homi cum uma mulhé, aí elis fizeru uma roça.

ORIENTAÇÃO

I tinha, elis plantaru um bucadu de milhu, aí delá, eli ia capiná, nela quandu ele via, mas parente uma ponta já, que o macacu tinha cumidu u milhu, aí delá, delá elis cumeru u milhu, cumeru.

Aí delá eli vinha brabu um dia, chegu lá na bera, tinha um cavalu, um cavalu, já magru lá

Chegu lá, aí u cavalu falô: – Ei, ei, ei esse homi, que qui u sinhô, já vem brabu aí, num adianta contá pru Sinhô, já u Sinhô num faz nada, entãu me conti, que eu, que eu, que dou um jeitu.

– É meu milhu qui um macaco tá cumendo, lá na roça.

– U sinhô reparti cum eu?

– Repartu.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí delá eli pegô, fui simbora pra lá, eli pegu si jugu lá, si jugu lá u cavalu, delá eli ficô lá, aí delá veiu num demora veiu...

Qui...qui...qui...qui...qui...

Macaco, chegu lá bucadu de macaco

Macaco falô ansim: – Umbora joga se num tá fedendo essi cavalu, simbora jogá eli pra bera.

Aí tudo macaquinho pegava ansim: – I... i... i...

Fazia ansim pra abracá u cavalu. *(o informante gesticula)* Hum! Num deu conta de abracá essi só que eli tá muitu magru, parpava *(apalpava)* ansim nu ossu du, du aqueli diz ansim, nu ossu du cavalu,

Aí lá *(era)* só custela, aí delá, eli pegô tudu macaquinhu pegandu invira pra amarrá u cavalu pra jogá pra bera, tava morrendu, i delá, ele só lá.

(A narrativa passa a ser feita pelo informante Jota) Delá eli pegu eli correu, daí eli pegu meteu galopi. Correu, correu, correu, correu, i... i... matô um bucadu de macaco. Um bucadu de aqueli, de dissi dessi negóciu, da invirinha...

Delá eli foi ele falô ansim: – Aí o cavalu meteu galopi, meteu, meteu, meteu um bucadu na vala, um monti de aqueli, macaco...

Delá eli pegu, i, aí, aí um fui cum beço num tucu...

Aí falô: – Puxa qui u negóciu tá feiu, inda vai cum denti reganhadu aí.

Que era eli que ia seim denti tudu bandalhadu qui bateu nu tucu aí eli correu, correu, correu. Puxa nocenti, qui u negóciu tá feiu inda tá cum denti reganhadu aí, correu, correu, correu, aí delá elis pegaru, rudiaru aí delá vieru simbora cumê di novu, daí quandu chegô lá, já tinha matado tudinhu.

Só elis dois que tava já, aí chegô lá eli falô ansim: – Esse cavalu já tá deitadu di novu aí umbora também jogá eli.

Aí eli pegu meteu, meteu, meteu galopi, aí eli foi cum beçu nu tocu, aí vira pra trás i u cavalu matô eli. Eli falô, mas cadê u meu parceru, aí eli fui i tornu dá uma volta lá i vortu, chegu lá, falô ansim: – Hei, mas essi cavalu já tá deitadu aí, cadê u meu parceru. Já matei, aí eli, aí eli fui pega uma invira, invira (...) cum testa, daí u cavalu só pegu deu uma mordida neli, aí delá eli pegu u matu.

AVALIAÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

Ø

CODA

I acabô.

NARRATIVA 08:
Zeca, o caça-macaco

RESUMO
Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO
Nós tava pegandu acarí daí nós fumu rudiemu lá pela casa du fornu cheguemu na casa du fornu daí o Zeca tava debaxu da manguera, falô: – Aqui tem um bucadu de macaco!

Daí nós fumu prá lá (...) fui imbora pra lá pra casa da professora.

Daí quandu nós chegamu aqui o Zeca falô: – Vamo pegá macaco.

– Umbora. *(vamos)*

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO
Nós corremu tudinhu pra lá, demo uma cassetada. Chega eli deu um pulo pra cima o macaco.

Daí, daí nós vinha gritandu eli vinha só correndu pra cá, pra banda du portu.

Daí, daí mi Jai sobi *(subiu)* lá nu pau, o mi Jaiu correu, correu, subiu num pau, subiu num pau, i daí nós ia jugandu...

Sacudiu eli caiu, thipum *(sonorização)* n'água.

Daí eu corri mi juguei por cima da trunquera *(vários troncos)*, o Vitu *(Vítor)* si jugu atrás, cheguemu lá, nós pegamu o macacu.

Eu sigurava o rabu deli, numa trunquera lá, nós peguemu de novu, eli saiu. Sê meteu imbaxu duma trunquera lá, nós peguemu de novu, eli saiu jugu eli pra dentru du matu.

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO
I daí, i daí nós fumu buscá eli, daí intru na trunquera, intru nós truxe. *(trouxe)*

O Ditu pegu eli jogu eli lá in cima, eli foi simbora.

CODA
Daí acabô.

NARRATIVA 09:
Não é fácil tirar peixe do tronco oco

RESUMO

Uma vez ansim, enti *(a gente/nós)* tava tirandu... enti tava tirandu ituí, daí nós (...) tiru três ituí nu buracu du pau.

RESOLUÇÃO

I daí ele meteu a mãu deli, meteu a mão deli i ficô presa lá, daí a água já tava inchendu *(referindo-se a um interlocutor po nome Zeca)*. I daí, daí, daí, a irmã, deli quiria chamá a mãe deli.

Ele num dexava.

Daí a Isa, a Isa fui (...) falô ansim... A Gláucia fui chamá a mãe deli.

Daí elis vieru, tiraru, cortaru e tiraru a mãu deli delá, du pau.

Eli ficô enrascadu lá.

AVALIAÇÃO

Ø

CODA

Num quiria que viessi cuntá pra mãe deli.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

(O interlocutor resolve contar a sua versão para o fato)

– Eu, eu tava procurandu acari. Aí delá eu... eu foi por lá *(referência ao local)*, delá eu fui imbora pra lá passandu a Olaria, aí delá, bem ali, delá, eu fui, eu fui vê taboca pra lá, que tinha uma taboca nu Nercire (...) eu fui, *(o meu)* parseru arribu. Aí dela uma grandona, delá viu *(vimos)* dois sarapó *(mesmo ituí)* e um, e um issu, jacundá, i, i, issu curua *(coroa)*.

Delá eu peguei um i juguei lá pra bera *(beirada)*.

Eu fui revista otra tinha jacareuá.

Delá eu peguei i vim mimbora.

Eu falei Marcelu umbora procurá acari.

– Umbora.

Delá nós peguemu aí eu fui, fui, fui pra ponta ansim dum pau grandi que tem naqueli *(rio)* que eu prendi minha mão.

Aí delá, eu fui, fui, apalpandu, de lá eu miti minha mão, eu peguei, peguei um ituí juguei pra lá pru coisa, pra lá pra bera, aí peguei u otru i juguei. Num demora *(demorou)* eu miti peguei otru i juguei.

Aí delá peguei, miti, aí eu sigurei na cabeça dum pexi, era um pexi grandi, aí delá sigurei, aí delá issu, meu cutuvelu passu pra lá, passu meu cutuvelu, aí delá, prendeu pra lá, aí eu num dava conta de tirá.

NARRATIVA 10:
A velha, a bolsa, a toalha e os três pretinhos

RESUMO

Era uma vez, um homi. Uma mulhé *(que)* tinha um bucadu de filhu.

ORIENTAÇÃO

Aí eli saíru pra trabalhá.

Tinha um bucadu de homi qui tava trabalhá.

Passou um mês eli veiu, falô ansim: – Vô já butá meu filhu.

Falô ansim: – Hum! Leva essa bolsa, leva essa bolsa lá em casa quandu chegá lá em casa, cê manda ela colocá dinheru.

– Tá.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Daí eli andu, andu, chegu na casa duma velha, anti di iscurecê eli chegu na casa da velha, porque eli num dava conta di andá um dia interu, num dava pra eli chegá na casa.

Delá eli andu até chegá na casa da velha. – Ei, velha, me dá um agasalhu, eli falô.

– Podi durmi.

Guardi essa bolsa pra mim, só qui num mandi ela colocá dinheru, aí tá.

Daí eli foi simbora andandu, foi simbora andandu, tava de madrugada, daí a velha colocô a bolsa numa mesa ansim, bolsa pru dinheru, inchê de dinheru, daí, foi de madrugada ela guardô a bolsa deli aí ela pegô uma bolsa velha.

Eli falô: – Oh velha, mi dê minha bolsa.

No iscuru eli num sabia, pegô a bolsa velha.

Eli falô: – Bolsa.

Chegu na casa deli.

– Lá vem o papai, lá vem u papai.

Eli falô: – Dexa, meu filho, qui agora eu tragu.

Eli falô: – Bolsa põi dinheru, bolsa põi dinheru.

Nada.

–Bolsa põi dinheru.

Nada.

Sapecô a bolsa lá pra dentru du matu i foi simbora.

Daí passô um mês, daí eli falô ansim: – Vai di novu.

Eli falô: – Toma cuidadu meu filhu leva essa tualha, chegandu sa cacimba tu manda colocá bóia da melhó qualidade.

Aí lá chegô na casa da velha, lá falô ansim: – Ei dona dê um agasalhu de novu aí, guardi essá tualha, mas num mandi ela colocá, num mandi ela colocá... cumida.

Ela falô: – Tá.

Ela tava roncadu, colocô incima da mesa.

– Tualha põi cumida.

Ela incheu de cumida.

Ela falô: – Pára.

A tualha paru, daí ela pegu, ela pegu i daí ela fui pegá uma tualha velha, foi guardá a tualha deli.

Quandu foi de madrugada eli falô: – Mi dei minha tualha.

– Toma, toma.

Daí eli pegô a tualha i foi simbora.

– Lá vem o papai, lá vem o papai.

– Eli num traz nada.

Daí ela colocô falô ansim: – Bolsa põi dinheru.

Nada.

– Bolsa... nãu *(o narrador corrige o objeto)*, – tualha põi dinheru.

Nada.

– Tualha (...)

Eli jogô lá pra dentru du matu, qui num prestava, daí eli foi simbora trabalhá.

AVALIAÇÃO

A mulhé falô ansim: – Rapá num sei que, quandu que chego lá, mando colocá i num coloca nadinha.

– Eli falô ansim: – Dormi na casa duma velha, só que quandu chega lá, eu mandu elá guardá, i quandu eu vu chegá lá im casa num coisa.

RESOLUÇÃO

– Leva aqui nessá caxinha vai três pritinho, fala, fala, pra ela nem triscá na caxinha si batê na caxinha, us três printinho pulu *(pulam)* de casseti i dãu nela.

Daí eli falô ansim: – Ei dona guardi essa caxa pra mim, num bata nem devagá nela.

Daí eli tava roncandu aí delá deu pó, ela deu pó *(sonorização)*, us três pritinhu pularu de casseti, mas deru, deru *(deram)* nela.

– Aí!.. Aí meu coisa me acodi, meu filhu me acodi.

– Só depôs qui a sinhora mi dá minha bolsa.

Daí ela foi buscá a bolsa.

– Aí! ne...ne..., mi acodi.

– Só depôs que a sinhora mi dé minha bolsa, daí la intregô a bolsa.

– Aí! ne...ne me acudi.

– Só depôs qui a sinhora intregá minha tualha.

Foi buscá a tualha.

– Aí! Né... ne mi acudi.

Daí li *(lhe)* deu a tualha e foi simbora. I, i os pritinho ficaru pra lá...

Eli veiu simbora.

Daí falô: – Lá vem papai!

– Num adianta que eli num traz nada.

Daí... pegu... pegu... daí eli colocô a coisa, lá, a bolsa, bolsa pus dinheru. Incheu de dinheru. Na queli *(na hora que eli)* colocô a tualha. – Tualha põi cumê!

Ela encheu dê cumê a tualha.

Daí elis ficaru bebendu.

CODA

Daí acabu a história.

NARRATIVA 11:
A caçada

RESUMO
Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO
Uma vez nós fumu pru matu eu cum Chicu, i o Ricu, o meu tiu.

CCOMPLICAÇÃO DA AÇÃO
Aí daí nós fumu simbora pra lá.

Aí delá nós andemu pra lá.

Aí delá quandu nós vimu um bandu de porcu, aí... elis já tinha matadu um jacuraru i um, um aqueli, issi, era pareci que era cincu soiá i duas mucura.

Nós dechemu *(deixamos)* ansim pinduradu lá incima.

Delá nós fumu simbora lá pru campu.

Lá pru campu tem muita caça.

Delá nós fumu *(fomos)* quandu nós vimu us porcu tava lá na casa deli que tem ansim umas palha lá.

Mas é, só qui é um buracão ansim de pau.

Aí eli entra pra lá i fica, aí delá elis ficaru lá.

Depus nós peguemu viemu simbora, daí viemu, viemu, viemu ansim pru rumo delis. Quandu cheguemu lá, eli u aqueli, o Ricu correu ansim... O meu tio curreu ligeru e meti o cuvá, aí elis nem deru *(perceberam)*.

Aí eli fui devagá o Chicu foi ansim pelo caminhu i ficu lá...

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO
Aí era...

Quandu assubiú assi num era pra atirá juntu tudus dôs.

Aí um matu, matu, pegu bem nissu aqui duma, duma corrói *(porco do mato)* Aí pegu dum, dum, dum ladu deli ansim.

U quié corrói? *(Pergunta do entrevistador)*

Uma porca.

É porca.*(confirmação do entrevistador)*

Aí, u porcu pegô bem aqui nissu aqui da bunda deli *(demonstrando no seu próprio corpo)* saiu correndu ansim pru nossu rumu. Na hora que eli chegô ansim, eli chegu se batendu... I se jugu.

Aí u Ricu atiru, matu dôs capadãu *(porcos grandes)*

Aí nós fizemu varrida lá, nós fumu um dia, aí nós fumu pra lá.

CODA

Já cabu aquela uma.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí nos peguemu o porcu.

Peguemu num demu conta de trazê tidunhu... aquelis, aqueli...

Aí delá nós fizemu uma vara daqui ansim, pru, pessuá, manguera.

Aí nós coloquemu us porcu, coloquemu tudinhu us porcu, aí delá, amarremu... o soiá, cum mucura e um jacurarú...

Aí amarremu lá o jacurarú. Daí amarremu lá, o jacurarú até modu pertu da casa, imbaxu da casa já andô, o danadu! Num para quasi genti.

Aí delá amarremu a rede i viemu simbora, chegu lá, nós dexemu lá nu ruçadu du vuvu, que era lá pertu da casa.

Lá tinha muita genti lá, daí nós fumu simbora

Delá nós peguemu perparemu, i até de noti que ia tava acabandu. I da varrida.

(o narrador passa de um fato para uma fábula)

NARRATIVA 12:
Na varrida foi encontrar com a Tia Onça

RESUMO
Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO
Ø

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí delá, não da varrida, delá dondi nós dexemu (...)

Daí nós fumu pra varrida cum vuvu, i u, aqueli...

Quandu elis viru lá vem um bandu de, di... jogu uma mão cheia nu zolhu deli, i jogu nu zolhu.

Aí delá, aí um Cuelho pegu i correu simbora.

Aí tia onça chegu: – Cadê? Cadê?

Urubu: – Taí

– Tá.

Aí ela cavu, cavu...Quando chegu nu fim do buracu...

Aí eli, eli (...) nuns tava mais. Aí delá, aí eli cavu. Cavu, cavu i num tava.

– Larga que num tá!

Num sei cumué que ia vai sê pegá essi cuelho!

Aí delá...

– Urubu eu vu, vu fazê puçu de água pra mim, pra mim pegá essi cuelhu.

Aí ela fui simbora pra casa dela, fez u buracu.

Num, num demorô vinha u tatu.

– Ei tia onça, olha, mi dê um pocu dágua.

– Prá bebe, mas num é pru cuelhu bebê.

Aí, aí veiu um viadu chegu lá: – Ei, tia onça! Mi dê um pocu d'água pra mim bebê.

– Podi bebê, mas u cuelhu num bebe.

Aí delá veiu, veiu um tatu.

Falu: – Ei tia onça mi dê um...

Num tava mas.

Aí delá, aí eli cavu. Cavu, cavu i num tava

– Larga que num tá.

Num sei cumué que todus bichu lá

Aí delá, aí ela falu ansim: – Ei, quem, quem, quem é, quem é (...) quem é perna curta vai simbora, vai simbora na frenti i, i quem é perna cumprida fica pra tráz.

Delá, eli pegu, eli pegu i, tudinhu foru *(foram)*

Aí delá ficu só o Cuelho com a Tia Onça pra traz.

Aí o cuelhu ia na, atraz, aí aquela ia na frenti a Tia Onça.

Aí delá, a Tia Onça quiria pegá eli.

Correu, correu, correu, pulu nu pau, subiu nu pau.

Aí delá Tia Onça, Tia Onça, jugava pau neli.

AVALIAÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

Aí, aí eli falu: – Agora eu vu matá a Tia Onça.

Pegu um pedaçu di pau grandi ansim tava podri, lá imcima pegu i jugu. I veu certu nissu aqui da Tia Onça *(demonstrando as temporas)*.

Aí ela pegu i caiu nu chão. Aí ela morreu.

CODA

Aí acabu.

NARRATIVA 13:
A Cobra grande e a moça

RESUMO

Uma vez... era uma vez, um homi, cuma mulhé, i uma filha.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Daí essa filha pegu uma cobra.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Daí, pegu uma cobra i mandu o paí dela fazê um tanqui.
Quandu o pai dela fiz um tanqui. O pai dela fiz um tanqui.
Ela colocu lá.
Num aguentu.
Ela colocu nu aguidá.
Num aguentu.
Daí... ela falu: – Papai faça um corrá.
Daí ela colucu nu corrá.
Daí eli dissi: – Minha filha solta essa cobra.
– Não papai eu num queru soltá minha cobra.
Tudu dia eli falava: – Minha filha solta essa cobra.
Aí ela ficu inormíssima.
I: – Minha filha, solta essa cobra.
Daí ela falô: – É papai vô solta.
Ela foi pra lá tiru a porta do corrá da cobra. Dismas *(demais)* inormi. Só desinrolandu, simbora pru meiu do rio.
Daí um dia ela foi lavá vasilha. Aqueli bichu buiu no meiu.
Falô: – "Passacuirumbu você também".
Ela: – "Meu anju du céu, olhe este bichu qui qué mi comê!".
Daí delá jugu pai dela.
Daí, otru dia ela foi lavá ropa. Aqueli bichu buiô lá nu meiu:
– "Passacuiramu você também".
– "Meu anju du céu olhe esti bichu qui qué mi comê".
Daí a mãi, daí ela jugu a mãi dela. I a cobra cumeu. Daí sobrô só ela cum dois irmãu.
Daí, daí um dia ela foi lavá a vasilha que elis tavu cumendu.
Daí a cobra buiu lá no meiu: – "Passacuriambu você também".

– “Meu anju du céu, olhe esti bichu qui qué mi comê!”
Daí ela jugu um né.

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO

Ficô só ela, daí falô ansim...
Daí ela tava lavandu vasilha.
– “Passucurirambu você também”.
– “Meu anju du céu olhe esti bichu qui qué mi comê”.
– “Passucurirambu você também”.
– “Meu anju du ceú olhe esti bichu que qué mi cumê”.
Daí u anju veiu du céu, pegô i levu ela.

CODA

Acabu a história.

NARRATIVA 14:
Carregar farinha pra beira não é moleza

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Tinha um homi cum boi na carroça.
Aí delá, aí, aí tinha um homi qui tinha uma roça.
Tinha um homi que tinha uma roça.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí delá, elis, elis, i u homi fazia dis, aqueli, farinha pra elis iri *(irem)* buscá.

Aí elis pegaru i foru simbora prá lá.

Aí delá, eli tinha u filhu deli iu *(iam)* busca pra lá, era três vezis qui elisiu *(eles iam)* buscá pra lá

Aí delá, foru buscá primera. Truxeru uma carrada, vieru simbora, tudus dôs.

Aí delá furu de novu troxeru uma carrada de novu.

Chegu de lá discansaru, o boi discansô.

Aí delá elis ficaru depus na casa.

Notru dia elis foru. Elis cumiu bóia sem farinha.

Delá, que num tinha farinha, tinha vez...

Aí delá elis, elis falava assim...

Aí quandu acabava: – Umbora coloca terra nessa farinha.

– Não, cum terra num presta.

Aí delá *(eram)* genti novu.

Aí delá elis pegaru e dexaru.

Aí delá foi simbora, a última vez.

Aí elis furu simbora, pra lá, chegu lá incheru di novu o aqueli...

Troxeru i vieru simbora.

Aí delá elis troxeru e vieru simbora.

Aí delá o pai, o pai, du zinho ficô pra traz.

Chegu, chegu, aí o zinhu, o zinhu parava o aqueli...

Aí, aí, tinha, tinha o homi falava de dentru do mato pra eli.

– Aí imbaxu, pegue essi negóciu que tá imbaxu duma folha.
Aí delá eli foi... Andô pra frenti.
Aí tinha imbaxu do chapeu, um, um aqueli, uma, uma pomba.
Aí delá eli pegu de novu.
Aí delá eli veiu simbora na frenti.

AVALIAÇÃO
Ø

RESOLUÇÃO

Aí chegu lá na frenti tinha um bucadu de folha ansim num monti.
– Vai pegá, vê o que tem lá.
Aí delá era merda que tinha lá, mas um bucadu de merda, pú...
Eli pegu delá, delá alimpu a mão deli, i veiu simbora. Chegô aí, eli pegu colocu, eli, eli colocu o aqueli, nu... na, na casa deli delá a, a mulhé deli num quis que eli colocassi.
Aí delá, eli pegu u jugu.

CODA

Acabô.

NARRATIVA 15:
O papa-merda

RESUMO

Aí uma vez né, tinha um homi, tinha um filhu cum uma mulhé.

RESOLUÇÃO DA AÇÃO

Delá, aí eli eli fui uma vez lá pru portu buscá água, e parava na cinza.

Aí delá, cum violão deli, delá, eli foi a piquena falava: – Num me pega Juão qué qué. Cum dia que tive inrascada eu ti ajudu.

Aí, aí, aí eli falu: – Então vô te sortá.

Pegu soltu.

Aí eli soltu, aí delá, li soltu i foi simbora.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Ø

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí chegu lá.

– Qui, qui, qui, queru cagá.

Daí eli pegu cagu.

Daí eli pegu ansim ajuntu a merda, levu i foi simbora.

– Quiquiqui, eu achei dos osso di rula *(pomba-rola)*, pegu foi simbora, delá, eli pegu i levu.

– Quiquiqui, eu, eu, eu bati meu pé nu, nu tucu, delá eli pegu foi simbora.

Daí eli pegu levu a lenha no Tucu, aí delá: – Ê rapá.

Aí delá eli pegu foi simbora.

Daí delá pegu levu, levu pra lá aí eli chegu lá com a mãe deli.

– Mamãi, arrumi u fugu i cuzinhi issu pra mim.

Aí... eli colocu nu... na fritadera, o ovu cum a merda.

Aí delá o Tucu, aqueli, aí delá eli colocô lá fritu. Pegô o violão e foi simbora pra lá pru... pra lá pru... pra lá pru aqueli... pru debaxu du fornu.

Aí delá eli falô ansim, eli tava cantandu lá.

Aí a mãi deli falô: – Juão tá bom. Aí delá, eli veiu, aí delá eli veiu... aí... aí delá ele veiu chegô lá...

Aí chegô lá i falô ansim, aí li falô ansim: – É issu aqui qui (...).

Pegu misturu lá, a farinha lá e pegu i cumeu.

Aí eli falô ansim, é delá eli falô: – Mamãi, essa merda tá, essi, essi, que eu dei pra sinhora essi ovu essa merda tá muitu amarga.

– Ah, então joga *(fora)*.

Eli pegu e jugu *(jogou)*.

Aí, aí, a mãe deli falu ansim: – Mas, mas Juão mas, vai vê que tu vai, lá na casa du... lá na casa du aqueli, du... do nosso primo pra vê que é, qui quem que uma filha deli, deli, prima delis saindu.

Delá elis falaru ansim: – Vá quem falá cum eli, quem falá cum elis (...).

Aí chegu lá, só que eli num falava.

Aí uma vez eli foi, eli fui e cagu de novo lá e pegu i cumeu.

Aí eli falô ansim, é delá eli falô: – Mamãe essa merda tá, essi, essi, que eu dei pra sinhora essi ovu essa merda tá muitu amarga.

– Ah, entãu joga.

Eli pegu i jugu.

RESOLUÇÃO

Ø

CODA

Ø

NARRATIVA 16:
O galo e o nome do primogênito

RESUMO

Uma vez, uma vez era um homi cum uma mulhé.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Daí eli si casu cum uma mulhé.

Daí eli fui trabalhú.

Falu: – Vu trabalhá!

E fui simbora trabalhá...

Daí a mulhé ficô gestanti, daí fui, ela tevi u filhinhu inda num tinha chegadu, ela, ela foi pru caminhu du portu, daí lá ficô pensandu lá, cum'era qui ia sê u nomi du filho dela.

AVALIAÇÃO

Daí elá ficô pensandu lá, cum'era quia sê o nomi du filho dela.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Daí quandu foi meio-dia, o pai dela, a mãe dela falô: – Que tá fazendu pur'aí minha filha?

– Am, mamãe, tu pensandu cumu vai sê o nomi do nosso, do meu filhu.

– Ah! Vô pensá também.

Ela foi simbora pru portu, lá pro caminhu do portu (...)

Tava deitadinhu o maridu da velha falô ansim: – (...) duas que sês tãu fazendu pru portu?

AVALIAÇÃO

Tãu pensansu cumu vai sê o nomi da filha, da filha dela.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Falô ansim: – Ah! Vô pensá também.

Ficaru lá, noti intera, dia intero, sem fazê cumê.

AVALIAÇÃO

Delá quandu marido dela veiu falô ansim, falô ansim: – Ei que (..) tão, aí, elas tãu *(estão)* pra cá pru portu, qui tão fazendu, istãu pensandu cumu vai sê o nomi do nosso filho.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí dissi: – Pau dessê pedra cum diachu *(dissimulação de diabo).*

Daí pegu um galo i fui imbora trabalha...

– Vocês só vãu si incontrá genti mas besta que vocês.

Daí eli ia andandu cum galo imbaxu do braço e falu a Deus, a Deus velhu. Falô ansim: – Se veiu do céu, só purque eli falô a Deus.

– Sê veiu du céu?

Falô: – Vim (...).

Daí falô ansim: – E meu maridu inda num veiu?

– Ainda não veiu porque eli num tem dinheru.

Aí delá a passagi é muitu cara?

É Daí ela incheu uma saca de dinheru i deu pra eli, i fui simbora com o galo deli imbaxo do braço.

Chegô lá falô ansim: – Mi dexa dormi aqui na sua casa.

Daí eli falô ansim: – Podi dormi só que de madrugada você vai ficá só você, que nós vamus buscá o dia. Nós vamu buscá o dia.

Eli falu: – Tá.

– Não, não, num vão buscá o dia! Deixa que essi bichinho aqui, vai findi.

Daí elis ficaru pensandu (...) ficaru pesandu falu ansim: – Se essi dia num vi. Toda vida delis iu *(iam)* buscá o dia. Mas esse dia num vi.

Daí eli, daí eli pegava, falu ansim: –...

Aí quandu fui mais três horas o galu cantu.

– Olha tá chegandu o dia!

Mas quatro hora tornu cantá, daí, mas, cincu hora vinha me virá.

Falô: – Olha quandu foi umas seti hora já tinha saídu o sol.

Daí elis levantu.

Daí elis falaru: – Tá.

RESOLUÇÃO

Daí elis ficaru alegri, venderu um coisa pra eli, deru um bucadu de dinheru pra eli, incheru o carro de dinheru e fui simbora.

Ele falô ansim: – Eu só vortei porque, já achei genti mas besta do que vocês.

Daí daí se casaru.

CODA

Cabu a história.

NARRATIVA 17:
O casamento da Guiomar

RESUMO
Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO
Uma vez né tinha um homi cum uma mulhé.
Delá elis num tinhu casa.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO
Aí delá falava ansim o homi, delá eli falava ansim: – Eei! hei! hei! Umbora simbora pra lá pru coisa, pra lá pra, pra ondi nossu pai morava.
– Não.
Aí delá o nomi dela era, era Guiomá, aí era Guiomá, aí elis tinhu cavalu aí, aí eli falava ansim: – Anda, anda o meu porquinho, num sê isqueci de andá.
Daí Guiomá, aí saíu simbora.
Dona Guiomá sê si alembra daquela vez qui fizemu espinhará pru papai num passá.
– Não, nu mi alembru, nu mi alembru, aí delá fui simbora.
– Anda, anda u meu porquinho, num se isqueci du andá.
Dona Guiomar, delá fui simbora
Foi simbora.
Chegô lá, aí chegô lá, i, i, falô : Papai sê si lembra daquela vez que nós juguemu, que ficô... ficô um lagu que o papai num deu conta de passá.
– Num mi alembru, num mi alembru.
Aí delá lá falô: – Anda, anda, o meu porquinho num se isqueça de andá.
Dona Guiomá: – Ei! Guiomar tu num sabi daquela vez que... que... que serviru, ses viru *(vocês viram)* o má oce virô numa flô aí o cavalo se viru, um, na beja-flô (...).
Aí, aí eu me virei numa, numa rosa.
– Num mi alembru, mi alembru, mi alembru.
Aí delá, aí delá tinha.
Aí delá a mulhé falava ela tinha um porco.

Aí ela tinha o marido dela. O marido dela era o cavalo foi simbora.

Dissi: – Umbora pra lá.

A mulhé falô ansim: – Olha! Num, num vai dexá ti abraça senão tu vai ti esquecê de mim.

Aí delá, aí eli fui, uma mulhé quiria abraça eli.

Falô: – Não, não, num mi abraça!

Aí delá veiu uma mulhé por trás, abraçu.

Aí eli se isqueceu dela.

Aí delá, aí elis furu pru'm casamentu deli cuma mulhé.

Aí delá eli falô ansim: – Ei, olha a Dilma!

Uma mulhé que tinha era mulhé deli. Eli num si alembrava mais. Si alembra, si alembra que ela, quela tinha pocu.

– Ah, mas sim.

Aí delá, aí purissu *(por isso)*, quela fala, qui a mulhé fala ansim: – Anda, anda, o meu porquinho, num tê esqueci di andá, da Guiomá.

Aí delá,eli, eli pegava, pegava a corda du...du aqueli, du...

Aí delá era porque eli ia andandu.

Aí delá, aí ela pegu uma corda.

Aí delá ela pegu na corda e fui andandu. Levu. Foi simbora pra lá.

Lá falu: – Vu passá casamentu pra lá também.

Chegu lá aí, aí eli falô: – Porra eu mi, eu namurava cum minha mulhé era essa. Mas eu vu falá uma coisa.

E delá, eli pegu, tava o casamentu.

AVALIAÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

Aí, aí, o homi qui é do casamento, aí eli falû ansim: – Hei, hei o qui é qui tu qué? A mala nova, ô a mala, a mala, vela? Qual é qui tu pricisa?

Aí, aí eli falu ansim: – É a nova.

Então eu vu com a minha velha pra lá pra minha casa.

Delá eli pegu e fui simbora cum a velha deli.

Delá, delá eli pegu cabadu.

CODA

Terminô a história deli.

NARRATIVA 18:
As peripécias de João e Maria

RESUMO

Uma vez era o Juão com a Maria.

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Daí elis tavu, andandu.

Daí (...) aí eli falu, falu ansim: – Maria vu subi aqui (...) ondi, ondi tem ma fumaça.

Daí eli (...) subiu e viu na fumaça longe.

Andaru, andaru, andaru e chegaru na casa da Velha Gulosa.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Daí elis chegaru lá.

Eli falava: – Hei, meu filhu!

Daí eli falu ansim: – Maria, hoji tu vai inchê água. Juão tu vai parti lenha.

Nisso qui o Juão tava partindu lenha, o pai deli passu lá e falô ansim: – Juão a Velha Gulosa tá mandandu vocês incheri água i, a Maria inchê água, e tu tá partindu lenha. Mas ela tá colocandu água no tacho e tu tá partindo lenha pra fazê um fugaré *(fogaréu)* e colocá o tacho imcima dela. Quandu tivé fervendu a água bem popocandu ela vai mandá vocês dançari na bera do tacho, aí, daí si vocês dançari ela vai impurrá vocês lá no meio.

Falô ansim (...) daí ela falô ansim.

Daí ela falô ansim: – A sinhora (...) qui a genti dançassi igual a mim. Ah! minha sinhora nos ensini que num sei. Nos insini primero.Daí hora quela tivé dançandu, vocês impurru *(empurrem)* ela, dentro do tacho.

– Tá.

Partiu a lenha, fez o fogu.

RESOLUÇÃO

Ela falu: – Oh! meu filhu, dê uma dançadinha assim no meio.

– Ah! Já minha vó, ela num sabi dançá.

Daí elis falaru ansim.

Ah! Minha vó num, num sabi dança.

Daí na hora que a água tava rebuiandu.
Depôs elis impurraru ela. Tchipum! (sonorização)
Daí ela falava: – Água, meu neto!
– Azeti, minha vó!
– Água, meu neto!
– Azeti, minha vó!

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Daí eli pegu, daí eli pegu deu três rimpada.
Depôs deu três rimpada, e falu... deu três... deu três rimpada e falu: – Rompi-matu, Comi-céu, vini *(venham)* e Quebra-ferru!
Daí pulu *(pularam)* os três cachorro.
Daí eli foi simbora andandu.
Daí elis tavu *(estavam)* numa casa.
Daí falu Maria (...) *(na realidade quem deveria ter falado era João)* – Maria fica aqui que eu vô panha bacaba.
Na que eli foi panhá bacaba, na hora que eli dexô os três cachorro trancado no quarto. Dexô os três cachorro trancado no quarto.
Daí, (...) daí, dali coisa eli pegu, na hora qui tava lá incima apanhando no cacho de bacaba. Aí veiu o bicho de sete cabeça falô:
– Agora vô te matá, dexa falá só três palavra.
– Pode falá até dez.
Eli falô: – Rompe-mato, Comi-céu, vinini, e Quebra-ferro.
Sairu *(saíram)* jugando paredi.
Chegaru lá, eli falô: – Podi devorá essi bichu aí!
Elis traçalharu o bicho.

RESOLUÇÃO

Daí um dia elis sairu pru matu daí ficô só a Maria lá. A Maria tava lá, na hora que ela, que ela tava lá vem bandidu (...) quiria matá.
– Dê licença de falá.
Chamô os três cachorro mataru bandido.

CODA

Daí acabô a história...

NARRATIVA 19:
O papagaio, a coruja e o macaco

RESUMO

Uma vez, uma vez tinha uma, tinha um papagaiu na casa du homi. Tinha um homi, cuma, tinha um homi já. Tinha um homi qui tinha um papagaiu cuma mulhé.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Aí delá eli falava ansim: – Olha mata essa papagaia que essa papagaia, que ela num qué falá.

Aí delá, tinha um passageru.

Aí delá tinha uma curuja, lá, ela fui, la, dispenaru tudinho a asa, i jugaru gucu lá no toco do pimental.

Aí delá, fui... fui... fui crescendu a asa dela. Ela pegu e tinha aí... aqueli falu: – Eu vu... eu vu matá essa, essa aqueli, essa papagaia.

Aí ela pegu e avuu *(voou)* ligeru e entrou dentru do cu do gavião... da curuja quê *(quero)* dizê.

Aí ela falava ansim quela entra no cú da papagaia... do aqueli... da curuja.

Aí delá, aí o passageru fui (...) e o papagaio falava ansim: – Lá dentru, hei, atira, atira na frenti. Mas num atira atrás.

Num era pra atirá nela quela tava atrás.

Dela, aí eli pegu, eli pegu falu ansim: Cumé pra mim atirá?

Ela muito alto, muito feio.

Aí delá, eli ficu... ficu... ficu...

Dela eli fui lá fui e atiru.

Aí delá viu o aqueli, a curuja.

Ela saiu rápido e avuu foi simbora, lá fui... lá fui... fui... Ela brigu muito cum pintinho.

Matu pintinho.

Aí tinha um filho de piru.

Delá ela fui pegu, brigu o piru matu.

Ela e o piru si viru num papagaio

Eli morreu.

Aí vieru imbora.

Aí delá, aí chegô lá, aí tinha um aqueli, filhu de macaco num...num buraco de pau.

Delá, dessi... do buraco.

Aí delá falaru ansim: – Hhei! Umbora, umbora fazê uma casa pra nós?

– Umbora.

Aí delá eli fui eli.

Aí eli pegu, eli pegu aqueli, um, um isteio, o macaco foi experimentá si dava conta de levá.

– Bora vê que eu dô conta?

Colocô ansim na costa deli, ela foi avuandu... foi... foi...

Ela falô: – Eu dô conta.

– Entãu carrega.

Aí leva agora a invira pra amarrá, qui num rebentô delá do outro lado.

Aí delá, eli fui avuá.

Eli fui ansim tipo um lago assim qui (...) lá.

Era boca duma duma cobra. É dessa? Jibois. Jiboia. Dessa qui aqueli a genti (...) ela quiria mundiá a genti.

Aí delá ela fui, a jibóia, aí ela quis avuá... avuá... Ela fui si jugou dentro da boca da cobra.

Daí veu... veio o macaco. O macaco que dizê qui caiu na bocona dela i ela cumeu, mascô, aí a masca delá, ela cumeu tudinha.

AVALIAÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

Dela num demora lá vem o papagaio.

Chegu o papagaio lá: – Mas cadê?

– Mas taqui o fiu, ela fui... fui puchando, foi com bico.

Delá fui, delá, delá quandu ela viu aqueli, masevu amarra, igual como tá marradu neli lá.

– Amarra um bichu aqueli.

Aí quandu ela... quandu ela viu tinha outro lado.

Delá ela marru *(amarrou).*

Aí ela fui avuá.

Dismanchou.

Ela fui avuá caiu lá.

Ela pegou cumeu.

CODA

Cabu (...).

NARRATIVA 20:
A visita dos Apóstolos de Cristo

RESUMO

Ø

ORIENTAÇÃO DA AÇÃO

Aí a mulhé falô: – Olha num te falei qui si fosse Deus, olha vê a nossa casa cumu eli já dexô nossa casa nova aqui.

– Não, mulhé, mas issu é, é obra di Deus.

– Qui Deus nada (...)

Aí ela correu assim prum outro caminho qui cortava na frenti e foi avisá pra uma cumadri dela qui morava (...) no vizinho dela, lá.

Aí falô: – Olhi, Cumadri, quandu vim um bucado di homi aí, pedi hospedagi aqui na sua casa, num dê que elis são muito feiticeru (...)

– Mais é!

Aí o cara tava só escutando. O marido dela.

COMPLICAÇÃO DA AÇÃO

Quandu *(foi por)* vorta assim umas onzi hora.

Barrô *(bateram)* lá a rapaziada.

Aí falô cum mestre da casa lá

Pediu hospedagi.

Eli deu.

Aí tinha um pexi só pru almoço delis.

Aí a mulhé tirô logo no meio e falô: – Eu vô logo cumê o meu qui o besta eu sei que eli vai dá pru pessual tudinho. Essi pexi aí.

Aí ela falô: – Olha, maridu, taí tua cumida qui o meu já tirei.

Aí eli falô: – Mas, mulhé, o que eu vô fazê?

Eu vô butá pru pessual aí (...) muitu besta que tu é.

Não mintu, ela num tinha cumido inda não. *(corrige a informação).*

Ela tinha só separado. Tirô a parti dela e dexô a deli.

Aí eli falô: – Eu vou dá pru pessual.

Ela disse: – Olha num dá pessi *(para esse)* pessua, tudu essi pexi, que aindagora minha cumadri veiu aqui me avisou qui são fiticero. Transformaru a casa dela e tão até com medo de disabá, incima delis.

Aí ela chamu: – Olha pessoal venhu aqui cumê, umbora pegá uma merenda aqui, vucês me discupi que é pocu, mas dá pra nós.

– É umbora lá.

O pessual fizeru que cumero... u... u teba lá pegô assim a panela e olhô dentro e tampô né, tampô e chamô a rapaziada e sairu de lá.

E quando o homi foi lá, a panela *(estava pelo)* meio de pexi a panela.

Aí mulhé: – Num te falei que elis eru feticero, te falei.

Aí a mulhé foi cumê.

– Agora vô tirá a barriga da miséria também.

Aí chegô lá baxaro o pau na cumida. Aí entrô uma espinha na garganta dela.

Aí dispidiu i foru imbora, ela ficô passando mal.

– Mulhé, vô corrê atrás desses homi.

– Aí, quem sabi um delis num sabi, um delis num sabe tirá espinha.

– Vai que elis já fizeru metê espinha na garganta.

Aí eli correu atrás, correu atrás i...

– Hê, para aí.

Pararu.

– O que você tem?

– Não eu num vim aqui com vocês. Sempri quandu a genti anda em turma assim sempre tem um que intende de... de injeção (...) sempre tem um que manja todas coisa.

Eli disse: – O qui é qui tá pegandu?

– Não é a minha esposa, foi, tava cumendu e atravessô um espinha na garganta dela.

Aí... o: – Olha, falhi cum essi rapazinhu mas novu.

Aí eli falô: – É, Brás, vai lá.

Aí eli fui olha.

– Tu chega lá i fala ansim com a velha... é... é casa velha cheia arroz, homem bom mulhé ruim, prato ti benzo (...) e mandu iscarrá.

AVALIAÇÃO DA AÇÃO

Ø

RESOLUÇÃO

Aí eli chegu lá, na maió catimba.

– É a sinhora qui tá cum ispinha na garganta?

– É.

Aí eli dissi: – Casa velha cheia arroz, homi bom, mulhé ruim, prato ti benzo (...) iscarra aí.

Iscarru e a espinha pulu logu.

Aí ela falu: – Bão! Dessis feticeru sim, agora eu sei, vai, vai cum teu zóio pra lá queu vô ficá cum meu.

Num quis nem sabê. Pessual ficaru assombradu, aí elis foru imbora, foru imbora.

CODA

Até hoji.

Referências

AZEVEDO FILHO, Leodegário de. *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, HUCITEC, 1979.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: _____. *O óbvio e o obtuso*: ensaios críticos III. Tradução: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNSTEIN, B. Estrutura social, linguagem e aprendizagem. *In*: PATTO, M. H. S. (org.). *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. p. 129-151.

BRANDÃO, Carlos. Pontos de vista. Texto básico: quais as questões básicas, hoje, para um debate sobre pesquisa participante? *Em Aberto*, Brasília, ano 3, n. 20, p. 13-23, abr. 1984. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/1867/1606. Acesso em: 12 dez. 2022.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CASSIQUE, Orlando. *Tambouros do Itapocu*. Belém: UFPA/PROPESP, 1995. (Relatório técnico-científico)

CASTRO, José Carlos. Résistance et survivance des communautés noires de la région du Baixo-Tocantins (Amazonie Brésilienne). *Bicephale Europe – Amérique Latine*, n. 2, 1980.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: MELLO, Linalda Arruda (org.). *Sociedade, Cultura & Língua*. João Pessoa: Shorin, 1990.

CHAVES, Albeniza de Carvalho e. Contribuição da Semiologia para a Análise Ideológica do Texto Literário. *In*: Linguística e Literatura. Belém, UFPA, 1980.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução: José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: A. Amado, 1975. 372 p. (Colecção Studium. Temas filosóficos, jurídicos e sociais)

COUTO, Hildo Honório do. *O Crioulo Português da Guiné-Bissau*. Johanesburg. Verlag Buske. 1993.

_____. As partículas exclusivas no crioulo guineense. *Papia*, v. 3, n. 2, p. 34-42, 1992.

CRUZ, Regina C. F. Trindade. Aspectos Enunciativos da Afirmação na Fala dos Negros de Cametá. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1., Salvador, 1994. *Anais*... Salvador: UFBA, 1994.

CRUZ, Regina C. F.; VANZELER, José Heleno Prestes. Por que e para que escola na zona rural: uma avaliação do sistema multisseriado. Trabalho apresentado, em forma de Painel, no VI Seminário de Iniciação Científica da UFPA, Belém, outubro de 1995.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

DAVIS, Claúdia; GATTI, Bernadete A. A dinâmica da sala de aula na escola rural. *In*: THERRIN, Jackes; DAMASCENO, Maria Nobre (coords.). *Educação e Escola no Campo*. Campinas, SP: Papirus, 1993 (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico)

ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística do Brasil* – condicionamentos geo-econômicos. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. *Sociolinguística* – uma introdução. Rio de Janeiro: Padrão; Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1987.

FERREIRA, Ana Mira Valente e outros. *Já me vu de canua* – um estudo do fonema /r/ no português de Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará. Cametá, PA: UFPA, 1992. Mimeo.

HAED, Brian. Subsídios do atlas prévio dos falares baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 1, p. 21-34, 2012. DOI: 10.20396/cel.v1i0.8636618. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636618. Acesso em: 12 dez. 2022.

HOUAISS, Antônio. *O Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Unibra e Centro de Cultura, 1985.

LABOV, Willian. *Sociolinguistique*. Paris: Minuit, 1976.

MBODJ, Ch. *Phonologie du créole de Guiné-Bissau*. Dakar: Centre de Lingüistique Appliquée, 1979.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

_____. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Civilização Brasileira, 1972.

NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

PINTO, Celeste; CRUZ, Regina. *Quilombo do Mola*: local de ramificação e ponto de partida para uma reconstrução historiográfica. Recife: ANPHU, 1995.

RIBEIRO, João. *A Língua Nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SANTOS, Antônio José Assunção dos. *A Mãe do Corpo e a Natureza*. Cametá, PA: UFPA, 1992.

SANTOS, Juana Elbein dos. O negro e a abolição – Alguns subsídios para uma crítica da memória nacional. *Revista de Cultura Vozes*, ano 73, n. 03, v. LXXIII, Especial "O Negro e a Abolição", abr. 1979.

SARÉ, Larissa L. P. *Filha de pais pobres*: um estudo do discurso da imprensa paraense no caso Paiakã - anteprojeto de dissertação de mestrado. Belém: UFPA, 1994. Mimeo.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert. Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e lzidoro Blikstein. 13.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

SCANTAMBURLO, Luigi. *Gramática e dicionário da língua crioula da Guiné-Bissau*. (Gcr). Bolonha: Editrice Missionária Italiana, 1981.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios; 9)

TRAGER, George Leonard. The language of America. *American Anthropologist*, v. 57, n. 6, p. 1182-1193, 1955.

ULMANN, Stephen. *Semântica* – uma introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

WESCOTT, Roger W. A. *Ideofones no Bini e no Inglês*. Tradução: Cristina Santos Lima. Nova York: Associação de Lingüística Internacional, 1973.

WILSON, W.A.A.U. *The crioulo of Guiné*. Johanneburg: Wintwatersrand University Press, 1962.

TAMBOUROS E VOZES DO ITAPOCU



Orlando Cassique Sobrinho Alves

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (1979) e mestre em Letras-Lingüística pela UFPA (2002), foi professor adjunto da UFPA, com experiência na área de Lingüística, com ênfase em Sociolingüística e Geografia Lingüística, atuou principalmente nos temas da sociolingüística variacionista.

FACULDADE DE
LINGUAGEM
Língua Portuguesa
CUNTINS-UFPA

35 anos
CURSO DE
Letras
FAL/CUNTINS/UFPA

ISBN 658814013-4
9 786588 140130